



## DESCOBRIR-SE AUTOR

# CRÔNICAS

Inspiradas em Notícias

Quando acaba a luz, todo mundo é igual

Uma eterna dança

Pronta para o mundo, o mundo copbe em mim



PREFEITURA DE  
SÃO PAULO

**Prefeitura de São Paulo**

Ricardo Nunes

Prefeito

**Secretaria Municipal de Educação**

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

**Maria Sílvia Bacila**

Secretária Executiva Pedagógica

**Samuel Ralize de Godoy**

Secretário Adjunto de Educação

**Ronaldo Tenório**

Chefe de Gabinete

**Sueli Mondini**

Chefe da Assessoria de Articulação

das Diretorias Regionais de Educação - DREs

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO



**DESCOBRIR-SE AUTOR**

---

---

# CRÔNICAS

---

Inspiradas em notícias

SÃO PAULO, 2025

## COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Lucimeire Cabral de Santana - Coordenadora

## DIVISÃO DE CURRÍCULO - DC

Elisângela Nogueira - Diretora

### Equipe DC

Adriana Zenezi  
André de Pina Moreira  
Ariana Souza de Santana  
Beatriz Sampaio Miguel  
Caio Marques Fernandes  
Daniela Justino do Nascimento  
Deborah Barroso Sodré  
Eduardo Murakami da Silva  
Eva Aparecida dos Santos  
Fabiana Bezerra Nogueira  
Fernando Sales Vitorino  
Fernanda Depizzol Paes Ferreira  
Karine Evelyn Alves Carvalho  
Kelly Aparecida Brandão Avelino  
Luana Marganelli Esberard  
Luciene Aparecida Grisolio Cioffi  
Rafael Francelino dos Santos  
Samir Ahmad dos Santos Mustapha  
Solange Cristina Corregio

### Estagiários(as)

Alicia Menezes Santos  
Beatriz de Almeida Pagni  
Gabriel Luiz Maschietto - revisão

### NÚCLEO DE LITERATURA

**Academia Estudantil de Letras - AEL**

**Academia de Letras dos Professores - ALP**

Samir Ahmad dos Santos Mustapha

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

Descobrir-se autor : crônicas inspiradas em notícias. - São Paulo : SME / COPED, 2025.

168 p. ; 21 x 21 cm

Volume 9 resultante da 14ª edição da Semana de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

ISBN: 978-65-88021-62-0 (livro físico)

ISBN: 978-65-88021-61-3 (livro digital)

1. Literatura brasileira. 2. Escolas municipais. I. Título.

CDD 22. ed. B869

Código da Memória Documental: SME154/2025 - Atualização 1

Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede - CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em conformidade à Lei nº 9.610/1998, reconhece a especial proteção aos direitos autorais, mediante autorização prévia e expressa do detentor da obra. No caso de eventuais desconformidades, reitera o compromisso de diligentemente corrigir inadequações.

Consulte material disponibilizado em [educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br](http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br)

Publicação disponível no Centro de Documentação da Educação Paulistana – [educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/odp](http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/odp)

**Uma notícia está chegando lá do Maranhão. Não deu no rádio, no jornal ou na televisão. (...) Tem gente boa espalhada por esse Brasil, que vai fazer desse lugar um bom país!**

Milton Nascimento e Fernando Brant – Notícias do Brasil (Os pássaros trazem)

## CARO (A) LEITOR (A)!

Temos aqui um livro, construído com a autoria e criatividade dos estudantes da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, no qual notícias curiosas, fatos, tragédias deram origem a textos literários em formato de crônica, gênero literário que surge dos fatos cotidianos.

A publicação é parte integrante das ações realizadas na 14ª Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, criada pela Lei nº 14.999/09, de autoria do professor vereador Eliseu Gabriel.

Esta edição do livro Descobrir-se Autor coroa os 10 anos da primeira publicação, que conta com produções autorais dos estudantes do projeto Academia Estudantil de Letras – AEL.

Parabenizo aos estudantes e professores que desenvolvem o projeto, ampliando o repertório cultural dos estudantes, incentivando o trabalho coletivo e a favorecendo na formação leitora dos jovens participantes.

Boa leitura!





*Como você cresceu, menina!  
Como você cresceu, AEL!*

*Eu vi você pequenina,  
ensaiando os primeiros passos...*

*Eu vi você crescendo  
em graça, beleza, ternura, maturidade, personalidade, convicção...*

*Nas suas mãos puras e inocentes  
o meu sonho encontrou guarida  
e a minha alma se aconchegou...*

*Nosso jardim de concreto  
recebeu as primeiras sementes  
e o solo foi cedendo, cedendo, cedendo...*

*Nasceram tímidos os primeiros brotos  
de sementes lançadas ao vento,  
que buscaram outros ares, outros lugares, outros ventos...*

*Veja, menina, como está lindo o nosso jardim!*

*Que jardineiros são esses? Incansáveis,  
amorosos, bondosos,  
que cuidam de você e de mim,  
em vinte anos de puro amor?*

Sueli Gonçalves, Suelizinha



# SUMÁRIO

## Diretoria Regional de Educação - DRE

Butantã .....	9
Campo Limpo .....	21
Capela do Socorro .....	31
Freguesia/Brasilândia .....	39
Guaianases .....	47
Ipiranga .....	59
Itaquera .....	71
Jaçanã/Tremembé .....	97
Penha .....	105
Pirituba/Jaraguá .....	117
Santo Amaro .....	129
São Mateus .....	137
São Miguel .....	145
Coordenação da AEL nas DREs .....	165



the 2010-11 season.

DRE

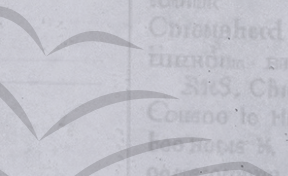
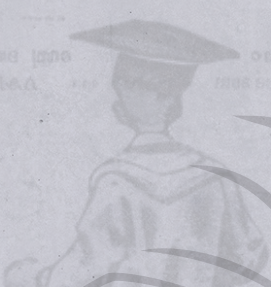
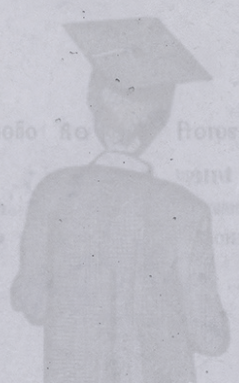
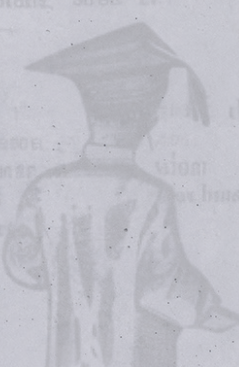
# BUTANTĂ



ed  
l are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





# Os gatunos mais temidos da Flórida

*Gato é 'preso' suspeito de furto nos EUA*

(Folha de S. Paulo - 24/11/2022)

**E**STIMADOS leitores, o que eu vou contar pode parecer um delírio, mas juro que foi verdade! Em uma noite escura e estrelada, tudo estava silencioso numa casa na Flórida, onde um casal morava com dois gatos. O casal amava muito seus gatos, mas nunca imaginaram que eles fugiriam para caçar comida.

Pois enquanto o casal se preparava para dormir, seus bichanos se preparavam para caçar. Contam as más línguas que os gatos até falaram!

— Os donos nos deixaram sem alimento algum! Então, agora vamos caçar algo para comer. - falou o gato indignado.

— Mas como vamos fugir?

— Ué, pela janela. - miou o outro felino.

Eu não estava, mas juro que foi assim! Os gatos foram saindo da cama do casal, e andando devagar até chegar à janela. Quando o segundo gato foi sair, o casal acordou assustado, e eles presenciaram um rabo peludo saindo da janela. No entanto, acharam isso normal porque já estavam acostumados. Assim, os gatos continuaram os seus caminhos.

— Vamos para aquela casa!

— Não! Aquela, eu quero aquela!

— Não, não, para! Ah, se ninguém se decidir, vamos para uma casa que ninguém goste.

Meus caros leitores, eu também duvidei da artimanha desses animais, mas o ser humano se acha tão superior a tudo ao seu redor, que jamais suspeitaria da inteligência desses felinos.

A partir desse momento, os gatos entraram na casa e foram procurar comida, até que acharam uma mesa cheia de sachê! Ficaram tão felizes que bagunçaram toda a mesa. Nem se atentaram para o fato de poder haver outros ga-

tinhos no local. Já os moradores acordaram no meio da madrugada e chamaram imediatamente os policiais.

— Alô! Socorro! Tem um ladrão na minha residência!!! Eu estou escutando muitos barulhos vindo da cozinha daqui de casa - gritou a moradora ao policial.

— Ok, senhora. Você viu o suspeito? Pode descrevê-lo?

— O quê!? Acho que foi uma quadrilha muito perigosa, com olhar aterrorizante, pareciam dois pontos vermelhos. Não consegui ver mais que isso.

Após essa descrição, não houve dúvida, e os policiais foram até o local do suposto crime e lá encontraram um dos absurdos mais absurdos da semana! Eles se depararam com dois gatos, largados em cima da mesa, ronronando de felicidade e de barriguinha pra cima. Disse um dos policiais:

— Não acredito! Era isso que vocês queriam me mostrar? Da próxima vez, chamem os veterinários. - e olhou de novo para os gatos e disse: — Mas são tão fofinhos! Ha ha ha.

O que ninguém esperava aconteceu: os tais policiais tão durões acharam isso tão engraçado que prenderam os gatos na delegacia e, a partir daquele dia, eles se tornaram os mascotes mais temidos das redondezas, “presos” atrás das grades.

Querido leitor, você acredita em mim? Você acha que eu, um narrador de prestígio, enganaria, vossa excelência? Ser humano tem muito que aprender!

# Crianças fugitivas

*Câmeras flagram fuga inusitada  
de crianças de creche em Osasco*

(Gazeta de São Paulo - 26/02/2025)



**T**INHA tudo para ser um dia normal: pessoas madrugando, saindo para o trabalho, rua movimentada, ônibus lotado, criança indo para escola, só que não! Nesse dia, precisamente, quatro crianças fizeram uma arte que ninguém esperava: após serem deixados na escola onde cursam o primeiro aninho, eles simplesmente decidiram fugir para a sua antiga escola, a creche mais próxima. O que eles não contavam era que acabariam se perdendo, justo no meio do caminho onde tinha uma pedra! Caminhavam, quando o menor deles tropeçou na pedra e percebeu que o muro não era o mesmo da creche. Nessa hora, um casal apareceu:

— Crianças, o que estão fazendo aqui? Não deveriam estar estudando?

— Sim, é o que queríamos, chegar até a creche onde estudávamos – disse o do meio.

— Mas a creche está logo ali. Quantos anos vocês têm?

— Temos seis, por quê?

— Então, a escola de vocês é a outra, no final da esquina, onde tem primeiro ano.

— Mas não queremos estudar lá. Naquele lugar, criança não pode brincar à vontade, só escreve até cair o dedo – e mostrou o dedinho vermelho de tanto escrever.

Era um absurdo: uma escola que não respeitasse o direito das crianças de brincarem. Enquanto o casal conversava com as crianças, os pais delas chegaram ao local, desesperados e explicaram toda a situação.

— Elas são do primeiro ano. A gente tinha levado todas elas para a escola de ensino fundamental.

Nessa hora, seus pais falaram bem baixinho em seus ouvidos:

— Por que vocês fugiram?

— Porque nós queríamos voltar a ser bebês.

Os pais, por um lado, envergonhados por verem os filhos fazendo traquinagem; por outro lado, estavam indignados, ao perceber que não eram felizes no primeiro ano. Levaram suas crianças para casa e tiveram uma longa conversa.

No dia seguinte, a conversa foi na escola, com a direção, tentando entender o que aconteceu e ver se mudariam a atitude, se necessário.



# Tesouro de família

*A mensagem numa garrafa encontrada após 135 anos*

(G1 - 19/11/2022)

**E**M uma segunda-feira qualquer, um homem de 50 anos chamado Peter Allen estava cavando um buraco no terreno onde construiria sua nova casa, quando encontrou um bilhete de 135 anos atrás, que estava dentro de uma garrafa, escondida naquele local. O tal bilhete dizia:

“Olá, você deve ser o portador desta carta! Eu fui o primeiro morador desse imóvel e, naquela época, aqui havia 77 chaminés porque, na verdade, aqui existia uma antiga fábrica que foi abandonada e demolida anos depois. Em uma delas foi guardada a grande relíquia da família.”

Nessa mesma hora, Peter Allen foi contar o que achou para seu filho mais velho que havia voltado da escola:

— Filho, descobri que estamos ricos! Tem um tesouro escondido em algum lugar debaixo da terra, onde havia chaminés.

— Pai, vamos achar e eu vou comprar um videogame e você um automóvel de luxo.

Os dois já faziam planos como se já tivessem todo o dinheiro do mundo. Começaram a cavar cada pedacinho do terreno. Acharam dentadura velha, ossos de animal, um espelho quebrado e nada da tal relíquia! Até que, após cavarem o dia inteiro, se depararam com outra garrafa, com um pergaminho dentro com a seguinte mensagem: “A grande relíquia”, com uma foto do antigo proprietário dizendo: “Sou seu primo Lindolfo de trigésimo quarto grau”.

Nesse momento, os dois herdeiros perceberam que não havia tesouro em espécie, mas sim a grande história dos seus antepassados.

Caro leitor, como vocês podem observar, para que DNA? Basta passar o dia inteiro, feito um camelo, cavando todo o terreno e encontrar uma fotografia de um parente fantasma!

**U**MA tartaruga chamada Tortuguita estava atrapalhando o trânsito. Um moço, testemunha do ocorrido, ligou para o xerife, dizendo que tinha um animal causando um congestionamento enorme na via principal da cidade. O xerife foi ao local e, chegando lá, percebeu que era a tartaruga de Rebeca, sua esposa. Ele a identificou por causa da unha pintada de rosa pink, justo a cor de que sua esposa mais gostava. O tal xerife ligou para a mulher, relatando sobre o episódio e ressaltou que não haveria jeito: teria que prender o bichinho de estimação!

Rebeca, desesperada, foi correndo à procura da sua tartaruga, chegando a ameaçar o marido de divórcio, caso ele encarcerasse a pobrezinha. Ao chegar na delegacia, ela agarrou Tortuguita, enchendo-a de beijinhos e a levou para casa. Quando chegou lá, a bolsa da Rebeca caiu no chão, junto com a chave de casa. A tartaruga, bem bobinha, confundiu a chave que abre a caixa de correio com petiscos e a engoliu, sem que sua dona percebesse.

Para completar, pensando que estava protegendo a bichinha, levou a tartaruga para ficar na casa da vizinha, que tinha sete filhos. Ora, com toda essa criançada, era de se esperar que alguma traquinagem elas iriam aprontar. Dito e feito: botaram o animal em cima do skate e o empurraram ladeira abaixo, indo parar novamente no meio da pista, quase provocando um acidente.

Dessa vez, não havia como ignorar o fato: o guarda de trânsito foi chamado e comunicou o incidente ao xerife.

Furiosa com as crianças, com o marido e com a Tortuguita, Rebeca teve que ir ao local de trabalho do marido, para pagar a fiança e liberar seu bichinho. Depois, teve que ir ao veterinário, pagar o procedimento para retirar a chave do estômago “de avestruz” da tartaruga. O caso quase virou um divórcio litigioso, quando ele inquiriu:

— Você escolhe: ou eu ou essa tartaruga que só dá prejuízo e me faz passar vergonha!

Sem titubear, a mulher escolheu. O marido cumpriu com o que achava ser seu dever em relação à tartaruga, mas pagou um preço alto diante da mulher: dois longos meses dormindo sozinho no sofá da sala, enquanto a fiel escudeira de Rebeca lhe fazia companhia, dormindo na sua caixinha, no chão do quarto.

Pois é, há batalhas que sequer devemos encarar, pois já são casos perdidos!



# Cão ou homem, eis a questão?

*Japonês se transforma em Collie com fantasia  
ultrarrealista de R\$ 75 mil*

(G1 - 26/05/2022)

**C**ARLOS estava caminhando no parque, distraído com as estrelas, quando tropeçou em algo grande, não identificado por causa de uma iluminação fraca que vinha dos postes.

Continuou andando, sem enxergar um palmo diante do seu nariz, a não ser pela ideia de usar a lanterna do celular. Ainda assim, essa luz não era o suficiente. Assim que deu mais dois passos, viu um vulto no chão. Pulou para trás, quando percebeu que era um cão deitado. Carlos não tinha medo de nada, nem da morte, mas, de cachorro, sim. Por causa desse temor, sempre ouvia uma voz interior: “Vai, Carlos, ser valente na vida!”.

Pois não ouviu a tal voz. Ele, que tem um medo alarmante, soltou um grito agudo, fazendo com que o cão, que estava quieto, levantasse a cabeça assustado com a aparição do indivíduo.

Mas coisas estranhas não paravam de acontecer. Subitamente, uma sombra surgiu de trás do banco da praça, e caminhou em direção a ele. Ao chegar mais perto, viu que era uma mulher com uma cara carrancuda, que dava passos rápidos ao encontro do suposto animal, até segurá-lo pela coleira.

— Sinto muito, ele não sabe se comportar. — disse a dona do cão.

— Você sente muito? Eu senti muito, eu quase infartei, com medo dele. — disse Carlos, histericamente. — Você não pode deixar seu animal solto por aí!

A mulher não gostou do tom e deu uma resposta com olhar enfurecido, que o cão reconheceu na hora sua irri-

tação e respondeu à altura: ficou em duas patas. Isso mesmo, ficou em pé, e o Carlos desfaleceu no mesmo instante, caindo para trás. Nessa fração de segundos, um filme passou pela sua cabeça: “por que não fiquei em casa?”. Por fim, ainda meio desacordado, ouvia uma voz dizendo:

— Por acaso você tem algum preconceito contra cachorro? O que eu fiz para você reagir assim?

Carlos abriu os olhos e não acreditava no que via e ouvia. Era o cão, em pé, com uma voz bem fininha, falando com ele.

— Não é possível! Eu devo ter morrido ou estou em algum pesadelo, não sei. — Nisso, a mulher que estava ao lado, tinha desaparecido e o cachorro continuava.

— Ei, você está bem? — e cutucou o ombro do Carlos, com a pata dianteira. — A mulher, a tal suposta dona do cão voltara e estava em pé ao lado do seu bichinho de estimação, com uma faca na mão.

Carlos não disse palavra. Saiu em disparada para longe daquela loucura. O que ele não sabia era que a mulher usaria a faca para cortar a fantasia de cachorro que o marido estava usando. De tão grande, ele tropeçou e ficou caído no meio da praça, quando Carlos o encontrou. Depois acham que são os animais os bichos raros!!!

Ana Beatriz de Souza Araújo, 11 anos

Esther Santana de Souza Silva, 12 anos

Ícaro Gonçalves Ribeiro, 13 anos

Lívia Soares Albino, 14 anos

Maria Eduarda de Souza da Silva, 13 anos

Maria Fernanda de Freitas Peguim, 12 anos

Manuela Silva Vieira, 11 anos

# Os gatos e o leite em pó

*Caminhão tomba na Marginal Tietê  
e carga de leite em pó é saqueada*

(G1 - 25/04/2025)

**E**RA uma vez um motorista que dirigia um caminhão bem grande, carregado com 18 toneladas de leite em pó. Ele seguia pela estrada, tudo normal, até que... veio uma curva bem fechada. O caminhão escorregou no chão molhado e tombou!

Os sacos de leite em pó voaram para todo lado. Foi uma bagunça só! O chão ficou todo branco, parecia até que tinha umas vacas penduradas no céu com chuva de leite.

Mas o mais engraçado ainda estava por vir. De repente, começaram a aparecer gatos. Um, dois, dez... muitos! Ninguém sabe de onde vieram. Parecia até que tinham fugido da loja pet ao lado.

Os gatos começaram a lamber o leite em pó do chão, felizes da vida. Era como se estivessem numa festa! Eles se esfregavam, rolavam, lambiam e pulavam. Era tanta alegria que até parecia que estavam em um parque de diversões.

Mas aí... o leite acabou.

E os gatos ficaram bravos. Muito bravos!

Eles olharam para o motorista e pensaram:

— Foi ele que não trouxe mais leite!

E então começaram a correr atrás dele! O coitado do motorista fugia, mas os gatos eram rápidos. Subiam nas pernas, no caminhão, arranhavam, miavam alto. Quem passava por perto também levava uns arranhões. Foi uma confusão maluca!

E essa história termina com um final todo desajeitado... motorista arranhado, gato cansado, leite saqueado. A gente sabe que os gatos, na verdade, eram só pessoas... e gente com fome tem que lutar com unhas e dentes pela sua comida, não é?

Anna Luyza Souza Siqueira, 10 anos

Davi Lucca Dos Santos, 9 anos

Eloara Tenório Marques, 9 anos

Gabrielly Duque Dos Santos, 9 anos

Giovanna Maria Amorim Mazer, 10 anos

Heloisa Felix Luna, 10 anos

Heloysa Magalhães De Oliveira De Sousa, 10 anos

Kaio Tavares De Souza, 9 anos

Larissa Nascimento Da Silva, 9 anos

Laura Lorrany, 9 anos

Lucas Nascimento Da Silva, 11 anos

Luiz Henrique Dos Santos, 9 anos

Luiza Marques Crachi, 10 anos



# Ano-novo e seus cookies

*Ex-fuzileira do Exército americano, Mariela encontra paz vendendo cookies em Santos*

(Folhapress - 29/03/2025)

**E**M pleno ano novo, chegou meia-noite. A praia lotada, quando começou o show: fogos, luzes, rojões e gritos de alegria. Na praia, ela ficou louca, alucinando que estava na guerra, então ela voltou para casa para fazer cookies, a única coisa que lhe acalma.

Enquanto cozinhava, se assustava com o barulho de um ou outro rojão que ainda estourava. Lembrou-se do seu passado. Parecia que estavam jogando granadas na cozinha e, às vezes, pegava massa dos cookies e jogava para se defender, achando que estava sendo atacada.

Depois que os fogos acabaram totalmente, a ex-fuzileira parou espantada diante de tanta bagunça em sua cozinha, onde fazia tantos doces, porque agora tem sua própria loja de cookies para relaxar.

— Ai, minha cozinha! Que bagunça é essa? Melhor começar a limpar agora mesmo.

De repente, quatro dos seus filhos - porque uma estava na guerra, seguindo o histórico da mãe - junto com amigos, chegaram da praia e, quando viram a bagunça, ficaram espantados, perguntando:

— O que aconteceu, mamãe?

Mas lembraram que todo ano novo a mãe tinha essas alucinações do Afeganistão por causa dos amigos que perdeu. Sentiram dó, mas também amor e muito orgulho pela história de vida da mãe, que já passou por tantos

lugares diferentes e hoje é uma fuzileira aposentada e uma ótima doceira.

— Os rojões não deixam esquecer o passado, o cheiro da morte vou carregar pra sempre. Por isso eu prefiro o cheiro dos cookies. Querem cookies para comemorar o ano novo?

— Simmmmmmmmmmm!!!!!!! Todos queremos cookies! - gritaram felizes e animados.

Alycia Binhardi da Silva, 10 anos

Catarina Oliveira de Sousa, 12 anos

Elisa Myllene de Sousa Silva, 9 anos

Fernanda Ayumi Fuzita, 12 anos

Isabela de Lima dos Santos, 11 anos

Kalu Nascimento de Jesus, 10 anos

Kauê Rodrigues Reis, 10 anos

Laura Ribeiro Ferreira, 11 anos

Marcela Ferreira de Castro, 10 anos

Matheus Sasso Silva, 12 anos

Olivia Nanami Watanabe, 10 anos

Olivia Santos Zenari, 11 anos

Pedro Sasso Neto, 11 anos

Rafaella da Silva Costa, 11 anos

Rebeca dos Santos Alves, 11 anos

Sabrina Souza de Oliveira, 9 anos

Valentina Telles Rego Monteiro, 11 anos

Vitor Kentaro Mio Souza Rodrigues, 9 anos

Yuri Santos Zenari, 9 anos

# Mulher aciona a justiça

*Mulher aciona Justiça após virar alvo de chacota no trabalho por pedir licença-maternidade para cuidar de bebê reborn*

(G1 - 29/05/2025)

**E**STAVA em casa preocupada com minha filha. Ela não estava comendo direito, não ria como antes e estava muito calada esses últimos dias. Então, decidi levá-la para o hospital.

Quando cheguei, Marina estava dormindo. Deixei um pano em sua cabeça para a luz não atrapalhar seu sono, e fui em direção à recepção.

— Boa tarde, gostaria de passar com a pediatra. - disse enquanto segurava minha filha no colo.

— Boa tarde, senhora, me passe os dados da sua filha.

Entreguei os documentos de Marina, e aguardei, quando reparei na cara curiosa da recepcionista. Ela disse:

— A senhora está falando sério?

— Sim! Minha filha não está bem.

— Por favor, senhora, se retire do estabelecimento, tenho que atender pessoas com problemas importantes.

— Mas, moça, minha filha...

— Desculpe, senhora, não posso ajudá-la.

Fui para casa, revoltada, não entendia o porquê de aquela mulher arrogante não atender minha família.

Mais tarde, deixei minha filha dormindo no quarto, quando meu amigo advogado recém-formado ouviu tudo o que ocorreu. Ele disse que eu poderia processar o hospital por não atender minha filha e ignorar a importância do atendimento à minha pequena, e eu, então, estava decidida a fazer isso.

No dia seguinte, fiz todo o processo com Marco. Mandamos para eles responderem judicialmente. Uma semana depois, foi para todos os jornais, mas estava evitando dores de cabeça, minha pequena ainda estava comendo pouco, não brincava como antes, então recebi uma visita:

— Ah, mãe!

— Você está louca? Processar um hospital por nenhum motivo?

— Como assim? Mãe, eles se recusaram a atender minha filha.

— Você só pode estar louca.

— Mãe, ela precisava de ajuda!

— Ela quem? Sua filha? Ela?

Minha mãe aponta para o berço de Marina que estava cochilando.

— Minha filha, senta aqui... - aponta para o sofá, me sento.

— Querida, olha para mim...

Eu olho.

— Ela se foi há dois anos, filha...

— Não, para...

— Mas é verdade!

— Cala a boca...

— Ela se foi há dois anos, filha...

— Não! Não fala, não termina...

— Isso que está dormindo é uma boneca! Ela não tem vida, é apenas um pedaço de borracha!

Foi nessa hora que meu chão se abriu. O muro derubado apenas por algumas palavras. Palavras pesadas, feito um golpe fatal em meu peito, coisas, sensações e memórias. As memórias que estavam trancadas no fundo de minha alma a 7 chaves, que agora estavam lá à tona.

Tudo de que fugi, o luto, a dor, a falta.

Marina, minha filha, morreu há dois anos de leucemia, com apenas seis meses. Agora aquilo a que me entregava, minha filha querida, olhava melhor e via que era uma boneca, um pedaço de borracha que, em algum momento, achei que fosse minha - minha cria, minha linhagem, minha família, era uma simples boneca.

E agora quem sou, ou quem fui, não importa mais. Marina não está mais aqui, nunca esteve por completo, agora éramos só eu e minha perda.



# Entre duas portas, uma vida

*Passageiro morre após ficar preso entre a porta do trem e a  
da plataforma da estação do metrô Campo Limpo, em SP*

(G1 - 06/05/2025)

**S** AÍ de casa com meus fones no ouvido. Tocava Racionais. Estava no mesmo passo de sempre: vinte minutos de caminhada, dois lances de escada rolante, e lá estavam elas — as pessoas-formigas, espremi-das umas contra as outras, tentando chegar a algum lugar.

Era mais um dia comum. Ou, pelo menos, parecia.

Campo Limpo, 7h47. O trem já vinha lotado. Fiquei esperando o próximo, como faço às vezes quando não quero ser empurrado feito pacote. Enquanto esperava, vi um homem com a camiseta do Slipknot. "E aí, curte também?", perguntei. Ele respondeu que sim, sorriu e colocou os fones. Fim da conversa. Voltei para dentro de mim.

Finalmente, o trem. As portas se abrem como bocas famintas. As pessoas se empurram. E foi aí que tudo parou. Ele correu. Eu vi. A porta se fechava e ele tentou passar. Parte do corpo entrou, parte não. As duas portas — a do trem e a da plataforma — se fecharam como se estivessem combinadas. E ele ficou ali. Preso.

Gritaram. O trem andou. O corpo ficou. Uma vida prensada entre duas portas.

Não era mais uma formiga. Era um homem. Um trabalhador.

E o mundo seguiu. Como sempre segue.

No fone, Racionais ainda cantava: "A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo...".

O pior ou melhor, nem sei dizer, tudo foi "resolvido" em menos de 20 minutos. E já sentado, dentro do trem.

Olhei meu reflexo no vidro, me vi nele. Uma lágrima es-correu. Talvez por ele. Talvez por mim. Talvez porque, no fundo, a gente vive assim — entre duas portas, equili-brando-se entre o cotidiano e o caos.

Voltei pra casa naquele mesmo dia com a imagem gra-vada nos meus olhos. Liguei a TV e só tinha o de sempre: preconceito, violência, estatísticas. Mais tarde, disseram um nome e contaram a história que eu infelizmente pre-senciei: Um trabalhador, pai, que faria aniversário 5 dias depois. Talvez fosse fã de Slipknot, como aquele cara que encontrei na escada e troquei duas palavras antes do caos. Tantos talvez, eu imaginei...

Entre duas portas, ele ficou. A do trem. A da platafor-ma. A da vida. A da morte.

Uma porta se abre e outra se fecha. Entre elas, sempre a pressa. Sempre o risco. Sempre a pergunta: vamos voltar para casa hoje? Eu, hoje, voltei.

Alice Bacelar Mesquita da Silva, 15 anos

Cibelly Feitosa Silva, 15 anos

Eduardo de Sousa Lisboa, 15 anos

Isabela Moura da Silva, 15 anos

Lara Seixas de Pinho, 15 anos

Laura Ribeiro Monteiro da Silva, 15 anos

Maria Eduarda Alves dos Santos Pereira, 15 anos

Miquéias Barbosa dos Santos, 15 anos

Mirella Santos de Matos, 15 anos

Stella Assis Candido, 15 anos

Vitória Aparecida da Silva, 15 anos

# Queremos um mundo de paz!!!

*Irã atualiza para 935 número de mortos por conflito com Israel*

(G1 - 30/06/2025)

**A**ULA de História. O professor começou a falar sobre atualidades e abordou o tema da Guerra entre Irã e Iraque. A sala ficou em silêncio, todos sentindo a dor e os horrores desse momento de tensão.

Vivemos em tempos de guerra. Aliás, nunca tivemos tempos sem ela. Primeira Guerra Mundial. A Segunda Guerra e o Nazismo. Guerra do Vietnã. Guerra Fria... O ser humano briga por poder, território, dinheiro, petróleo, etc. A ganância é a causa de tantos conflitos e tudo isso é muito ruim. Os líderes mundiais poderiam buscar formas pacíficas para resolver os problemas existentes no mundo.

Infelizmente, existe uma indústria que promove a guerra e ganha com ela: armas são vendidas, bombas, sistemas de espionagem, satélites, tecnologias de ponta. Todo esse investimento poderia ser destinado ao combate à fome, às doenças, à habitação, à construção de um mundo melhor e mais justo. Um mundo de paz.

Todos sofremos com a guerra, desde os envolvidos diretamente com ela, até os que sofrem suas consequências. A vida fica mais difícil para todos, principalmente para os que estão em região de conflito. A guerra entre Israel e a Palestina, por exemplo, gerou muitas mortes. Crianças, mulheres, idosos morrendo com a violência das bombas e da fome. Atualmente, a expansão dessa guerra envolveu, também, o Irã e outras pessoas inocentes que estão sofrendo com tudo isso.

Uma colega de classe mostrou o livro que estava lendo no momento: “O Diário de Anne Frank”. Anne foi uma

menina que sofreu e morreu por causa da Segunda Guerra Mundial e do Nazismo na Alemanha. Em seu diário, tão famoso e publicado por seu pai anos após sua morte, podemos acompanhar as consequências e os efeitos de atos tão terríveis. Crianças e adolescentes retirados da escola, passando necessidades, perseguidos, afastados de sua família, fora de suas casas por causa da ganância humana.

A sala estava em luto. Luto por todos aqueles que perderam suas vidas nos conflitos anteriores. Luto por aqueles que estão vivendo o horror neste momento. Luto por aqueles que ainda irão partir.

Queremos um mundo de paz!!! Um mundo em que ninguém passe fome, sede, que todos tenham onde morar, um trabalho digno, igualdade, educação de qualidade, respeito e humanidade. Um mundo sem violência, sem preconceito, sem desmatamento, sem guerra. Um mundo melhor para as crianças. Um mundo melhor para toda a sociedade.

Erick Douglas, 12 anos  
Lara Santos, 11 anos  
Ana Beatriz, 11 anos  
Vanessa Anadeto, 12 anos  
Erick Junio, 11 anos  
Isabella Soares, 11 anos  
Pedro Henrique, 11 anos  
Luis Henrique, 12 anos  
Yara Marília, 11 anos



the 2010-11 season.

DRE

CAMPO

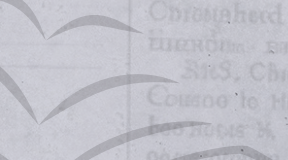
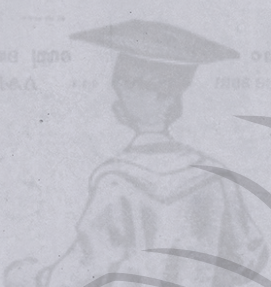
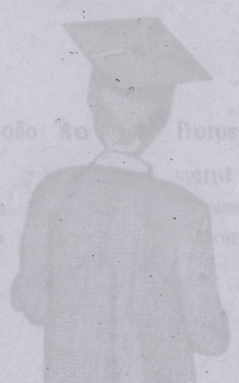
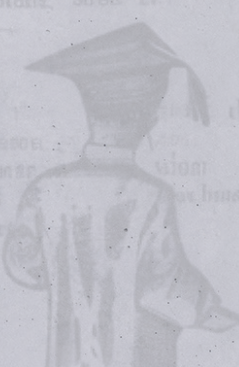
LIMPO



ed  
I are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





## Quando o mundo parou

**F**INAL de fevereiro de 2020. Acabou o carnaval. Aquele ano tinha tudo para ser como qualquer outro ano, mas algo aconteceu e tudo mudou. A Covid-19 surgiu e a pandemia se instaurou e, com ela, a quarentena, o álcool em gel, as máscaras e o distanciamento social. Um pesadelo que eu sequer havia sonhado se tornou real.

De repente, estou em março, dia 18 para ser mais exato. Eu me lembro.

— Paulo Viana. — disse a professora.

— Presente, professora. — eu respondi.

Ela tinha preparado uma dinâmica, começou a juntar as carteiras no meio da sala e explicou que aquilo era aglomeração. Depois, afastou e disse que aquilo era distanciamento social. Claro, uma metáfora. Fomos avisados por ela que teríamos 15 dias sem aulas, a turma ficou em êxtase, foi a maior comemoração.

Primeira semana em casa. Foi tudo tão maravilhoso... Tudo era festa. Confraternizações com os amigos em casa, jogar videogame o dia todo, usar o celular da minha mãe para jogar ao invés de entrar na aula on-line.

*Governo decreta quarentena no estado de SP  
para impedir avanço do coronavírus*

(G1 - 21/03/2020)

Com o tempo, só se via comércios fechando as portas. O shopping nem abria mais. O tédio era inevitável e a farrá terminou.

O silêncio veio à tona. Falar com meus amigos, só por meio das redes sociais e olhe lá. Os dias passavam cada vez mais devagar, e o tédio me preenchia cada vez mais. Dava para ouvir as batidas do meu coração, e o ponteiro do relógio fazia eco. Minha visão sobre a quarentena mudou, não era mais algo divertido como antes. Na televisão, só notícias de hospitais, umas pessoas em estado crítico e outras que foram a óbito. Tudo virou medo e sofrimento.

Dia 8 de setembro de 2020, a pandemia deixou de ser um problema externo, ela bateu na minha porta, e eu não pude evitá-la. Dona Maria, minha avó, foi internada com falta de ar e suspeita de Covid-19. Dois dias depois, minha mãe me liga: minha avó foi entubada às pressas. Passamos a semana com esperança, todos torcendo pela sua melhora. Enquanto nos organizávamos para o almoço, o telefone tocou, minha mãe atendeu e caiu em prantos. Eu entendi, minha avó faleceu, e a dor era diária.

Fevereiro de 2021, a ansiedade voltou. Sabia o que

esperar, finalmente as aulas presenciais voltaram. O dia chegou, o uniforme mal cabia. Tinha medo de não ser mais amigo dos meus amigos ou de não ter intimidade com eles. Com a pandemia, fiquei neurótico com o uso das máscaras e álcool em gel. Fui para a escola e deu tudo certo. Tinha distanciamento social e até placas de acrílico nas mesas de intervalos, me sentia atrasado em relação aos conteúdos. Enfim, voltamos à vida tentando construir um novo normal. A Covid-19 não acabou, mas tenho esperanças de que, em breve, tudo vai voltar a ser como antes, e o terror dessa doença chegará ao fim.

Abdiel Yuri da Silva, 14 anos  
Aila Lima dos Santos, 13 anos  
Alex Ramon Rodrigues da Silva, 13 anos  
Ana Júlia dos Santos Pessôas, 15 anos  
Ana Alice da Silva Souza, 12 anos  
Brenda Brito da Silva, 15 anos  
Davi Balieiro de Lima, 13 anos  
Davi Gonçalves Ponciano, 14 anos  
Gustavo Martins Ejimadu, 14 anos  
Isabella Nicole Hipolito Silva, 12 anos  
Israel Ribeiro Rocha, 13 anos  
Julia da Silva Lopes, 13 anos  
Julia Flaviana Santos, 14 anos  
Lara Beatriz Nascimento Leal, 12 anos  
Luana Carvalho Rodrigues, 14 anos  
Lucas Kallyl Oliveira de Moraes, 14 anos  
Ludimila da Silva Lima, 13 anos  
Maria Clara Santos Matias, 14 anos  
Mariana Siqueira Da Silva, 14 anos  
Maryana Alves Do Nascimento, 13 anos  
Mateus Eduardo Candido da Silva, 13 anos  
Miguel Ribeiro Sales, 13 anos  
Paulo Roberto Ferreira Firmino Dos Santos, 14 anos  
Peterson Pierre Pereira do Couto, 15 anos  
Ryan Victor Pereira Jardim, 15 anos  
Sabrina Ferreira Da Silva, 12 anos  
Steffhanye Mota Silva Oliveira, 14 anos



## Bebês renascem

*"Mãe de bebê reborn não tem preferência",  
diz aviso sobre lugar em ônibus*

(CNN Brasil - 16/05/2025)

**N**O alto de uma luxuosa ponte, um luxuoso carro vagava num luxuoso e lento trânsito.  
— Não quero mais essa boneca feia, mamãe!!! Compre Uma Nova!!! Melhor, mais cara, mais bonita!!! - berrou uma doce criança.

A luxuosa boneca foi então jogada pela janela diretamente para o rio embaixo da ponte. Quais serão os luxuosos destinos que tal objeto terá a honra de percorrer?

A quilômetros de onde uma boneca era jogada da janela de um luxuoso carro, na infeliz e famosa Cracolândia, em São Paulo, Atri Cyane armava sua barraca debaixo de uma infeliz ponte e puxava seu pequeno saco de trapos para mais uma noite fria e triste. Ela acendeu um cigarro, e outro, e mais outro e mais outro, até que vê boiando na água... um bebê se afogando?

— MIRANDA! – exclamou a pobre mulher. — O que está fazendo aí, minha filha? Pensei que você tinha me deixado no inverno passado, naquele dia em que cheguei tarde no abrigo e os cobertores tinham acabado!

A mulher se levanta com certa dificuldade, e com muito trabalho consegue se equilibrar sobre as pernas bambas pelos narcóticos. Corre desajeitada até a margem do rio, sente o cheiro característico de sua casa, podre...

— Você some por meses e quando aparece não olha nem para a minha cara? Pode ao menos tentar nadar até a borda? – não houve resposta.

Após longas tentativas, Atri, finalmente, conseguiu pegar a boneca sem cair no chorume... Quero dizer, na água.

A mãe abriu o seu maior e mais desdentado sorriso.

— Você é tão linda, Miranda! Vamos, a mamãe vai te secar. Ah, claro, a senhorita precisa de roupas novas. Doe

suas antigas quando achei que você morreu. Como eu não tenho dinheiro, amanhã vou ter que pedir para quem tem na rua. Ou posso achar algumas roupas no rio. – a boneca não teve reação ao entusiasmo da mãe.

Frequentemente, as pessoas trocavam suas roupas luxuosas por novas roupas mais luxuosas e na última moda. As roupas eram jogadas em qualquer lugar, inclusive no rio.

Após uma noite fria, porém feliz, já que a mulher dormiu agarrada aos seus bens mais preciosos (sua filha e seus entorpecentes), as duas foram ter um 'dia de compras', como dizem os ricos.

Começaram pelo rio, mas, por mais estranho que pareça, não encontraram absolutamente nenhuma roupa, o que era incomum para uma cidade onde o consumo compulsivo era um hobby para muitos da classe alta, então decidiram ir para as ruas.

Rodaram por horas pelas ruas infelizes da Cracolândia, o cheiro era insuportável e era difícil ver, pois uma fumaça densa e escura tomava o ar do local habitado apenas pelos mais necessitados e menos ajudados.

Mesmo com medo da classe alta, andaram cerca de um quilômetro e meio até chegar num bairro nobre, onde o ar era puro, passarinhos cantavam e o Sol emanava seu resplendor.

Após um tempo vagando nas ruas luxuosas e planejadas, Atri Cyane se deparou com uma mulher de nariz empinado. Ela tinha uma aura de riqueza, cheirava a cigarro e carregava algo familiar em suas mãos... Miranda?

A Atri não podia acreditar, olhava para seus braços e para os da outra incessantemente, sem disfarçar.

— Ei! O que você pensa que está fazendo com minha

filha, sua maluca? – gritou sem pensar duas vezes.

A madame de nariz em pé ficou pálida. Nunca se viu conversando com um necessitado. Com muita força para não gritar, falou:

— Meu Deus! O que esse belo bebê faz com você?! Você roubou? Claro que roubou! Não acredito que eu, Eliana Muska, estou presenciando um sequestro! Vamos, me dê! Você não merece ser mãe dessa boneca!

As bebês nem piscavam. As peles brilhantes como plástico, mas aveludadas como borracha tinham um tom rosado e artificial nas bochechas, eram, como a moça havia dito, bonecas.

— Miranda é minha filha! Eu não posso perdê-la de novo, você não pode tirá-la de mim! Não entendo como você está com ela ao mesmo tempo que eu a carrego, mas daqui a pouco passa o efeito dos narcóticos que traguei, e minha visão volta a ser normal!

— Você disse “Miranda”? Tenha mais respeito! Essa em meus braços é minha querida filha Vanessa! Se há alguma dúvida, vamos ao hospital aqui perto, fazemos um exame de DNA e vemos quem é a mãe dela! Com certeza serei eu, mas não acho que o seu exame dará positivo, nem para Vanessa e nem para Miranda. Você não pode ser a mãe de ninguém! Aceita? O hospital está logo ali.

Ambas então andaram lado a lado até o local, fitando olhares raivosos entre si. As duas se achavam igualmente certas nesta situação, e estavam dispostas a fazer o que fosse preciso para provar suas respectivas maternidades.

Antes mesmo de elas conseguirem entrar no hospital, Cyane foi barrada na porta por um segurança.

— Desculpe-me, senhora, aqui nós não aceitamos pessoas como você. – disse com uma voz áspera e grave.

— É o quê? – falou a moça, desesperada.

— Senhor, por favor me ajude! Essa mulher roubou uma de minhas filhas! As gêmeas não podem se separar assim! – gritou a megera de nariz empinado.

O segurança via a situação claramente: uma pobre mulher rica estava vivendo sua vida luxuosa com seu luxuoso hobby, quando, de repente, um infeliz monstro de olhos vermelhos apareceu e roubou seu bem mais precioso: sua boneca, para vender e comprar entorpecentes.

Atri Cyane foi expulsa aos berros graves do segurança, andou cerca de 500 metros, chegando a um ponto. Ela entrou num ônibus e pagou a passagem com o único dinheiro que tinha. Sentou-se no acento amarelinho com sua filha em seu colo sujo e se perguntava: “por que as pessoas não gostam de minha bela Miranda?”

Ao redor de Cyane, um cochicho se espalhava: “que mulher doida! Se sentando no preferencial só por estar com uma boneca, como pode?” – olhares ameaçadores a cercavam.

Miranda não tinha reação.

Ainda no hospital, Eliane Muska recebia uma oferta:

— A senhora teria interesse em nosso tratamento psiquiátrico?

— Tratamento? Mas é claro que não! O que você está insinuando?

— Bom, é que sua filha não é bem...

— Não abra a boca para falar de Vanessa! Eu vou embora daqui!

Enquanto entrava no seu luxuoso carro, um burburinho se espalhava no local: “coitada! Ela realmente pensa que aquela boneca é sua filha? Deus a ajude!” – olhares de pena a cercavam.

— Vanessa, minha bela, por que as pessoas não gostam de você? – perguntava-se Muska. — Mas que dia cheio, não é? Interagimos com aquela pobre por 10 minutos inteiros! Coitada da infeliz criança que a acompanhava. Ai, precisamos esfriar a cabeça, talvez com... um dia de compras!

Vanessa não tinha reação.



# A vaca no telhado

*Vaca é resgatada após subir em telhado de casa no interior de SP: 'Depois do susto, a gente ri', diz moradora*

(G1 - 31/10/2024)

**N**INGUÉM sabia o que tinha acontecido para isso ocorrer, mas simplesmente ocorreu. Vamos voltar um pouco no tempo para entender essa história.

Em uma noite, aparentemente normal, as vacas do senhor Geraldo estavam comendo grama e pensando... calma, vaca pensa? Enfim, tinham vacas. Na madrugada, testemunhas relataram ter visto uma sombra de um disco gigante sobrevoando ali. Uma luz forte surgiu, e as vacas começaram a subir uma por uma, apesar de que as vacas não voam. No dia seguinte, a cidade inteira comentava sobre o ocorrido.

As notícias correram pela cidade, surgiram curiosos de toda a parte, todos queriam saber o que havia acontecido com as vacas e como conseguiram chegar no telhado. As demais vacas ficaram deitadas no capim, observando o alvoroço, mas, para ser sincero, nada parecia importar para elas.

Surgiram muitos comentários. Diziam que as vacas criaram asas e voaram, outros diziam que alienígenas vieram buscá-las. Mas certeza do que realmente havia acontecido, isso ninguém tinha. A polícia foi chamada para tentar resolver o mistério das vacas no telhado e, com o passar da investigação, os buchichos do povo assustavam todos na região.

O mais curioso dessa história é que as vacas pareciam gostar da vida no telhado e não queriam descer. Como ninguém conseguia retirá-las, até criaram estratégias, mas nada adiantou. Até que, quando nada mais poderia ser feito, as vacas do telhado já tinham até se tornado uma espécie de ponto turístico dos que acompanhavam os milhares de memes pela internet... Elas começaram a pular lá de cima. Sim, vaca pula também.

Pulavam do telhado, mugindo e se espalhando pelas terras para comer o capim verdinho. E então, deitavam como se nada tivesse acontecido em suas rotinas perfeitamente pacatas de vaca. E até hoje fica a incógnita de como elas chegaram no telhado, mas isso é coisa de cidade pequena, tudo pode acontecer.

# Padrão manipulador?

*Jogador do Palmeiras chora após racismo:  
"O que fizeram é crime".*

(Metrópolis - 06/03/2025)

**S**EMPRE foi assim! Todos querem opinar. Em qualquer lugar, somos obrigados a ouvir gente dando palpites onde não é chamada e tentando nos manipular a seguir um "padrão". Certo dia, um jogador saiu aos prantos após o término do jogo, por não se encaixar no padrão imposto pela sociedade.

Foram milhares de situações de preconceito durante a história. Então, decidimos analisar tanto o preconceito quanto as manipulações que se estabeleceram ao longo dos séculos. Eu imagino que se fossem noticiados mostrando a história e o padrão de um planeta manipulador, as principais pautas seriam:

- 1500: Escravidão: novo trabalho obrigatório que consiste, como forma de pagamento, os escravos receberem o auxílio discriminação, que tem prévia média de um milênio e será fornecido por europeus e seus descendentes.
- 1600: A Fogueira: nova técnica estabelecida para detectar supostas "bruxas".
- 1700: A Guilhotina: novo método utilizado em nobres franceses, durante a revolução pela igualdade.
- 1800: A Liberdade: alguns escravos foram libertos e países também, mas serão julgados e receberão a discriminação, até então eterna...

- 1900: Uma Conta Matemática: preconceito + mortes por nascer em determinado lugar = 1 combo da nova rede de fast food alemã que irá lançar nesta terça-feira, 28 de julho, deste lindo ano de 1914.
- 2000: A perfeição: magreza extrema, loira e fútil, perfeita como os filmes nos ensinam.
- 2020: Empoderamento: o coach Manuel afirma que empoderar-se é uma escolha individual que ninguém liga.
- 2300: Continua Hierarquia: presidente CO<sub>2</sub> decreta lei que separa pessoas com máquinas das pessoas sem máquinas. O país segue utilizando uma segregação socioespacial e econômica, e ele afirma que "mais máquinas equivalem a uma vida melhor!"
- 2500: Lixo Humano: presidente-robô CO<sub>2</sub> afirma que quem trazer a vida de volta será jogado junto ao lixo humano.

Um planeta assim até parece engraçado e preocupante, mas ele infelizmente existe e é conhecido como Planeta Terra.



## Guarda compartilhada

*Bebê reborn vira objeto de disputa  
entre casal, diz advogada*

(G1 - 14/05/2025)

**A**BRIGA chegou ao meu escritório. Um casal de boçais recém-separados resolveu disputar a guarda do bebê. A mãe, parte que me procurou, alegou seu apego emocional pela criança, relatando que a outra parte, no caso seu ex-marido, também insistia em ter a guarda da filha, alegando ter muito carinho por ela.

A mãe me contou que seu afeto pela recém-nascida é algo muito profundo e deu início no dia em que, saindo do trabalho e passando por uma praça ali perto, a encontrou esquecida no chão, coberta por uma mantinha. “Não hesitei em pegá-la no colo. Naquele momento, foi amor à primeira vista”. Disse-me a mulher com os olhos úmidos. E continuou: “levei a bebê para casa”. Além disso, disse-me que todas as despesas com a criança foram assumidas por ela: enxoval, móveis do quarto, brinquedos... Também por esse motivo não era justo que a outra parte ficasse com a guarda.

Em princípio, o ex-marido se opôs a ficar com a criança. Como fazia parte de uma família muito conservadora e cheia de preconceitos, temia comentários negativos, “se estava abandonada, algum defeito teria”. Seria mais conveniente tentar ter seu próprio filho, o que, obviamente, não resolveria o problema. Ela me disse que mesmo com o posicionamento contrário do companheiro, insistiu e ficou com a pequena. Com o passar do tempo, ele foi aceitando e criou até uma conta em uma rede social para a menina, que viralizou rapidamente. “Era uma menina

de ouro”, dizia ele. A ponto de chamá-la “minha filha”.

Interessou-me o caso da disputa familiar. Apeguei-me pela dramática história da menininha nas mãos de pais com um casamento em pé de guerra. Fazendo algumas anotações, pedi para que a mãe me apresentasse a casa, para que visse a situação em que ela e a criança estavam vivendo, procurando incrementar os argumentos em defesa da moça. Minha intenção era propor uma guarda compartilhada. Ela, prontamente, me levou até o lar onde vivia, me convidando para sentar no sofá luxuoso. Não era surpresa que a sala de estar estivesse repleta de brinquedos de criança, chupetas, fraldas e cobertores bordados com o nome da neném. Aqueceu-me o coração ver o cuidado que a senhora tinha para com aquela criança que, embora adotada, havia conquistado um lugar tão especial em seu peito. Pensei em como é bom saber que existem pessoas assim no mundo, que se importam com criancinhas que passaram por situações de destrato e abandono.

— Se não for pedir muito, posso ver a neném? — perguntei pacientemente, dando um gole na xícara de café que havia me oferecido. Ela se aquietou por um tempo, antes de levantar-se, virar-se para o corredor e entrar no primeiro quarto à direita, aquele com uma plaquinha em cores claras e infantis indicando que era o quarto da menininha. Voltou após alguns segundos com uma manta em mãos. A princípio, hesitou em deixar que eu

visse o rosto da criança, porém seus olhos brilhavam de excitação. Ao aproximar-me, vejo ali em seus braços a tão amada criança. Com seus olhos fechados em um sono tão pesado que parecia ser eterno. Seus cabelos tão bem penteados, davam a impressão de que foram colocados fio a fio.

Curiosamente, não pude reparar se seu peito mexia ou não, a cada vez que ela respirava. Será que respirava? Por um instante, cheguei a pensar que não, mas logo imaginei ser coisa da minha cabeça.

A mãe entregou-me a criança, e somente em meu colo pude perceber a vergonhosa e polêmica situação em que me coloquei.

Como poderia a justiça lidar com um caso assim? Como advogados poderiam ajudar o judiciário nessas situações tão inusitadas? Naquele momento, pensei no quanto o mundo estava louco.

Abandonei o caso imediatamente, pois a pequenina resgatada em meio a mantas era somente uma boneca. Muito realista, devo admitir, mas nela faltava o essencial de toda criança: faltava-lhe a vida.



the 2010-11 season.

DRE

CAPELA DO

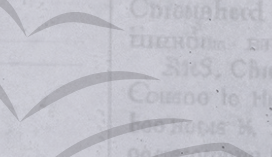
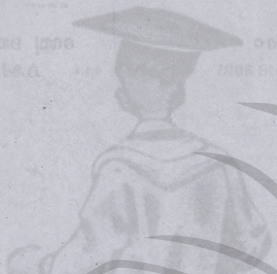
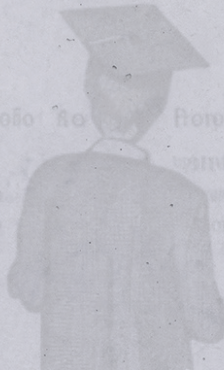
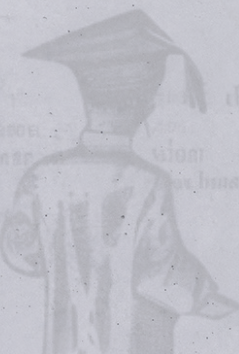
SOCORRO



ed  
l are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





# Será que é meu ponto final?

*'Não faço ideia de como saí desse avião':  
Único sobrevivente de queda de avião da Air India  
ligou para o pai pouco após desastre*

(G1 - 13/06/2025)

**O**UTRO dia, lá estava eu, na clássica ponte aérea São Paulo–Rio. A viagem nem tinha começado e minha mente já estava a mil.

Enquanto eu esperava meu voo (que, claro, atrasou, porque avião que é avião no Brasil não decola no horário nem com reza brava), comecei a reparar nas pessoas ao redor. Tipo espião mesmo. E cada um parecia viver um filme diferente.

Teve um cara todo arrumado, cheio das marcas chiques, celular de última geração colado na cara. Parecia que estava prestes a comprar uma empresa ou perder um milhão na bolsa, sei lá. Estava preocupado com tudo, menos com o voo.

Aí passou o piloto. Gente, ele andava de um lado pro outro, tipo quem esqueceu o gás ligado em casa. Parecia que tinha recém-saído da autoescola de avião. Sei não, mas aquilo não me passou confiança nenhuma.

E a comissária? Uniforme impecável, maquiagem no ponto, parecia pronta pra um desfile no meio das nuvens. Mas, por dentro? Vai saber. O olhar dela era tipo "sorriso automático, crise existencial interna".

Mas quem me chamou MESMO a atenção foi uma menina, mais ou menos da minha idade. Estava nervosa num nível que dava agonia só de olhar. Roía as unhas, balançava as pernas como se tivesse com música na cabeça, tremia as mãos e ainda contava de um até dez. Tipo um ritual secreto da ansiedade. Conferia os documentos

como se tivesse medo de ter virado outra pessoa e não soubesse quem era.

Naquele momento, me bateu uma dúvida existencial: será que esse é o meu ponto final?

Aí lembrei de uma história, um avião caiu, todo mundo morreu... menos um cara, saiu andando, de boa. Como assim? Qual a chance?

Mas pensando bem, perigo tem em todo canto: rua, escola, escada, até na hora de comer bala dura. Então por que a gente surta tanto com avião? Talvez porque ali a gente perde o controle total. Confia em alguém que a gente nunca viu na vida e torce pra dar tudo certo.

No fim, voltei pro velho ditado da minha avó: "Ninguém morre de véspera."

Se é verdade ou não, eu não sei. Mas ajuda a respirar fundo, fechar os olhos... e torcer pra esse voo ser só mais uma vírgula. Porque ponto final, sinceramente, não tô preparada ainda não.

Caroline Neri Martins da Silva, 11 anos

Maria Isabella de Paiva Barros, 12 anos

Davi Gaudêncio Fontes, 11 anos

Eduardo Miguel Falcão de Sousa, 11 anos

Paolla Lopes Oliveira, 12 anos

Maria Eduarda Rosa da Silva Mendes de Matos, 12 anos

Mirella Nogueira Lopes, 11 anos

Ana Carollyne de Andrade Roldan, 13 anos

Maria Clara Viera da Silva, 11 anos

# Balão surpresa

*Tragédia em Praia Grande completa uma semana neste sábado (28) e homenagem foi feita no campo de onde o balão partiu em 21 de junho.*

(G1 - 28/06/2025)

**O**UTRO dia me peguei pensando em uma coisa que ninguém nunca pensou: a segurança de um balão. Sim, balão. Aquele negócio que voa com fogo e uma cestinha de vime pendurada embaixo. Ultratecnológico. Pensei: “Será que é mesmo seguro flutuar no céu dentro de uma cesta que parece saída de feira?”.

E como não tinha ninguém por perto para me responder, resolvi sair perguntando. Sério. Fui de porta em porta no bairro, tipo uma jornalista investigativa versão estudante.

A primeira pessoa que encontrei foi uma mulher de cara fechada e passos apressados, o tipo que parece que está sempre atrasada para alguma coisa, mesmo que não esteja. Perguntei o que ela achava da segurança dos balões, e ela, sem paciência, respondeu:

— Segurança? Balão? Isso não combina. É impossível garantir segurança quando você está literalmente suspenso por ar quente. Desastre anunciado.

Achei elegante. Trágico, mas elegante.

Segui em frente e encontrei um homem chique, desses que parece que vai ao banco só pra se sentir rico. Terno bem passado, cara de quem tem ações na bolsa. Perguntei e ele respondeu sem nem tirar os óculos escuros:

— Bom, quem entra num balão sabe o risco. Ninguém é obrigado.

Traduzindo: “Se der errado, azar o seu. Beijós.”

Voltei para casa pensando. E cheguei à incrível conclusão de que as pessoas realmente enxergam o mundo de jeitos bem diferentes. Enquanto uns veem perigo, outros veem oportunidade. Enquanto uns acham loucura, outros chamam de experiência inesquecível (em todos os sentidos).

Mas, no fundo, a verdade é uma só: Voar num balão é tipo confiar num pão francês segurando um parafuso. Pode dar certo? Claro. Vai dar certo? Ai já são outros quinhentos.

O mais impressionante é que tem gente que olha para um balão e pensa: “Uau, que romântico!”.

E não: “Uau, isso é literalmente um cesto voador amarrado por cordas e sustentado por fogo”.

Mas quem sou eu para criticar? Cada um escolhe como quer encarar o céu. Alguns com os pés no chão. Outros... com a cabeça nas nuvens



# Pronta para o mundo, o mundo coube em mim

*Prontos Pro Mundo: 39 estudantes retornam ao Brasil  
depois de três meses de intercâmbio*

(Governo do Estado de São Paulo - 07/04/2025)

**V**OLTAR para casa depois de três meses é como vestir uma roupa antiga que já era sua. É nostálgico, é cotidiano, mas ela já não é mais a mesma. E você também não.

Na minha primeira manhã por aqui, minha mãe fez café e não se esqueceu do meu chá. Ah, que saudade eu sentia do cheirinho de pão fresquinho, direto da padaria perto de casa.

Na minha primeira semana depois que cheguei, fui dar uma caminhada, respirar e observar. Tudo está tão diferente e igual ao mesmo tempo. Decidi dar uma volta perto da minha escola.

Escola... Fazia tempo que eu não dizia essa palavra. Sentir esse aconchego, esse quentinho no peito... foi como reencontrar uma antiga parte de mim

Meus amigos me contaram tudo o que rolou enquanto eu estava fora, mas posso dizer? Vou amar ouvir os babados ao vivo agora. Quem sabe até ser parte deles, bem, eu já sou, né? Muitos alunos nem acreditavam que era realmente possível isso acontecer.

Voltando para minha casa, nesse fim de tarde, me pego pensando:

O que foi que eu fiz de tão diferente?

Só me lembro de focar um pouco mais nos estudos e aprender a conciliar melhor meu tempo. E boom! Con-

quistas por todo lado. Quem diria? Talvez a mudança não esteja tão longe quanto parece.

Minha mãe disse que eu estou diferente. Meu sotaque mudou, estou com uma carinha mais madura, ela quase chorou ao lembrar que agora eu vim pra ficar, mas, sinceramente, algo mudou em mim também.

Antes, eu tinha muito medo de olhar para fora daqui. Nem pensava em sair da cidade. E agora? Aqui estou, de volta, falando minha língua materna (e até estranhando um pouco).

Conheci culturas, pessoas diferentes, amigos que eu nunca imaginaria ter. Agora estamos em casa, com nossas famílias. Disseram-me que inspirei alguns. Outros me olham com admiração. Eu? No papo? Não sei nem o que pensar de verdade.

Só sei que estou pronta para voar.

Pronta para conquistar mais.

E mais.

Não quero mais ser limitada! Tive coragem o suficiente para ir, e vou de novo, se precisar!

Estou pronta para o mundo. E para o que mais vier!

# O fugitivo e o controle

*Ladrão invade casa, furta e acaba preso dormindo na cama da vítima no ES*

(CNN Brasil - 26/04/2025)

**E**M uma manhã dessas, seu Geraldo, que sempre acordava cedo, estava a caminho da sala para assistir o jornal. Isso já virou rotina em sua vida e, se não o fizesse, sentia como se estivesse descolado do resto da humanidade. Ao ligar a TV e colocar no canal, já deu de cara com uma notícia surpreendente, na legenda dizia: fugitivo é visto pela última vez no bairro das Canoas. Logo se assustou, esse era seu bairro! Da última vez que ligou a TV havia deixado no modo mudo e precisava do controle para que conseguisse ouvi-la, desativando o comando.

— E agora?! Onde deixei esse controle, preciso ouvir essa notícia agora mesmo, e se estiver em perigo?

Geraldo começou a procurar por toda a sala. Olhava debaixo do tapete, entre as almofadas do sofá, na prateleira dos livros, na mesinha de centro. Já havia procurado em todos os lugares e não achou nada pela sala.

— Será que levei ao quarto? Impossível! Nunca tiro ele daqui, posso até deixar em lugares diferentes, mas nunca fora da sala!

Enquanto pensava, a repórter continuava falando, sem explicar qualquer som. Geraldo começou a ficar inquieto, estava certo de que tinha deixado o controle lá. E se o ladrão tivesse invadido a casa, preparado para roubar tudo, mas assim que ouviu Geraldo se escondeu? Essa foi a explicação que encontrou para o sumiço do controle. Agora já não estava só inquieto, estava apavorado. Olhou mais uma vez para o televisor.

— Vão passar na minha rua! (disse em tom baixo,

para que caso o ladrão estivesse perto, não tentasse nada perigoso.)

Colocou na cabeça que precisava sair até a rua e encontrar os repórteres para contar que o bandido invadiu sua casa, mas e se não fosse nada disso, e se só tivesse levado o controle para outro cômodo da casa? Passaria uma tremenda vergonha. Então ficou lá, pensando no que fazer, e, durante um momento de extremo silêncio, ouviu o barulho estrondoso de vidro quebrando da cozinha, cômodo perto da sala. Não aguentou ficar nem mais um segundo parado, era o momento para ver se tinha razão. Foi até a cozinha caminhando devagar e, assim que passou em frente à abertura ligada ao cômodo, viu um vulto. Nesse momento, já não se importava mais em estar certo ou enganado, saiu correndo pela porta da sala que leva à rua e começou a correr para os repórteres.

— Ei, vocês aí! Precisam ir até minha casa agora, o fugitivo está lá, vi com meus próprios olhos!

— Senhor, tem certeza de que o viu?! (retrucou a repórter correspondente).

— Absoluta! Vocês precisam ir lá!

— Ok, chamem a polícia por favor (comentou com a produção).

— Enquanto isso, pode me levar até lá? Precisamos ter certeza de que ele não fugirá.

— Ok, eu levo vocês.

Assim como prometido, Geraldo levou a repórter junto com o *cameraman* que realizava a gravação da reporta-



gem e contou como havia descoberto a invasão repentina. Ao entrar na sala, logo mostrou que não tinha controle, provavelmente iria roubar a TV também se não tivesse ido assistir seu jornal. Levou os dois, cautelosamente, à cozinha e, ao chegar, deu de cara com algo terrível, um rato! Assim que entraram na sala, o animal fugiu pelo buraco da parede. Ele quebrou um de seus vasos, foi daí o barulho de vidro despedaçado.

— Mas então, este foi o vulto que disse ter visto? (indagou o cameraman).

— Eu não sei, pode ter sido, mas e o controle? Quem mais poderia ter pego?

Todos voltaram à sala.

— Por acaso o senhor se refere a este controle?

A repórter apontou o bolso da calça do homem com a ponta do dispositivo saindo para fora do buraco.

— Oh meu Deus, não acredito. Ele estava aqui esse tempo todo?!

— É o que me parece.

— Acho que preciso de óculos. (disse tentando disfarçar a vergonha.)

O senhor se desculpou pelo transtorno e acompanhou a equipe de reportagem de volta à rua. Voltou para casa e voltou para o jornal, tirou a TV do modo mudo e, finalmente, pôde prestar atenção nas notícias. Notou que ainda falavam sobre o fugitivo, obtiveram novas informações: devido à denúncia anônima de um morador do bairro que informou ter a casa invadida pelo ladrão, a po-

lícia foi acionada e encontraram o indivíduo, que entrou dentro de uma das casas pela parte da varanda, onde está escondido até o momento. Ao final da passagem, Geraldo ouviu outro estrondo de algo se quebrando, esse vinha da varanda. Ficou paralisado e disse:

— De novo, não!

# Nur: a primeira ursa polar da América Latina

*Ursa polar que nasceu no Aquário de SP é apresentada ao público pela primeira vez*

(G1 - 27/02/2025)

**N**ASCEU em novembro de 2024, na América Latina, no Aquário de São Paulo (Brasil), a primeira ursa polar. Nur, como foi chamada, foi apresentada ao público em uma quinta-feira, dia 27 de fevereiro de 2025.

Eleanor leu animada e saltitante para sua mãe, Maria. A menina tentou a todo custo chamar sua atenção.

— Mãe! Mãe! Podemos ir vê-la?! Por favor! Ela é tão fofa! Estou te pedindo isso desde que essa notícia saiu! Por favor! E além do mais... já estamos em abril!!! Por favor, mãe!!!

Maria se sentou no sofá, franzindo o cenho enquanto analisava a garota turbulenta. Ela fecha os olhos respirando fundo e, por fim, estende sua mão.

— Eleanor, me dê aqui o celular.

Eleanor, sem hesitar, entrega o celular à mãe e logo depois a fica rodeando em meio a pulinhos de alegria e alguns comentários animados.

— Eleanor, querida, por que você quer tanto ver essa ursinha?

— Ah, mãe! Não é todo dia que nasce uma ursa polar por aqui, né? Por favor! Eu lavo a roupa por um mês inteirinho!!!

Enquanto Eleanor suplicava, sua mãe pensava olhando fixamente para a foto da ursa.

— Se arruma, antes que eu mude de ideia.

Eleanor, no mesmo momento, saiu em disparada para se arrumar.

Depois de um certo tempo, Eleanor e sua mãe partem em direção à estação de metrô Jabaquara e, depois de um longo percurso, elas chegam ao Aquário de São Paulo para ver a tão aclamada por parte de Eleanor: Nur, a ursa polar.

Maria e Eleanor seguiam reto no corredor que entre suas extremidades se encontram belos peixes e placas com informações sobre eles. Depois de uma longa caminhada agradável, cheia de risadas e aprendizado, elas finalmente chegam à parte do habitat da pequena ursinha, que brincava com sua mãe em meio ao gelo.

— Nossa! Ela é tão pequena... Não era para ela ser um pouquinho maior?

A maneira em que Eleanor aborda a situação causa uma leve risada em sua mãe.

— É porque ela ainda é muito filhotinha, minha flor. Assim como um dia você também foi.

— A Nur é a bebezinha da mãe dela, né? Eu sou a sua também, mesmo não sendo tão pequena?

— Você sempre será a bebezinha da mamãe, não importa a idade e o tamanho que tenha...

Após esse passeio, mãe e filha vão embora, levando com elas boas memórias.



the 2010-11 season.

DRE

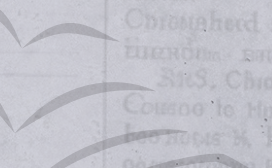
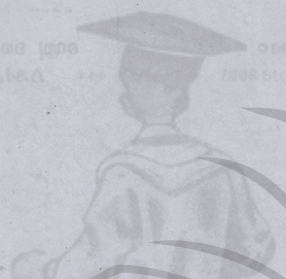
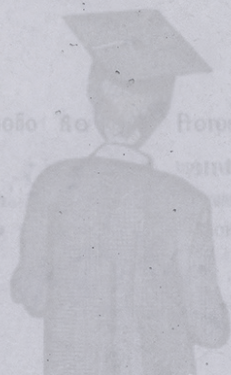
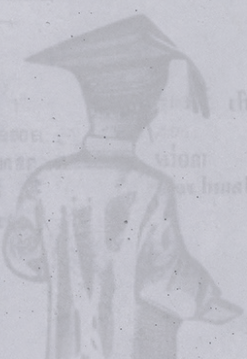
# FREGUESIA/ BRASILÂNDIA



ed  
l are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





*Aluna de 15 anos é vítima de racismo em escola de elite de SP e vai parar no hospital*

(SBT News - 06/05/2025)

— Entrevistamos a principal testemunha deste caso, – disse o repórter – Maria, uma adolescente de 14 anos, presenciou uma aluna de uma escola abastada caída de bruços, com uma pancada na cabeça.

— Foi horrível! A partir do momento em que abri a porta daquele banheiro, entrei em desespero, comentou Maria.

O entrevistador continuou:

— A vítima sofria bullying na escola. Outras testemunhas, como familiares e colegas, relataram que isso já era rotina no dia a dia escolar dela.

É importante relatar que a escola é privada e que tentamos entrevistar alguns funcionários do colégio, mas a diretoria não permitiu que isso acontecesse.

Chegando em casa, Maria denunciou indignada:

— Mãe! Mãe! Você viu que a Ju foi encontrada desacordada no banheiro da escola?

— Sério? Que pena. – debochou a mãe.

— Mãe, a escola não fez nada também. Os alu...

— Pois é! É a vida, filha. – interrompeu a mãe. — Agora, pare de interromper o que a sua mãe está fazendo.

Maria, ao perceber que sua mãe não dava importância para o caso, se questionava: como pode uma aluna quase morrer na escola e a minha mãe não se importar? Maria se perguntava acerca de situações como essa que, a cada dia, se tornavam mais normais e insignificantes. Aquela entrevista terminaria ali com um ponto final ou com um "que pena" e "que azar"? Se ela fosse filha da diretora, será que seria diferente? Algo fez Maria pensar que não.

— Filha, ela é ela, e você é você. – reforçou a mãe.

— Pois é, mãe... será mesmo?

— Filha, você só se preocupa com essa menina porque dizem as mesmas coisas para você: que é "mestiça"; e "não heterossexual". A sua amiga

fez aquilo porque escolheu ser "aquilo". Se fosse mulher de verdade, não teria feito burrada. O pior foi darem importância para "minorias".

A mãe de Maria continuou a falar, e a filha não se sentiu diferente de sua amiga.

# Desacordada

*Aluna de 15 anos é vítima de racismo em escola de elite de SP e vai parar no hospital*

(SBT News - 06/05/2025)



**R**AVENA, uma adolescente de 14 anos, de uma família rica, entrou em casa jogando sua mochila no sofá, gritando por sua mãe e dando passos longos pelos corredores.

— MÃE! MÃE! ONDE A SENHORA ESTÁ? – gritou descendo a escada.

— Ravena Schneider, eu já te disse para não me chamar de senhora!

Estou no jardim.

A menina correu até a mãe para contar sobre o que ocorreu na escola.

— Mãe, a senhora não sabe o que aconteceu hoje na escola!

— Fale rápido, eu não tenho tempo.

— Encontraram uma menina desacordada na sala de aula depois do recreio. Minha professora de História me disse que ela estava sem comer e, por causa das roupas pesadas e do calor, acabou desmaiando.

— Ah, Ravena, isso é bobagem. Tenho mais coisas para fazer.

— Mas, mãe, isso é sério. A menina estava pálida...

— Então era só isso? Você não tem mais nada importante para me falar? Pode ir para seu quarto então.

— Sim, senhora.

Ela seguiu até seu quarto, pensando sobre o que aconteceu na escola e refletindo se seria normal mesmo não atentar para essa situação e não dar voz à essa menina.



# Do tapete do drama ao tapete da fama

*Oscar 2025: Cinema Brasileiro Faz História  
com Vitória de “Ainda Estou Aqui”*

(G1 - 02/03/2025)

**N**O Oscar de 2025, o filme “Ainda Estou Aqui” ecoou no palco do Dolby Theatre. O primeiro Oscar da história do cinema brasileiro na categoria de Melhor Filme Internacional.

Um filme de extrema importância, que retrata a história da família Paiva durante a ditadura militar e o impacto que ela trouxe para o Brasil naquele momento e que refletiu até os dias atuais.

Levaram Rubens e deixaram um vazio; levaram Eunice e uma de suas filhas e deixaram a força silenciada no coração de quem não poderia gritar. Mas o grito engasgado precisou encontrar espaço para se fazer ouvir, e Eunice buscou no luto incerto a força necessária para superar as adversidades, os preconceitos e as violências que sua família sofreu. Encontrou força na presença do seu amado que ainda estava ali, em seu coração, no rosto de cada filho, nas lembranças vividas.

O silêncio na cidade e no mundo não mais se escutava, pois as vozes se alarmaram em lutas constantes por justiça e resposta para àquela e outras situações inexplicáveis. Essas vozes se tornaram um marco histórico e levaram ao reconhecimento internacional o sofrimento das famílias brasileiras durante a ditadura militar. A arte se tornou precursora da denúncia da violência militar de 64 e transformou as telas de cinema em um palco de uma história triste, comovente e inaceitável, aplaudida pelo mundo, tanto pela vitória contra o militarismo opressor,

como pela vitória de atores, atrizes e produtores brasileiros que se empenharam para valorização e visibilidade da arte brasileira no mundo.

Esse prêmio não trouxe de volta àqueles que perderam suas vidas e não apagou o sofrimento das famílias, mas deu às cicatrizes uma história; e à dor, uma dignidade – Eunice Paiva conseguiu na justiça o direito de retificar ao atestado de óbito de seu marido, “não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro no contexto da perseguição sistemática à população identificada como dissidente política do regime ditatorial instaurado em 1964”.

Naquela noite, o Brasil ganhou muito mais que uma estatueta, ganhou o direito de voz e vez, a justiça contra a opressão.

# A culpa é da rede social

*Desextinção do lobo-terrível? Empresa diz ter dado vida a espécie extinta há 10 mil anos*

(G1 - 07/04/2025)

**P**ASSANDO pelo feed da minha rede social, aparecem, pela quinta vez na tela, pessoas comentando sobre a “desextinção” de um animal extinto há muitos anos. Uma fâscia de curiosidade se acende em mim. Buscando me aprofundar na informação, abro um buscador de internet, e a primeira notícia que aparece é sobre isso. Entro no link para ler mais.

“A empresa Colossal Biosciences anunciou em 7 de abril de 2025 a “desextinção” do Lobo Terrível, uma espécie extinta há mais de 10.000 anos.

Os três filhotes, Rômulo, Remo e Khaleesi foram geneticamente modificados a partir de lobos cinzentos, com 20 alterações no genoma para incorporar características dos lobos [...]”.

Depois de um tempo lendo a notícia, percebi que o laboratório é muito perto da minha casa. Como estou sem nada para fazer, ir lá não me custa.

Caminho até o lugar, afasto a lata de lixo que está encostada na parede e vejo a grade de entrada do tubo de ventilação. Levanto com facilidade a grade e entro no tubo. Vou engatinhando pelo metal frio e mal iluminado. Enxergo, depois de um tempo, outra grade, eu a levanto e caio no chão de concreto, gelado e duro. Felizmente, o lugar está um pouco iluminado. Levanto-me do chão com um pouco de dor nas costas. Assim que me levanto, dou de frente com uma jaula coberta. Com três passos, eu a alcanço e tiro o pano:

— Não acredito! Que coisinhas mais lindas! Que fo-finhos!!!

Bem na minha frente, vejo três pequenas bolinhas de pelo, como se estivessem com dor e com fome.

— “Tadinhos”, não merecem ficar aí presos! Falando isso, abro a jaula e, assim que faço, vem o arrependimento de imediato, quando as bolinhas de pelo ganham expressão de feras e pulam.... em mim!!!

Bola de pelo “um”, assim apelidei, morde minha perna e dou um grito.

Realmente tamanho não é documento! A bola quase come um pedaço da minha canela. Correndo pelo laboratório, vejo a bola de pelo “dois” e a “três” mordendo os fios. Não sei como, mas a porta do laboratório abre, em segundos passo por ela.

Sei que não poderia estar ali, então a única maneira de sair seria pela porta da frente... Vasculho o cesto de roupas sujas no vestiário do centro de pesquisas e finalmente acho um pano. Coloco éter nele. Eu me aproximo devagar e sem fazer barulho. Pulo em cima de um homem de jaleco azul. Ele desmaia. Não sei se pelo tombo ou pelo éter. Pego seu jaleco e saio como se nada tivesse acontecido, até um segurança me olhar torto. Será que ele desconfiou? Ele se aproxima e logo diz:

— Seu crachá, doutora! Preciso verificar.

Pronta para mentir, vejo que ele está com o rádio na mão, então, corro!

Vivo uma verdadeira perseguição, mas sim, consigo chegar em casa sem ser capturada. Eu me jogo no sofá e arremesso rapidamente o jaleco roubado para longe. Olhando para minha canela mordida, murmuro:

— Nossa, que aventura!!

Bernardo Henrique Trindade Franchi, 10 anos

Artur Gabryel Lisboa da Silva, 13 anos

Laiane Araújo da Silva, 14 anos

Daniel Bernardo de Novaes, 8 anos

Diogo Batista dos Santos, 13 anos

Lais Araújo da Silva, 9 anos



# Amor dentro de uma garrafa

*A mensagem numa garrafa encontrada após 135 anos*

(G1 - 19/11/2022)

**S**OU uma garrafa. Não sei há quanto tempo estou enterrada na areia e, quando me dei conta, estava nas mãos de um turista que estava com um detector de metais. Ele tirou a minha tampa e começou a ler a carta que estava dentro de mim em voz alta.

“Minha querida E...

Talvez não nos vejamos mais, mesmo assim estou lhe enviando o anel de compromisso. Saiba que eu sempre amei e amarei você. Se eu não sobreviver, seja resiliente e cative a outros, como me cativou. Saiba que você enterneceu meu coração e que a conhecer foi uma experiência de alubrimento”.

Com certeza, o texto emocionou aquele turista, já que seus olhos se encheram de lágrimas. Foi meio esquisito ver um homem quase chorando por uma carta de amor. A última vez que vi um homem foi quando fui jogada na areia da praia, e ele estava bravo. Eu estava presa em meus pensamentos, quando o turista me levou para outro lugar e me entregou dizendo que era uma doação. Percebi que era um museu e fiquei feliz. O ambiente estava repleto de pessoas, e a atendente me colocou exposta numa prateleira em que eu ficaria para sempre, mas uma senhora, já bem velhinha, começou a me olhar. Algo me dizia que ela estava reconhecendo o anel e a carta. Ela lê mais uma vez o texto e começa a chorar. O anel era de seu amado. Na carta havia somente o E. O restante estava apagado pelo tempo e pela umidade, o nome era Elisabeth. Ela reconheceu a letra. Conversou com a atendente e fui entregue para aquela senhora. Agora tenho um lugar de privilégio em seu quarto, na mesinha de cabeceira.

Anna Ritha Silva Felix, 14 anos

Anne Farias Oliveira, 14 anos

Kamilli Sofia dos Santos Monção, 10 anos

Samira Bernardo de Novaes, 13 anos

Milena Manuely Barbosa, 11 anos

Maria Eduarda dos Santos Pergentino, 11 anos

# Por trás de uma lembrança

## *Monstro de Guaianases morre no manicômio*

(Band - 08/10/2025)

**P**ENSANDO aqui, eu tinha 50 anos em 1950, quando a vida parecia feita de pequenos momentos que ninguém imagina serem os últimos. Minha filha Ana tinha vinte e seis anos; e seu filho, Lucas, apenas seis – um garoto cheio de vida e sonhos inocentes.

Naquela tarde, Ana pegou a velha sacola de pano, colocou dentro o lanche do Lucas e disse:

— Mãe, vou levar o Lucas ao parque, só um passeio rápido. Volto logo.

Beijei a testa do meu neto, tentando esconder o nó na garganta. Era como se uma sombra silenciosa me rondasse, um medo que eu não podia nomear.

Eles nunca mais voltaram.

Os dias que se seguiram foram preenchidos pelo vazio e pelo silêncio.

Eu não tinha coragem de mexer nas coisas deles, mas mantive a mochila do Lucas pendurada no mesmo gancho, e o vestido de Ana cuidadosamente dobrado na cômoda – pequenos pedaços de vida que me recusava a deixar partir.

Naquela época, ninguém falava em “Monstro de Guaianases”. O nome só surgiria anos depois, quando os jornais começaram a investigar as dezenas de crianças desaparecidas, as famílias despedaçadas, e o medo que tomou forma nas páginas dos jornais.

Os dias após os desaparecimentos foram os piores da minha vida. Eu esperava, esperava e esperava – mas o telefone não tocava, ninguém trazia notícias boas.

A polícia veio algumas vezes, com olhares cansados, pedindo calma, prometendo que faziam tudo para encontrar as crianças. Diziam que o bairro estava tomado por um medo pesado, que mais crianças sumiam, e que algo muito ruim acontecia, nas sombras de Guaianases.

Quando a notícia finalmente chegou, foi como se o mundo desmoronasse.

Encontraram Ana e Lucas... longe dali, em um lugar que a dor me impede de nomear. Eles estavam juntos, como se tivessem tentando se proteger até o fim. Nos corpos, marcas da crueldade daquele homem que ninguém jamais viu – o monstro que levaria as crianças para nunca trazê-las de volta.

Eu não queria acreditar, mas as provas eram frias e reais. O vestido da Ana, rasgado; a mochila do Lucas, caída e suja; e aquelas marcas invisíveis do medo que eu sentia desde o dia em que os deixei partir.

Hoje, em 1996, com noventa e seis anos, sentada em uma cadeira de rodas no asilo, minha memória falha em muitos detalhes recentes, mas não esquece aquela dor – nem a sacola, nem o vestido, nem o sorriso do Lucas.

Ontem, enquanto assistia ao jornal, ouvi o apresentador falar sobre aquele caso antigo, sobre o “Monstro de Guaianases”. As imagens e histórias foram como um golpe no peito.

Eles foram mais duas vítimas daquele monstro – e eu, mesmo tantos anos depois, ainda sinto a falta deles como se fosse ontem.

Até hoje, quando a noite cai, seguro o vestido da minha filha, cheiro o pano da mochila do meu neto e sinto a falta deles doer em cada silêncio.

Eles foram levados para sempre, vítimas de um monstro que não merecia nome, mas ganhou um, para que ninguém jamais esqueça.

Agora, aqui, sentada nesse asilo, sinto meu coração finalmente parar,

buscando o silêncio que a vida nunca me deu.

Será que agora encontrarei com eles novamente?



the 2010-11 season.

DRE

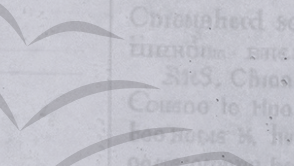
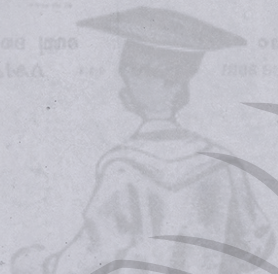
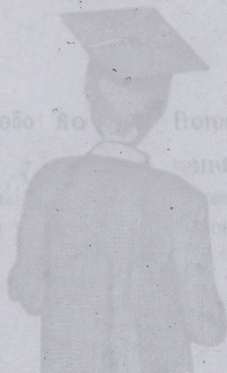
# GUAIANASES



ed  
l are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





# Desconstrução

*Corpo de homem é encontrado à margem  
de lagoa em Linhares*

(A Gazeta - 27/04/2025)

**A** MOU como se fosse a última vez. Chegou ao bar depois de um dia exaustivo, com o corpo sujo de cimento em massa. Bebeu, dançou, cantou, como se fosse a última vez. Como será que ninguém percebia? Por fora, a alegria. Por dentro, estava agonizando; se contorcendo. Talvez, já sabia o seu destino. Cantou e dançou, mesmo com o coração partido. Caminhando com os seus passos bêbados, as lágrimas escorriam sobre sua pele negra.

Às margens do rio, respirava ofegante. Ele já estava decidido. Não aguentava mais tudo aquilo. No peito, o coração explodindo. Deu o seu último suspiro. Deixou o vento que batia em suas costas o levar. Atirou-se no rio para não atrapalhar o tráfego.

Não precisava mais forçar os seus sorrisos. Afogou-se primeiro em seu próprio rio de lágrimas, e ninguém sentiu a sua falta. Achou que era melhor fazer aquilo, mas, no fundo, sabia que não. Dançou, bebeu, cantou como se fosse a última vez.

Será que alguém sentiu a sua falta quando virou notícia de jornal?

# O tubarão das sete ondinhas

*Maior tubarão do planeta é flagrado em Ilhabela (SP)*

(CNN Brasil - 28/04/2025)

TUDO parecia normal em Ilhabela. Sol brilhando, mar calmo, turistas animados e aquela vibe típica de verão. Até que... boom! Surgiu a estrela do dia: um tubarão.

Sim, um tubarão. De verdade.

Dizem por aí que ele só queria participar das tradições de fim de ano.

Nadou por mares e mares, atravessou correntezas e chegou todo empolgado para pular as famosas sete ondinhas. Só que errou a data. Acontece, né? O relógio biológico marinho nem sempre está sincronizado com o calendário humano.

O que ninguém esperava era o surto coletivo que ele causaria. Teve gente que saiu da água gritando, outros sacaram o celular e começaram a gravar pensando em postar em suas redes sociais.

A prefeitura apareceu com um pronunciamento sério: “calma, galera. Ele não representa perigo”. Mas quando é que um tubarão não parece perigoso quando está nadando ali do seu lado?

E aí vieram os empresários com suas ideias de gênio: pacotes turísticos para nadar com o tubarão! Já pensou? “Selfie com o tubarão e uma água de coco grátis.” Uns acharam genial. Outros, loucura total. O grupo da fofoca no aplicativo de mensagem da cidade virou campo de batalha.

Enquanto isso, o tal tubarão segue de boa. Ninguém sabe de onde veio, por que escolheu Ilhabela, ou se tá mesmo esperando o ano novo pra tentar, de novo, aquele salto sobre as ondas. Mas que ele virou celebridade, isso virou.

Agora, todo mundo quer saber: ele vai ficar? Vai virar mascote da cidade? Vai ser batizado de Tubarildo ou Ondelson?

Só o tempo dirá. Mas, enquanto isso, o pessoal da praia já aprendeu a olhar pro mar com um pouco mais de atenção... e, talvez, com menos vontade de pular ondinhas.

Afinal, nunca se sabe quem pode estar na mesma fila que você.

Eliza Almeida da Silva, 13 anos  
Henzo Henrique Chagas dos Santos, 13 anos  
Kauan Marcelino Valete, 13 anos  
Lorena Costa Salgado, 13 anos  
Maria Eduarda Santos, 13 anos  
Mariana Gomes da Costa, 13 anos  
Pedro Amador Santos, 13 anos  
Pietro Trindade dos Santos Carneiro, 12 anos  
Halana Ferreira Brito de Souza, 14 anos  
Heloiza Vitória dos Santos Ferreira, 12 anos  
Isabella Silva Sales, 14 anos  
Kauã Gabriel Duarte, 14 anos  
Manuella Costa dos Santos, 14 anos  
Miguel Martins da Silva, 15 anos  
Pietro Ribeiro de Oliveira, 10 anos  
Yasmin Vitória Oliveira Araujo da Silva, 14 anos  
Aysha Nicolly Rodrigues Ogbogu, 12 anos  
Ana Julya Correia Oliveira Lima, 15 anos  
Beatriz Batscher Lerian, 11 anos  
Gabrielly Correia Lopes, 11 anos  
Guilherme Nunes de Jesus Gomes, 12 anos  
Isabelly Correia Lopes, 11 anos  
Kamilly Vitória Silva Oliveira Vilar, 10 anos  
Karina Leite Brito, 12 anos  
Lohany Beatriz Ferreira da Silva, 11 anos  
Luiz Gustavo Rocha dos Santos, 11 anos  
Rebeca Julia Soares Santos, 13 anos  
Rhyanni Alice Rodrigues dos Santos, 12 anos  
Sophia Silva Fontenele Gomes, 10 anos



## Bullying é perseguição

*Com celular e redes sociais, sofrimento e bullying 'perseguem' adolescentes por onde quer que vão*

(BBC Brasil - 24/03/2025)

**E**RA só mais um dia que eu tinha que ir para escola, mas coisas esquisitas estavam acontecendo comigo e minhas amigas além da escola. Isso vinha para casa junto com nós em nossas redes sociais. Minha mãe disse que, na época dela, o bullying ficava na escola. Era na hora do recreio, no bilhete maldoso passado por baixo da carteira, no apelido que não grudava se você soubesse ignorar. Mas agora? Agora ele tem senha, 4G, 5G e nunca dorme.

Fingir que não liga é quase impossível. Como é que você ignora algo que parece gritar “vem ver o que estão falando de você”? A gente abre. Sempre abre. E quando não abre, imagina. E, às vezes, o que a gente imagina dói até mais do que a zoeira real.

O bullying não vai embora e nem fica quando vamos embora da escola, ele vai com a gente para casa, para o quarto, para o travesseiro para os sonhos até. Ele é perverso ou quem faz ele.

As pessoas apontam o dedo rápido para julgar, mas não o modo de olhar para o outro e tentar entender. Esse grupo da nossa escola já fez muitas vítimas, mas, todo dia, as pessoas boas se juntam para falar da cultura da paz e fazer leituras para conscientizar essas crianças que não entendem que causar sofrimento é muito ruim.

Porque, no fim, está todo mundo tentando sobreviver nesse caos digital. E um pouco de gentileza nunca viralizou demais. Tem dia que a vontade é sumir do mapa.

Desinstalar tudo, meter o louco, virar lenda. Mas aí você lembra que, se sair das redes, parece que nem existe mais. O pessoal esquece rapidinho. E isso assusta também.

O celular virou tipo espelho, sabe? O da madrastra da Branca de Neve? Mas não é pra se ver bonito, não. É pra ver quem está falando mal, quem te cortou da foto, quem postou algo com aquela legenda torta. E a mente? Já vai criando fanfic de sofrimento.

Mas ó, papo reto: nós temos que nos fortalecer. Entre nós. Dar uma segurada no dedo antes de postar bobagem. Parar de rir do erro dos outros só para parecer “engraçado” no grupo. Porque é fácil ser Zica atrás da tela. Difícil é ter postura e coração no peito.

Jose Augusto Souza Da Silva, 13 anos  
 Mikaelly Geovanna Miranda De Oliveira, 14 anos  
 Sophia Malaquias De Queiroz, 11 anos  
 Nicolly Yasmin Carvalho Muniz, 11 anos  
 Emily Vitoria Rodrigues De Aquino, 11 anos  
 Alice Rafaelly Alencar De Sousa, 9 anos  
 Luiza Goncalves Borges, 9 anos  
 Hugo Gabriel Dos Santos, 9 anos  
 Mirella Da Silva, 9 anos  
 Guilherme Josué Dos Santos Ferreira, 9 anos  
 Brayan Luiz Nogueira Xavier, 10 Anos

# Início do fim da paz

*Quase 14 mil crianças morreram em Gaza desde o início da guerra com Israel, diz Unicef*

(CNN Brasil - 18/04/2024)

**A**TENSÃO no Oriente Médio nunca pareceu tão palpável. A guerra entre Israel e Irã segue seu curso violento, com ataques aéreos e mísseis cruzando fronteiras e vidas, deixando um rastro de destruição, medo e sangue inocente. Sangue fraco, daqueles que lutaram por sobrevivência.

A cada dia, a situação parece se complicar mais, com autoridades acusando e ameaçando umas às outras, enquanto o mundo todo observa com preocupação, com ambos os lados trocando a mais brutal violência entre si e sem pensar na segurança de seu povo. Desde muito tempo isso ocorre, autoridades que têm o poder de proteger o seu povo optam por destruí-lo aos poucos, de forma bruta e cruel. Escolhem resolver questões elementares de forma infantil e violenta, sem pensar em como seu povo vai se defender, só se importando com quem vai ganhar esse impasse.

E, por trás de todo este alvoroço, há histórias de pessoas comuns que estão pagando o preço dessa guerra: famílias deslocadas, crianças traumatizadas, milhares de vidas inocentes bombardeadas que tiveram suas vidas interrompidas e outras tantas deixadas órfãs, sem amparo, compartilhando o sonho do fim dessa tragédia.

A guerra é um lembrete cruel de que, muitas vezes, são os inocentes que sofrem mais, pessoas que não precisavam passar por nada disso, vendo suas famílias se desmoronarem em pilhas e estradas de corpos. E, no final, tudo o que ganham são apenas lembranças de uma guerra fria e gélida nas costas.



# Quadrilhas trocadas

*Jovem morre após ser baleado em festa junina, interrompida por ação do Bope em favela do Rio*

(VEJA - 07/06/2025)

**L**EIO no jornal uma notícia que parte o coração: um jovem de 24 anos morreu baleado. Filho único, pai de Théo, um adorável menino de apenas dois anos. Trabalhava como office boy. Ele, que já foi um participante animado da quadrilha “João Danado”, uma tradição que atravessava gerações em sua família. Lá no Morro de Santo Amaro, na zona norte do Rio de Janeiro, onde cresceu ao lado dos pais, as festas juninas eram mais do que comemoração... eram parte da própria vida.

Naquela noite, o arraial fervilhava. Altas horas, ouvia-se, ao longe, o som das danças; o colorido e o brilho das roupas se misturavam ao movimento alegre das crianças. Mas, de repente, a festa foi interrompida por estampidos.

O que antes era forró, agora era puro desespero em forma de som. O barulho seco dos tiros causou alvoroço na multidão.

Era uma invasão da Polícia Militar. Procuravam uma quadrilha, dessas que a lei persegue, e encontraram outras. Outras quadrilhas: as de chapéu de palha, vestidos de chita, rostos pintados. Aquelas que só queriam celebrar o

São João. Mas não recuaram.

Criminosos da lei mataram Herus. Logo ele, o deus do amor e da paixão. Dois tiros, diante dos amigos e familiares. Seu celular, ainda aberto no aplicativo do banco, pagou o lanche que nunca chegou a consumir. Uma denúncia involuntária: era um homem honesto.

Na dança trocada daquela noite, as quadrilhas se confundiram. O que deveria ser a celebração de um patri-

mônio cultural, marcado pela alegria, pela música e pela tradição, se transformou em luto. O direito ao lazer, à convivência comunitária e à preservação da cultura popular foi violentamente interrompido. E o menino Théo, tão pequeno, herdou não só a ausência do pai, mas também a dor e a injustiça de viver em um país que ainda confunde quem deveria proteger com quem se deve temer.

Alice Datovo Pinheiro, 10 anos  
 Ana Clara Santos Cruz, 10 anos  
 Ana Luiza Silvério, 10 anos  
 Antônio Nascimento Leão, 11 anos  
 Bianca Baptista Garbim da Silva, 13 anos  
 Cláudio José Machado Neto, 10 anos  
 Denys Levi de Sales Menezes, 11 anos  
 Ester Miranda Nunes, 9 anos  
 Eyshilla Eduarda Tertuliano da Silva, 13 anos  
 Gabriella Magalhães Soares, 12 anos  
 Gabrielly Pedrosa de Oliveira, 13 anos  
 Gisele da Silva Lima, 12 anos  
 Henry Gabriel Barbosa Linhares, 10 anos  
 Isabella da Silva Rogate, 10 anos  
 João Victor Sousa Silva, 11 anos  
 Keylibi Gabriel Tomaz Santana, 10 anos  
 Lucas Gabryel Pinheiro dos Santos, 13 anos  
 Lucas Souza Ribeiro, 11 anos  
 Maria Stella de Sousa, 14 anos  
 Micaele Donário Sousa, 13 anos  
 Miriã Pereira dos Santos Jardim, 12 anos  
 Nathally Vitória Borges, 12 anos  
 Renan da Silva Dias do Nascimento, 14 anos  
 Sarah Wendling Bitencourt, 12 anos  
 Suellen Sousa Fernandes de Oliveira, 11 anos  
 Thiago da Silva Cunha, 11 anos

AEL MANOEL DE BARROS | EMEF MADRE JOANA ANGÉLICA DE JESUS

Fernanda Matos Silva Barbosa, Jéssica Cristina da Silva Santos  
 e Sandra Angelina Arbuini Fernandes da Cruz

Coordenação de estudos literários e teatrais

# O peso de uma roupa que não cobre o preconceito

*Baiana é obrigada a se despir após acusação de furto por turista argentina*

(CNN Brasil - 02/04/2025)

**N**A praça do forte, o sol brilhava, os coqueiros balançavam com a brisa do vento, o mar agitado. Mas entre turistas bronzeados e sorrisos tirados em selfies, caminhava Lyana vestida de baiana. Não era uma fantasia. Cada saia rodada, cada colar colorido, cada turbante era um pedaço de sua história. Lyana era mãe solteira, com dois filhos para sustentar, então Lyana fazia o que todas as outras baianas fazem: vendia o charme da baiana, enquanto se sustentava e sustentava sua família.

Até que um dia um grito percorreu a praia: “fui roubada!”. A palavra caiu como pedra. Antes que a verdade fosse desvendada, veio a bomba “foi ela!” – acusaram Lyana.

Ela que é baiana, negra, com trajes típicos. Num ato tão brutal, Lyana teve que se despir, ela ficou em choque ao ouvir aquelas palavras, nunca imaginou que teria que fazer isso, se despir diante de olhares que não buscavam justiça contra um preconceito racial e ancestral.

E a carteira? Você deve estar se perguntando, estava onde a deixaram: em outra loja, em outra tarde, em outras compras. Mas e a vergonha? Esta ficou com Lyana, com as outras baianas, que agora pensam duas vezes antes de oferecer um sorriso, e ficaram com a certeza que o preconceito racial ainda existe em pleno século 21.

Ana Beatriz Vilita Bezerra, 12 anos  
Ana Carolina da Silva Gasparotto, 12 anos  
Diego Brito Oliveira Luz, 14 anos  
Gabriella das Graças Zangiacomo, 12 anos  
Giulia Gimenez de Azevedo, 14 anos  
Laysa Andretto Eleuterio Miquiles, 12 anos  
Livia dos Santos Souza, 12 anos  
Mirella Barbosa Cunha, 12 anos  
Clara da Rocha Blasich, 11 anos  
Gabriella Atto Camilo, 11 anos  
Giovanna Oliveira Santana, 12 anos  
Inara Vitória de Paula Francisco, 14 anos  
Maria Gabrielly de Souza Melo, 10 anos  
Mirella Lavinia Siqueira de Abreu, 11 anos  
Nathally Rayssa de Souza Melo, 14 anos  
Ryan Rodrigues Matos, 11 anos  
Sophia Santana de Brito, 12 anos  
Sophia Vitória de Paula Rocha, 10 anos  
Thomas Felipe Pacatônio de Sousa, 11 anos



# Abdução em massa

*O que aconteceu de verdade na Cracolândia? Por que usuários saíram da região e como eles se espalharam por SP*

(Profissão Repórter - 28/05/2025)

**E**M um dia comum, tudo parecia seguir o seu percurso normal na grande selva de pedra. Como de costume, o vai e vem de pessoas na Cracolândia obedecia ao ritmo caótico de sempre, amontoados de gente vagando em busca de satisfazer seus vícios.

Não existia diferença, nem classe social, ali todos desumanizados, zumbis sedentos por algum tipo de droga. Até que algo difícil de acreditar aconteceu.

De uma hora para outra, todos desapareceram. As pessoas que circulam por lá não acreditavam no que tinha acontecido, nem reconheciam o cenário que conviviam diariamente.

Não demorou para que várias hipóteses surgissem. Um comerciante afirmava ter ouvido o barulho de um caminhão e, ao olhar pela janela, viu quando carregaram as pessoas à força. Outro disse que foram levados para centros de recuperação ou que haviam se convertido e buscado ajuda nas igrejas.

Havia quem tivesse a impressão de que estariam apenas escondidos nos prédios abandonados do centro, mas o relato mais impressionante foi de um jovem ambulante que viu um clarão como de uma explosão e, em instantes, tudo parecia estar sendo sugado para uma esfera brilhante.

Ele se lembra apenas de ter se segurado em uma árvore e, quando piscou os olhos, já não havia nenhuma pessoa em situação de rua na região. Não havia dúvida sobre o que aconteceu: foram abduzidos.

# Segunda chance perdida: entre o sangue e as grades

*Mulher sofre tentativa de feminicídio,  
se recupera e vira uma traficante*

(Balanço Geral - 11/06/2025)

**N**UNCA imaginei estar aqui, nesta cela, dormindo em cama de pedra, tomando banho de sol em um terreno fechado e pensando, “como eu vim parar aqui?” O que eu errei? Por que eu fiz isso? Por que errei na segunda chance? Como eu estraguei a minha vida?

Criando dívida, pagando dívida, hoje fico presa, enxergando apenas as grades.

Naquela manhã, acordei com algo no peito, um aperto, uma angústia que me insistia em que algo fora do normal iria acontecer.

Uma nuvem gigantesca parecia estar sobre a minha cabeça. Naquele dia nublado, comecei a me arrumar para o trabalho, enquanto meu marido me esperava para irmos juntos.

Fui para o trabalho, já ouvindo meu chefe reclamar de várias coisas. Eu já estava muito irritada, mas respirei fundo e continuei.

Já à noite, eu estava voltando para casa com a minha amiga. Entramos e conversamos bastante até o meu marido chegar.

Minha amiga então foi embora, eu e ele estávamos conversando normalmente. Dei conselhos sobre como lidar com o chefe, mas então ele se irritou e começamos a discutir muito feio, tão feio que ele estava levantando a

mão, querendo me agredir, e me falando frases que nunca imaginei ouvir, que nunca imaginei que sairia da sua boca.

Naquela hora, eu sabia que tinha que pôr um ponto final nessa relação tóxica. Então eu gritei: “cansei de ser tratada assim! Você nunca me respeitou”.

Quando terminei de falar, ele fez uma cara de ódio, veio até mim com raiva e me pegou pelo pescoço, apertando com força, me fazendo ficar sem ar e dizendo “sempre te tratei assim porque você mereceu, você sempre será minha empregada”.

Assim que consegui me soltar, eu gritei por ajuda e meu vizinho veio separar a briga e tirar ele de casa. Com alívio, respirei fundo e me acalmei.

Liguei para minha amiga e pedi que viesse até minha casa para conversarmos novamente. Ela chegou e eu contei tudo o que aconteceu, me aconselhou a fazer uma medida protetiva, ir atrás dos meus direitos

Eu acordei, ainda muito triste pelo que aconteceu na noite anterior. Então, comecei a me arrumar para trabalhar novamente.

Quando eu saí de casa, senti uma presença estranha, como se alguém me seguisse. Assim que eu virei para trás, vi meu ex-marido com uma faca vindo em minha direção.



Eu tentei me defender, mas quando eu acreditei ter conseguido me livrar dele, a faca perfurou meu peito.

E a mão que ele carregava a aliança do nosso "eterno" casamento era a mesma que ele segurava a faca que me perfurava.

Quando eu acordei, me vi sendo preparada para uma cirurgia de emergência.

Passei 30 dias pensando nas ações que a mesma boca que dizia me amar, agora é a que me ameaça.

Nunca pensei que seria uma vítima de feminicídio. Será que eu fui mais uma vítima? Será que ele já pensava em me matar? Há quanto tempo ele pensava em me machucar?

Será que ele queria me matar ou machucar?

Depois da minha recuperação, pensei em me mudar de estado, para recomeçar a segunda chance que a vida me deu, sair do interior de Santa Catarina com destino ao Rio de Janeiro.

E hoje estou aqui...

Anna Paula Xavier de Souza, 12 anos  
Kayllane Mendes Vieira Santos, 11 anos  
Maiara Pereira Camilo, 14 anos  
Milenna Vieira de Souza, 15 anos  
Yasmin Avelino Ignácio, 14 anos





the 2010-11 season.

DRE

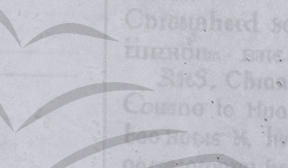
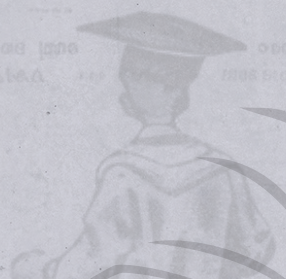
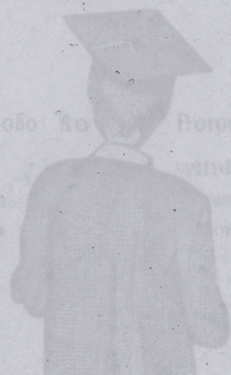
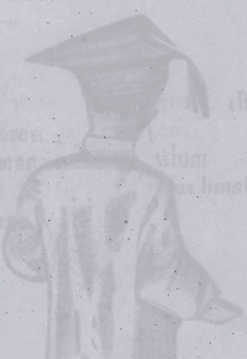
# IPIRANGA



ed  
I are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





## Até quando

*Caso Vitória: adolescente foi morta com três facadas e tinha sinais de tortura, dizem peritos de SP*

(G1 - 10/03/2025)

**D**AQUI de cima consigo ver tudo melhor... Eu estava voltando do meu trabalho, feliz por ter conseguido bater minha meta. Até que algo inesperado me aconteceu.

Espera, espera, vou contar do começo...

Em um dia normal, fui para a escola. Eu não via a hora de terminar o ensino médio, mesmo que ainda não tivesse me decidido entre Direito ou Psicologia, e enquanto sonhava com a faculdade, fui para o trabalho.

Perto do horário de saída, recebi uma ligação do meu pai: "Filha! Eu não vou conseguir ir te buscar hoje. O meu carro está no conserto e a sua mãe saiu com o dela. Você vai ter que voltar de ônibus. Toma cuidado, tchau."

Fiquei com muito medo de voltar sozinha. Por que é tão difícil para as mulheres se sentirem seguras, principalmente à noite?

Sempre que eu saio sozinha, sinto uma sensação estranha de que tem alguém me observando e hoje não foi diferente.

Me despedi dos colegas e quando fui fechar a loja, a porta estava emperrada. Quando eu finalmente consegui fechá-la, quase todas as lojas estavam com as luzes apagadas.

No caminho do ponto de ônibus, dois homens assoviarão e falaram algumas coisas nojentas sobre seus fetiches, mas com isso eu já estava mais do que acostumada. Então continuei andando sem olhar para trás.

Enquanto esperava o ônibus, tive a sensação de estar sendo observada. Com sorte, o 52 que sempre atrasava, chegou cedo. Aproveitei e mandei uma mensagem para Ana Cristina, minha melhor amiga, e contei que estava me sentindo observada e estava muito nervosa. Ela conseguiu me acalmar

um pouco e, em quinze minutos, cheguei no ponto perto de casa. Eu ainda precisaria caminhar por mais três quarteirões. Fui andando com passos largos e rápidos, até que comeci a ouvir um barulho de carro se aproximando.

Depois de ouvir o motor do carro, não me lembro de mais nada, eu havia desmaiado. Quando acordei, senti a grama ao meu redor, o cheiro de terra úmida e ouvi o som de água. Ao me sentar, consegui sentir as patas de alguns insetos andando sobre mim e observei como meus pés aparentavam estar machucados. Podia jurar que eram mordidas de ratos.

Me senti flutuar e, do alto, vi meu vizinho segurando uma faca ensanguentada na mão e o que parecia ser o meu corpo ao lado com furos no tórax, no pescoço e no rosto.

Foi assim que descobri o que era o céu e qual é a sensação da vida após a morte.

Bianca Vitoria Mariano Da Silva, 14 anos

Dante De Paschoal Conceicao, 14 anos

Jennifer Vitoria Damasceno Guerra, 13 anos

Lays Elizabeth Kuss Daenecke Ferreira, 13 anos

Livia Claro De Freitas, 13 anos

Lorena Cardoso Bezerra, 13 anos

Manuela Datore, 13 anos

Maria Eduarda De Castro Vargas, 15 anos

Maria Eduarda Dos Santos Ribeiro, 12 anos

Paola Lima Goncalves, 15 anos

Rafaela Domingues Pessoa Silva Leal, 13 anos

Lara Bianca De Souza Costa, 14 anos

Isabelly De Alcantara Pizo, 13 anos

# A army psicopata

*A mulher foi flagrada tentando entrar na casa de Jungkook, membro do grupo de K-pop BTS*

(BBC - 12/06/2025)

**O**LÁ, meu nome é Jinghua Kai, tenho 30 anos, sou *army* há muito tempo. Na verdade, desde quando o BTS debutou, em 2013. Sou não, somos, pois um *army* nunca está sozinho, somos uma multidão de fãs de k-pop.

Meu favorito do grupo é o Jungkook. Sou loucamente apaixonada por ele. Três anos atrás, os setes rapazes do grupo foram para o exército, o que me frustrou porque eles não iriam fazer músicas até terminarem o serviço militar obrigatório.

Faz alguns meses, vi na internet que eles sairiam do exército em 2025. Fiquei muito animada, o meu favorito sairia dia 11 de junho. Arrumei minhas malas e fui para a Coreia do Sul.

Procurei em vários sites para saber onde ele mora e, enfim, consegui achar onde ele se encontra, peguei as minhas coisas e fui para a porta da casa dele.

Na madrugada, com roupas pretas, para parecer o mais discreta possível, fui para a porta dele em passos silenciosos. Peguei a minha presilha de cabelo e tentei encaixar no cadeado. Na rua, havia três viaturas, corri e me escondi em um local perto de lá. Conseguiram me achar, tentei correr, mas eles foram mais rápidos e me algemaram, e fui presa.

Após um dia na prisão, quando eu menos esperava, recebi o aviso de um policial, que tinha uma visita para mim. Imaginei que fosse minha mãe ou até minhas irmãs, mas fiquei surpresa, era o Jungkook! Quase caí no chão após a surpresa, mas ele me segurou, olhou no fundo dos meus olhos com um olhar apaixonante, conversamos por

5 minutos, mas o guarda acabou tendo que me levar de volta para a cela.

Um dia após, fui informada que pagaram minha fiança. Fiquei me perguntando “quem foi que pagou”? E, novamente, era meu ídolo, que após ter pesquisado um pouco mais sobre mim, decidiu pagar, desde que eu fosse em um encontro com ele. Fiquei chocada, meu “crush” me chamando pra um encontro, uma pessoa famosa chamando uma “qualquer”.

No dia 22 de junho, nos encontramos em um restaurante chiquérrimo! Vários famosos presentes, entre eles estavam Rosé, Lady Gaga e Michael Jackson. Após vários minutos de conversas e risadas, ele pediu a atenção de todos os presentes, falando que iria se aposentar após 13 anos de carreira.

— Mas por quê? — perguntaram.

Respondeu que era porque estava gostando de uma certa pessoa, mas, como era um idol, não poderia namorar e, aproveitando o momento, se declarou. Para quem? Para mim!

Começamos a namorar e fazer planos de casamento e dos dois filhos que vamos ter.



## Baratas robóticas

*Cientistas criam besouros e baratas ciborgues para missões de resgate*

(BBC - 05/12/2024)

**S**ENTADA na sala de sua casa, Patrícia assistia ao telejornal. De repente, uma barata voadora apareceu e foi aí que começou a correria. A mulher gritava e começou a tacar no inseto tudo o que via pela frente: o controle da TV, as almofadas, os chinelos e até o vaso de cerâmica de sua falecida avó.

A danada da praga voou pra cozinha e parou sobre o fogão. Foi panela pra todo lado quando a garota tentou pegá-la. E a cascuda fugiu até o banheiro para tentar se proteger.

Após um tempo, a moça percebeu uma coisa incomum, a cucaracha estava fazendo um barulho insuportável. Olhou melhor e viu um papel em cima do bicho, reparando que, na verdade, se tratava de um robô. Pegou uma vassoura e, quando deu a vassourada nele, a mulher caiu no chão.

Patrícia leu o bilhete já amassado. Estava escrito que a jovem tinha um daqueles admiradores secretos, que a achava muito bonita e queria ter um encontro na praça ao lado do coreto.

Uma semana depois, foi a data do encontro. Chegando no local, eles começaram a conversar, trocaram olhares e flertaram. Após algum tempo, o homem comentou com Patrícia que tinha uma surpresa. Quando ela olhou para o céu, viu uma nova barata voando, carregando uma caixinha. O artrópode mecânico pousou na mão do homem, que se ajoelhou, abriu o objeto, revelando uma aliança e pediu a bela moça em namoro.

Após uns três anos, ficaram noivos. Finalmente, chegou o dia do casamento e, de repente, algo que ninguém esperava aconteceu: ao invés de daminhas de honra serem crianças de 6 anos, foram libélulas robóticas voando em direção ao altar com as alianças e espalhando as flores por todo o caminho.

Assustado, um dos convidados arremessou arroz nos insetos enquanto voavam, causando um curto circuito.

Na hora da festa, houve uma apresentação com diferentes tipos de animais robóticos: abelhas fazendo a imagem do casal, grilos cantando a música “Evidências” e tigresas dançando. Foi realmente incrível.

**Q**UANDO vimos as placas ficamos curiosos e, depois de olharmos, caímos na gargalhada, porque cada placa que aparecia, a gente lia e encontrava alguma coisa que não esperava.

Daí, lembramos que a professora disse: nós somos um bicho curioso. E é verdade, porque nós já aprontamos muito. Certa vez, numa brincadeira de ficar batendo nos portões dos vizinhos e sair correndo, o vizinho apareceu na janela e fingimos que não era com a gente.

Outro dia, num evento de carros antigos, daqueles chiques, todo mundo tomando o maior cuidado, o Davi entrou em um dos carros e derrubou refrigerante. Nossa mãe ficou furiosa e demos no pé.

Meio que faz tempo, o Enzo estava no CEAR com a nossa bike, parou pra descansar, encostou no poste, que estava eletrizado e, antes de levar um choque, nossa mãe chegou com o chinelo.

Mas nossa mãe só fica brava quando a gente apronta. Uma vez, a Gabrielly foi descer a escada carregando um balde cheio de água, escorregou e caiu com a cara no chão, e o balde caiu em cima dela. Mamãe ficou bastante preocupada enquanto a Gabrielly caiu na risada.

E daquela vez que a Lorena estava tomando sorvete de madrugada e fingiu que era sonâmbula?

Mais uma aconteceu quando fomos para a praia e entramos no mar para ver os caranguejos e um grandão

beliscou o pé da Alice, que tem cicatriz até hoje. Saímos da praia e fomos passear no aquário onde havia peixes enormes e assustadores, mas também tinha brinquedos de parque. Foi quando a Heloísa subiu em um brinquedo radical e nossa tia gritou: “se você morrer, saiba que eu te amo. E me deseja boa sorte, pra sua mãe não me matar”.

Lembramos também de uma aula de basquete na qual a Maria Eduarda começou a brigar com a Heloísa por causa de uma garrafinha de água. Cada uma puxava de um lado pro outro, até que a Heloísa soltou a garrafa e... puf! quebrou o dente da Maria que ficou banguela.

Ainda tem a vez que, na lanchonete do nosso pai, o botijão de gás pegou fogo, todo mundo saiu correndo e esqueceram o Kauê pra trás. Daí voltaram e buscaram o cachorro primeiro.

Enfim, muitas coisas engraçadas acontecem na nossa vida, mas não cabem nesse texto e... fica pro ano que vem.

Alice Gabrielly Muniz de Barros, 10 anos

Alice Peixoto Nascimento, 8 anos

Davi Luís Mendes Lopes, 7 anos

Enzo Gabriel Mendes Lopes, 10 anos

Helloisa Ferreira da Silva, 8 anos

Kaue Cristian Ferreira do Nascimento, 7 anos

Lorena da Silva Sousa, 10 anos

Maria Eduarda Guerra de Lima Sampaio, 7 anos



# Coisas de criança

*Desculpem os grandes, mas brincar é fundamental!*

(Diário do Pará - 28/05/2025)

**N**ÓS crianças sempre queremos crescer. Quando crescermos, será que vamos querer voltar ao início? Na nossa infância, sempre brincamos na rua e voltamos com o joelho ralado. Somos curiosas, gostamos de fazer muitas perguntas, de comer e de bagunçar. E muito mais.

Toda hora usamos uma de nossas frases clássicas:

- Mãe, cadê minha bola de futebol?
- Pai, tá chegando... e agora?
- Mamãe, compra pra mim?
- Papai, amanhã preciso levar cartolina para a escola.

Aos poucos, essas coisas se tornam insuficientes. Queremos amadurecer para fazer o que quisermos, sem ter que pedir permissão. Para que ninguém mande na gente.

As meninas enjoam das suas bonecas e os meninos que nunca colocaram um boné na cabeça, começam a usá-lo. A gente não percebe exatamente quando essas mudanças começam e sabe menos ainda aonde vão chegar.

Sabemos que, ao crescer, teremos mais responsabilidades. Quais serão os nossos “joelhos ralados”?

# Domingo em família

*Por que temos pesadelos? Saiba o que diz a ciência*

(UOL - 09/06/2025)

65



**E**M um domingo, eu estava com minha família na casa da vó Rosa, quando meu pai teve a idéia de nos levar a um churrasco. Não gostei porque sabia que era um lugar todo acabado, destruído. Chegando lá, a família resolveu parar no lago de pesca. De repente, caí na água e fui teletransportado para um buraco. Era tipo um desafio de 10 mil reais. Nisso, apareceu um monte de monstros jogando mais água dentro do buraco para que todos morressem. Naquele lugar, eu precisava fazer trabalhos para não deixar a água entrar. Em algum momento, morri, mas ainda precisava ajudar minha mãe a acender uma lanterna para espantar os bichos, porém ela não conseguiu e morreu.

Imediatamente, fui teletransportado para um novo lugar onde tudo estava escuro, entretanto, quando cheguei, a luz acendeu sozinha e notei que estava dentro de um quarto. Ao sair, estava na casa de praia da minha vó. Olhei para trás, vi um dinossauro de borracha, mas quando tentei pegar, ele sumiu.

Depois surgiu o meu cachorro que morreu no ano passado, parecia um cachorro-zumbi. Mesmo assim eu quis abraçá-lo e, nesse abraço, ele foi se desmanchando e nossa vida sumindo, sumindo. Fiquei tão apavorado que, quando acordei, ainda estava com a sensação de que algo havia mudado. Por um instante pensei que o pesadelo era realidade.



## Mãe de bebê *reborn*

*Após depressão profunda, mulher encontra alívio emocional em bebês reborn*

(Terra - 15/05/2025)

**M**ARIA Aparecida, 39 anos, vivia em uma pequena cidade cercada por montanhas e florestas. A moça sempre foi sonhadora, alguém que via beleza nas pequenas coisas da vida. Era casada com o Senhor Norberto e tinha um filho, Alex. Naquela quarta-feira chuvosa, o pai, como sempre, levou seu filho para a escola em seu carro, mas, infelizmente, um caminhão, devido ao temporal, acabou batendo no automóvel de Norberto, causando um enorme caos na região, ambos faleceram.

Maria, após todo o ocorrido, entrou em uma depressão profunda, fazendo aos poucos várias pessoas se distanciarem dela. Em um sábado, enquanto voltava para sua casa, exausta de um longo dia de trabalho, encontrou uma cesta deixada em frente a sua porta com uma toalha felpuda cobrindo-a. Curiosa, se aproximou, e para sua enorme surpresa...

Encontrou uma bebê reborn, uma boneca tão realista que parecia ter vida. O olhar sereno da boneca cativou a moça, que, instantaneamente, decidiu chamá-la de Marina. A partir daquele dia, Aparecida mergulhou em um mundo de imaginação e carinho, já aos poucos se curando de sua antiga depressão. Com todo o amor que tinha, começou a preparar um quatinho especial para a boneca. Pintou as paredes com um tom suave de rosa, colocou um papel de parede cheio de ilustrações de unicórnios, montou um berço delicado e encheu o espaço com brinquedos e roupas de quando era bebê, que tinha guardado para quando tivesse uma filha.

Quando Maria sentia que sua “filha” não estava se sentindo bem, sempre levava a boneca ao hospital com medo

de perdê-la, mas como os médicos viam que era uma boneca de silicone, sempre expulsavam a moça. Com o passar do tempo, Aparecida se afastou do mundo real. Seus parentes e amigos, preocupados, tentaram visitá-la, entretanto a porta estava sempre fechada, e a mulher nunca mais foi vista. Ela totalmente perdida em seu mundo de sonhos, que não percebia a solidão que a cercava. Certa manhã, após 1 mês sem notícias de Maria Aparecida, familiares preocupados pediram ajuda à polícia da região, para investigar a casa da cidadã.

Após os agentes entrarem, encontraram a casa em estado de encantamento, com o quatinho de Marina impecavelmente arrumado e limpo, e cheio de cuidado estava o berço da boneca. No entanto, a cena no quarto foi de partir o coração: o corpo de Maria estava caído no chão, abraçada com Marina. O amor que ela sentia pela boneca era palpável, apesar disso, a vida da moça havia chegado ao fim.

Depois do ocorrido, a cidade ficou em silêncio, porém, logo começaram a surgir lendas sobre mãe e filha, diziam que a boneca tinha o poder de realizar desejos e que, à noite, Aparecida ainda caminhava pela casa, cuidando de sua “filha”. As crianças da cidade começaram a deixar bilhetes no portão da antiga casa, pedindo que a bebê realizasse seus maiores desejos. Moradores da região afirmaram ter visto uma luz suave emanando da janela do quatinho, como se Maria e Marina estivessem em um eterno abraço de amor.

# 24 anos de silêncio

*Moradores de Anhanguera vivem até 24 anos menos  
que de Alto de Pinheiros*

(UOL - 26/06/2025)

**N**O bairro de Anhanguera, na zona noroeste de São Paulo, a vida costuma terminar aos 58 anos. Apenas alguns quilômetros adiante, no Alto de Pinheiros, ela se estende até os 82 anos. São 24 anos de diferença, quase um quarto de um século, basicamente uma vida inteira.

Dona Maria, moradora de Anhanguera, acorda todos os dias às 5 horas da manhã para pegar dois ônibus e um metrô até o trabalho. Ela trabalha em um apartamento amplo e arejado no Alto de Pinheiros. Lá, ela cuida de uma senhora idosa, enquanto isso, observa uma realidade distante da sua, ruas limpas, calçadas largas, hospitais próximos.

Na volta para a casa, enfrenta ruas esburacadas, iluminação precária e o receio constante da agressividade, até tem um posto de saúde próximo, mas está sempre lotado, o atendimento é rápido, quase automático, “pressão alta, dona Maria? Toma esse remédio e volta mês que vem”.

Ela sabe que a vida ali é mais curta. Sente no corpo o peso dos anos que se acumulam mais rapidamente. Mas segue em frente, porque parar não é uma opção. Enquanto isso, na televisão, prometem, prometem e prometem: igualdade, saneamento básico, mais hospitais, investimentos. Mas, para dona Maria, essas palavras soam como ecos distantes, abafados pelo barulho do ônibus e o cansaço que a impede de sonhar.

E, assim, entre o silêncio das promessas e o ruído da realidade, os 24 anos de diferença continuam a marcar o tempo de quem vive na periferia de São Paulo.



## Sonhos em naufrágio

*Americano acha mensagem em garrafa lançada ao mar  
50 anos atrás por marinheiro russo*

(G1 - 19/08/2019)

**J**OSÉ e Carlos estavam indo para o trabalho como pescadores, eles combinaram de se ajudar na pescaria, Carlos levou uma rede de pesca, e José levou o barco e alguns baldes. Enquanto eles pescavam, em uma das jogadas da rede para pegar os peixes, veio junto deles uma garrafa com aparência antiga e com um papel dentro, o que seria aquilo?

— Ei, José, olha isso que estava junto dos peixes.

— Uma garrafa? O que é isso dentro? Me dá, eu quero abrir!

— Não mesmo, foi eu que achei, ou seja, eu que abro! Vai que é um mapa do tesouro, igual aqueles dos filmes, eu não perco isso por nada!

— Eu trouxe o barco, então eu vou ficar com o que tem dentro da garrafa!

— Nem pensar, eu que trouxe a rede, então a garrafa e o papel dentro são meus!

— Mas eu que dei a ideia de nós virmos pescar hoje! Então, passa essa garrafa pra cá!

— Nem morto! A garrafa é minha, ninguém mandou ficar de bobeira, agora o que quer que esteja aí dentro vai ser meu! Tomara que seja dinheiro, ou melhor, será que é uma passagem de avião?

— Ai Carlos, me dá logo essa garrafa! Ou eu vou te

forçar a entregá-la! Se tiver dinheiro aí dentro, ele é meu!

— Ui ui, calma aí bonitão, você sabe que eu sou mais forte que você, então pode choraminger à vontade, a garrafa e essa belezinha dentro dela são minhas!

— Se você se acha o bonzão Carlos, eu proponho um desafio, quem pegar mais peixes fica com a garrafa.

— Não quero

— Tá com medo de perder é?

— Eu? Com medo? Não mesmo! Ok, eu aceito o seu desafio!

A competição se inicia, o mar naquele dia não estava para peixe. Depois de um tempo, José e Carlos conseguem seu primeiro peixe, o peixe de Carlos era pequeno, mas muito mais suculento do que de José.

— Há, o meu é maior!

— Hum, pare de cantar vitória antes da hora! Não vê que o meu é bem mais gordo do que o seu?

Depois de poucas pescas, mas muitas provocações, um empate ocorre.

— É melhor torcer para eu não conseguir esse peixe antes de você José!

— Não sei nem porque eu propus essa competição, já estava na cara que eu ia ganhar!

Antes que José pudesse desferir qualquer outra pala-

vra contra Carlos, as varas dos dois começam a se mexer. Mas, com uma agilidade tremenda, Carlos consegue pescar seu peixe antes de José.

— Viu só José? Eu sou o melhor! Olha aqui, a garrafa é minha!

— Você roubou! Quer saber, dá isso aqui!

— Ei, me devolve, eu ganhei!

— Não devolvo não! Vem pegar!

Eles começam a brigar pela garrafa, se empurrando, se batendo e se xingando.

— Devolve logo isso, José! Aceita que você perdeu, a garrafa é minha, seu bebê chorão!

— Não! Você roubou, eu tenho certeza!

Eles acabam tropeçando e caem no chão, a garrafa escapa de suas mãos e cai novamente na água

"Não!!!" Os dois gritam, mas já é tarde demais, a garrafa caiu longe, e as pequenas ondas a levaram.

— Viu só o que você fez? É isso que dá não aceitar que perdeu, você tirou minha chance de ficar milionário!

— Ai, cala a boca, Carlos! Você que roubou e ainda coloca a culpa em mim? Se aceitasse logo que a garrafa era minha, nada disso teria acontecido"

O dia acaba e os dois vão para casa, sem saber o que tinha dentro daquela misteriosa garrafa.



the 2010-11 season.

DRE

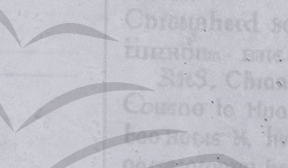
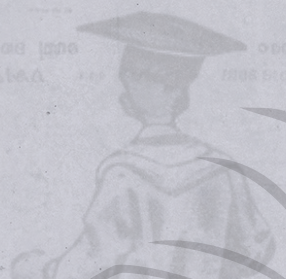
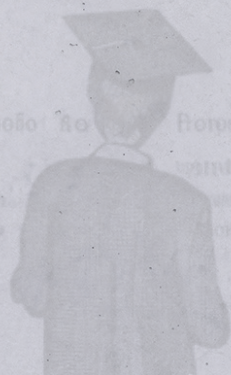
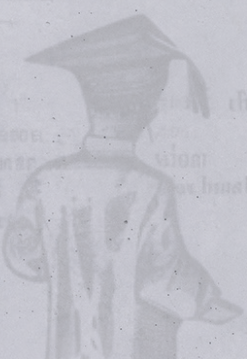
# ITAQUERA



ed  
l are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





# Uma girafa sem nome

*Bebê-girafa nasce no Zoo de SP, e público vai poder ajudar na escolha do nome*

(G1 - 31/05/2025)

**N**ASCEU. Uma girafa de dois metros com os joelhos pequenos tentando ficar de pé. Uma girafinha. A notícia correu pelo zoológico. Antes mesmo de ser publicada nas redes sociais, o elefante feliz espalhou a notícia para todo o zoológico. E então, claro, veio a pergunta: qual será o seu nome? Vieram os clássicos: Helena, Heloisa, Ana, também, Jordana que não é tão comum.

Logo a notícia se espalhou: nasceu uma girafa! Crianças, porteiro, e até a faxineira foram ver a nova moradora para dar palpite do nome.

Enquanto isso, a girafinha tentava se equilibrar nas pernas compridas e fininhas. Cambaleava para um lado, tombava para o outro. Parecia um guarda-chuva andando com vento forte. Mas ninguém tirava os olhos dela. Tão pequena, tão alta e tão... encantadora!

As crianças da escola chegavam ali, de mãos dadas e olhos arregalados.

— Professora! Ela nasceu mesmo?

— Olha o tamanho do pescoço dela!

— É menina? Pode chamar de Heloísa?

Foi aí que o porteiro do zoológico, seu José, coçou a cabeça e disse:

— Que tal um nome que ninguém esqueça? Um nome diferente.

— Tipo qual? – perguntou uma menininha de trança.

— Tipo... Jordana. Porque significa “a que corre” e tenho certeza de que ela vai correr muito nesse zoológico!

A faxineira varrendo o canteiro e escutando a conversa olhou para as crianças e disse:

— Que tal Helena? Um nome em homenagem a minha filha, já que a girafa também nasceu de dia.

Silêncio. Até que os pássaros pararam de cantar. Todo mundo pensou. E, então, a girafinha, como se entendesse tudo, soltou um gritinho tímido e olhou para as crianças.

Pronto. Estava decidido.

Helena.

O nome brilhou no zoológico como a luz da manhã. Helena, a girafinha de dois metros, joelhos pequenos e olhos de quem veio para iluminar tudo.

Ana Luisa Coutinho Muniz, 5 anos

Arthur Delacalle Dias, 5 anos

Gabriel Pinheiro Silva, 5 anos

Gael Lucca Leal de Alencar, 5 anos

Giovana Matos de Andrade, 5 anos

Irina Kristen Oliveira Silva, 5 anos

Kaua Guilherme Pereira Artico, 5 anos

Lorena Yuri do Nascimento, 5 anos

Lorenzo Ângelo Madureira, 5 anos

Maite Bueno Camilo, 5 anos

Maria Helena Lino Cazetta, 5 anos

Melissa Ashley Montano Cespedes, 5 anos

Noami Thereza Venancio Picao, 5 anos

Vida Beatriz Oliveira Pafume, 5 anos

Vitória Viana de Aquino, 5 anos

# A Cinderela de BH

*Adolescente morta por pastor: o que se sabe e o que falta esclarecer*

(G1 - 14/02/2025)

**E**M um certo dia, eu estava muito alegre com minhas velhas amigas, porque estávamos falando da vida alheia, algo que adorávamos fazer, quando surgiu um assunto espetacular! Uma menina tinha perdido o chinelo no meio da rua. Ela infernizou a família toda para o acharem, pois iria usá-lo para sair naquele mesmo dia.

Jurema disse que avistaram as pessoas da família por toda a cidade, além disso, cartazes e panfletos à procura do chinelo foram espalhados. Esse boato se espalhou por todo o bairro, e foi comentado por todos os moradores: era muito estranho aquele alvoroço todo por causa de um chinelo de uma menina de 13 anos.

Euclides, dizendo “abaixar” a fofoca chegou trazendo novas informações:

— A família está em peso na rua, é muito esquisito, estão extremamente tristes e abatidos andando pela cidade, ainda à procura deste chinelo.

— E o que nós temos a ver com isso? Disse Shirley.

Nem lembrei muito disso, mas, quando eu voltava da feira de terça-feira, encontrei ele jogado no asfalto! Igualzinho no panfleto. Fiquei muito alegre, tão alegre que voltei correndo para casa para entregar aquele chinelinho o quanto antes.

Chegando lá, na casa da família, eu fiquei espantada, pois era perceptível a tristeza no rosto daquelas pessoas! A fofoca não era mais aquela coisa boba! A mãe estava chorando, desesperada, quando reconheceu o chinelo da filha.

Acontece, que a dona sapatinho de cristal, ou melhor, do chinelo, era Stefany, uma menina de apenas 13 anos, que, calçando esse chinelo, havia desaparecido enquanto estava a caminho da casa de sua amiga.

A família ficou muito contente com a pista que foi encontrada e foi às pressas para a delegacia. E eu voltei para casa, com pressa, liguei para Jurema no mesmo instante:

— Mulher, você não vai acreditar no que eu descobri.

— Fala logo!

— A menina com o chinelo desaparecido era a Stefany, filha da Maria, da igreja do pastor João, sabe? A menina desapareceu junto ao chinelo!

— Por isso a família estava tão desesperada!

— Eles foram correndo para a delegacia após eu sair de lá e estão aguardando mais informações da polícia.

Assim como eu, Jurema ficou aterrorizada com o ocorrido e mal conseguimos dormir. Ao acordar no dia seguinte, descobrimos o pior! Liguei a rádio e escutei no noticiário que o pastor João, da nossa rua, tinha sequestrado e estrangulado a menina no dia anterior.

Me troquei o mais rápido possível e fui contar tudinho pra Jurema, que ainda estava muito espantada com o ocorrido do dia anterior.

— Você não vai acreditar no que acabou de passar na rádio, mulher! O pastor ainda teve coragem de assumir e informar o lugar em que escondeu o corpo!

— Como alguém assim pode ser pastor!?

Nunca iríamos imaginar que um chinelo poderia ser a prova de um crime tão grande! Uma menina morta e estrangulada por um pastor, ainda mais da nossa rua.

— Não podemos confiar mais em ninguém, né? Disse Jurema.



## Casamento fúnebre

*Noiva viraliza ao chegar em carro fúnebre para casar em SC: 'Passei dois anos indo em funerais para vê-lo'*

(G1 - 27/05/2025)

**M**AIS uma tarde cinzenta, chuvosa e mais um velório também. Nunca consegui entender como tudo fica escuro em dias de funerais, mas até em dias tristes, acho que podemos conversar, né? Mesmo porque uma coisa não tem nada a ver com a outra. Conversar com o meu marido é algo que sempre fiz a vida toda!

Meu marido, José, que está aqui do meu lado, sentiu que o clima estava muito pesado aqui no velório, então sugeriu que fôssemos dar uma volta pelo cemitério para dar uma amenizada nos sentimentos e conversar sobre a vida e a morte.

Foi quando avistamos o casal, Clara e Roberto, passando por nós. Eles são protagonistas de uma história um tanto quanto inusitada, uma história digna de ser contada. Clara é uma mulher que ficou muito conhecida aqui na cidadezinha pela sua incrível paixão insistente. Quando Clara veio ao enterro de sua tia, ela reparou em uma das pessoas que compareceram ao velório, era o Roberto, e daí foi amor à primeira vista, por ora, somente da parte de Clara.

E mesmo Roberto nunca tendo notado a moça, ela continuava indo em todos os velórios que aconteciam neste cemitério, pois havia descoberto que Roberto era sócio da funerária, então, teoricamente, ele haveria de estar em todos os enterros que ocorriam ali. O que nem sempre aconteceu de fato, porque nem em todos os funerais Roberto compareceu, então ela ia na “sorte” mesmo.

Em um belo dia, após dois anos consecutivos indo aos enterros assiduamente, ela tomou coragem, na verdade foi meia coragem, porque a iniciativa da conversa foi por meio

de aplicativo. E não é que ela conseguiu?! Seu relacionamento com Roberto havia dado certo.

Três meses depois de muita conversa, Clara e Roberto decidiram se casar, coisa que eu admiro muito, porque eu sempre digo que casar não é fácil, toda vez que faço esse comentário, meu esposo José sempre franze a testa, e eu acho graça!

O casamento de Clara e Roberto ocorreu de um jeito estranho igual aos noivos. Para o espanto dos convidados, Clara foi até a igreja em um carro funerário, mas isso tem uma explicação bem plausível, tratava-se de uma homenagem à história de como o casal se conheceu e também porque, naquela época, era o único carro disponível que eles tinham para realizar o transporte dos noivos.

Desde então, este casamento virou notícia não só aqui em nossa cidadezinha, mas como no mundo inteiro também. E essa história de amor pode parecer estranha, mas é como diz a música de um grande compositor em relação ao amor: “os opostos se distraem, os dispostos se atraem”.

Falando em disposição, depois de lembrar essa história peculiar, eu e meu disposto marido José resolvemos retornar ao velório, afinal, temos que dar as boas-vindas ao novo morador do cemitério. Ah... eu não contei ainda? Eu e José somos moradores aqui do cemitério, fantasmas mesmo! Jura que você não percebeu?! Isso prova que eu sou uma boa contadora de histórias... seja na vida ou na morte.

# O quadro amaldiçoado

*Homem diz ter sido amaldiçoado após  
comprar quadro misterioso*

(Metrópoles - 03/03/2022)

**E**M uma noite chuvosa, estava frio e bem escuro, quanto mais o tempo passava, mais a chuva engrossava. Em uma casa simples, no interior, onde residia um pai, Leandro, e sua filha, Maya, estavam a jantar. De repente, a luz acaba, e a filha assustada vai em direção ao pai e, com medo, fala:

— Pai, e agora, o que vamos fazer?

— Calma minha filha, deve haver algumas velas aqui em casa, a gente pode acender, e esperar até que a luz volte, não deve demorar.

O pai se direcionou até uma gaveta, onde sempre ficaram suas coisas de emergência, mas, quando a abriu, não vê nada. Procurou nas outras gavetas e também não achou nada. Confuso sobre aquilo, lembrou que ainda não fora ao mercado e assim, decidiu ir para uma loja de conveniências perto de sua casa para comprar as velas.

Ele saiu com a sua filha de carro, estava bastante frio, e o céu, mesmo com aquela chuva toda, estava cheio de estrelas e uma lua cheia brilhante. Quando a criança viu a lua, ficou apaixonada e não parava de olhar.

Chegaram à loja, lá estava mais quente e aconchegante, o pai já foi direto para a prateleira das velas, pegou uma quantidade que achava boa. No entanto, a filha estava a andar pelo corredor da loja e viu os quadros que estavam à venda, até que um quadro chamou a sua atenção. Nesse quadro, estava o desenho de uma criança, de cabelos loiros, olhos azuis e um vestido rosa, do lado, uma boneca, com cabelos ruivos e um vestido verde, ela ficou observando por um tempo, era como se o quadro a

chamasse, então o pegou e levou até seu pai, que já estava no caixa:

— Pai, compra para mim, por favor? – o pai escuta, estranhando um pouco o quadro, mas fazendo a vontade da filha. Já a atendente veio a intervir:

— Moço, desculpe atrapalhar, mas não acho que seria bom levar esse quadro.

Leandro estranhou e questionou a moça:

— Mas por quê?

— Porque ele é amaldiçoado, todos os que compraram esse quadro reclamaram que suas vidas foram arruinadas e voltaram para devolver.

— Deve ser tudo baboseira, minha filha gostou desse quadro, então vou levar!

— Tem certeza?

— Tenho.

Chegando em casa, o pai foi para a cozinha pegar a caixa de fósforos para acender as velas, mas, quando ia acender a primeira, as luzes voltaram.

Sua filha, que estava na sala, escolhendo algum lugar para colocar a obra, foi até o sofá e viu se ficava bom na parede em cima dele, depois, foi testar do lado da televisão, mas não gostou muito, tentou na cozinha, no banheiro, no quarto de seu pai e, por fim, no seu quarto, na parede em frente à janela.

— Aqui é um lugar perfeito!!!

Depois, ela foi para a janela para observar a lua. Mas quando olha para baixo, vê bichos se aproximando, parecia uma colônia, assustada, ela vai para trás.



— AAAAAAH!!!

O pai, assustado, vai correndo até o quarto da filha:

— O que foi? O que foi Maya?

A filha, horrorizada, aponta para janela, e o pai vê todos aqueles insetos entrando no quarto de Maya. Ele tenta espantar os insetos, mas eram muitos e não adiantou, quando viu, um por um estavam indo em direção ao quadro, ficando em cima dele, até que já não se via mais nenhuma parte sem insetos. O pai, sem entender nada, lembrou-se do que a atendente disse. Então, bem rápido, ele pegou um pano velho e cobriu suas mãos para pegar o quadro e, jogando-o pela janela, imediatamente os bichos começaram a seguir do quadro e, de pouco em pouco, todos iam sumindo.

— Por que você fez isso? – Maya perguntou assustada.

— Aquele quadro que estava atraindo os insetos, ele deve ser amaldiçoado. – disse o pai vendo sua filha chateada, mas pensou que preferia perder um quadro a ter insetos em seu quarto.

Depois de muito tempo, os insetos saíram, o pai fechou a janela e colocou a filha para dormir, ele foi para o quarto e pesquisou sobre tudo aquilo, logo viu vários relatos de que o quadro trazia consigo várias tragédias e que era feito com sangue. Mas, depois de muito ler, foi dormir pensando que já tinha se livrado do quadro.

No outro dia, já era de manhã, estava um sol lindo, o pai vai até o quarto da filha para acordá-la e ao irem para a cozinha, se deparam com a pior coisa que poderiam ver. O quadro estava lá em perfeito estado.

— Foi você que pegou esse maldito quadro? – o pai pergunta.

— Não papai, pensei que tinha sido você. – estranhando, a filha responde.

O pai fica assustado, pega o quadro, desce até a sala, e joga o quadro na lareira, ficando lá até ver o quadro virar cinzas. Mais aliviado, ele segue com o seu dia.

Quando acorda no outro dia e vai até o quarto da filha, se depara com aquele quadro novamente, deixando-o ainda mais assustado, porque tinha visto o quadro queimar, mais uma vez pegou o quadro, mas, dessa vez, ele foi até um rio que tinha perto de sua casa e o jogou lá, quando voltou para casa, tentou seguir, mas estava tão assustado que não conseguia. E nos próximos dias, semanas, meses, ele continuou a ver aquele quadro, e continuou tentando dar um fim nele, mas não conseguia. Hoje, tenta vendê-lo para se livrar de uma vez, mas ainda ninguém apareceu para ser o próximo amaldiçoado.

— Ei! Volta aqui! – uma voz gritou alto atrás de mim. Atravessando a rua de barro, entrei no beco apertado com os pés descalços afundando na lama. Virei o rosto uma última vez para trás.

— Não! – gritei, com o coração disparado, os olhos fixos naquela casinha simples, com a parede mofada. — Eu cansei... – sussurrei, arfando. — Não vou apodrecer ali dentro como aquela parede. – peguei o celular trincado no bolso do moletom e disquei tremendo. Só tinha uma pessoa no mundo que podia me acolher.

— Paulo, eu posso dormir na sua casa hoje? Com as roupas do corpo, o cabelo desgrenhado e a alma esfarelada, fui. Ele me recebeu de braços abertos, me deu banho, comida, um cobertor e amor.

— Grávida?! Você está grávida?! – a alegria no rosto dele iluminava o quarto escuro.

— Sim... – sorri, com os olhos marejados. Vamos ter um bebê! Meu Deus! Que bênção! Na cozinha, semanas depois, eu lavava a louça com um sorriso no rosto.

— Já deu pra ver o gênero. – falei, sentindo as bolhas de sabão entre os dedos. — Uma menina, Paulo Roberto! Teremos uma filha. – silêncio. — Paulo? Ele se levantou da cadeira devagar, andou até mim e apoiou a mão no balcão.

— Uma menina? Tem certeza?

— Sim... por quê? Ele deu um passo pra trás. O brilho do início tinha sumido.

— Tá bom, fazer o quê... – murmurou, pegando a chave da moto. — Vou ali.

Nunca mais falou sobre a gravidez com o mesmo brilho. Luciana tinha 14 anos agora. Linda, inteligente, doce. Tinha o meu sorriso, os olhos dele, e uma luz que nem as sombras daquela casa conseguiram apagar. Paulo gritava com mais frequência.

— Essa garota tá ficando igualzinha a você, Marta. Ela te desafia com o olhar, te despreza!

— Ela só perguntou se podia ir na casa da amiga. Ela tem 14 anos, Sérgio.

— Cala essa boca antes que eu te faça calar! A porta bateu. Eu suspirei, tentando esconder as mãos trêmulas. Luciana desceu as escadas devagar, com os olhos tristes.

— Mãe, ele te machucou de novo?

— Não, filha. Foi só um susto. Vai estudar, tá bom? Acho que essa desculpa já não funciona mais, não é? O pai de Paulo Roberto, Sérgio, tinha vindo beber com ele. Um homem amargo, de voz grossa e cheiro de cigarro. Sempre olhava pra mim como se eu fosse um estorvo.

— Você devia dar um jeito nessa mulher, Sérgio – disse ele, rindo alto. — Tá muito solta. Parece até que tá te traindo, igual à mãe dela fazia.

— Cala a boca, pai.

— Só tô dizendo o que todo mundo vê. Essa Marta aí é esperta demais. Essa menina nem deve ser tua filha, olha bem.



— CHEGA! – gritei. — Como vocês têm coragem?  
Sérgio levantou da cadeira num pulo.

— Não levanta a voz pra mim, vagabunda! Paulo segurou meu braço com força.

— Então é isso? Você tem outro?

— NÃO! Vocês estão malucos! O soco veio de Paulo. Não deu tempo nem de gritar. Ele me segurou e me jogou contra a parede da sala. Bati a cabeça com um estalo seco. Depois, mais chutes. A dor virou silêncio. Luciana chegou. Gritou. Chorou. Tentou impedir. E, então, tudo apagou.

Luzes brancas. Cheiro de hospital. Bipes. Abri os olhos devagar. Tudo parecia embaçado. A garganta seca, o corpo fraco.

—...Mãe? – uma voz suave ecoou. — Mãe, você acordou? – Luciana. Era ela. Sentada ao lado da cama, o rosto inchado de tanto chorar, mas viva. Forte.

— Onde... eu tô? – murmurei. Uma enfermeira correu para chamar os médicos. Luciana segurou minha mão.

— No hospital. Você... você estava em coma, mãe. Sete meses. Mas agora tá aqui.

— E... Paulo? Sérgio? Luciana baixou os olhos.

— O vovô Sérgio sumiu. E o pai... fugiu. A polícia está procurando. Eu contei tudo. Eu escapei. Eu chamei ajuda. Eu juro que tentei... Ela chorava. E eu também. Ali, em meio às máquinas, promessas e remédios, éramos só nós duas. Sobreviventes.

— Você me salvou, filha. – sussurrei, apertando a mão dela. — Agora a gente vai começar de novo. As duas. Só as duas. Ela assentiu. Pela primeira vez, em muito tempo, havia esperança.

Beatriz Costa Brito, 14 anos

Beatriz dos Santos Jeremias, 15 anos

Matheus Fanucchi Dorea de Castro 12 anos

Millena Oliveira Lima, 15 anos

Taily Capo Garcia, 14 anos

# A reviravolta de Ághata

*Aluno que viralizou ao performar Ney Matogrosso imita Michael Jackson, dança e atua desde a infância*

(G1 - 17/06/2025)

A VIDA de Ághata, que fazia projeto de dança, circo, ginástica e sempre foi corajosa, iria sofrer uma reviravolta. Naquele ano, o palco do colégio Paulino de Freire teria um festival de jovens talentos.

Ághata nunca havia mostrado seu dom, os únicos que sabiam eram seus melhores amigos desde a infância, André e Betina. E que acreditavam no potencial de sua amiga.

Foram meses de ensaio e dedicação até sua apresentação de jazz. O que ela não sabia que iria acontecer é que sua “suposta” colega de classe iria sabotar sua apresentação. Natália tinha uma certa inveja de Ágatha.

Em uma terça-feira, as apresentações começaram, os alunos se apresentaram por ordem da turma, o primeiro ano do ensino médio seria a última turma a se apresentar, que era a turma da Ághata.

André e Betina davam o maior apoio moral para a amiga, que estava muito nervosa.

Natália viu a possibilidade perfeita de sabotar Ághata, então foi até o camarim onde estão as sapatilhas de Ághata e começou com muita delicadeza a descosturar as pequenas costuras da sapatilha. Sem ninguém ver, ela colocou de volta no lugar.

Quando Ághata foi se apresentar, sofreu um grave acidente e, mesmo com muita dor, continuou sua apresentação, e dançou perfeitamente.

Yago Savalla, que era de outro colégio, estava na plateia vendo as apresentações, pois sempre gostou de ver o

talento de outros alunos. Ele mesmo se apresentava desde criança, e sua turma iria se apresentar no dia seguinte.

A apresentação acabou. Ágatha e seus amigos, Betina e André, começaram a pensar que alguém poderia ter sabotado ela. Então, foram mais a fundo nesse assunto.

Até que uma menina disse que teria visto algo suspeito: ela viu a Natália com as sapatilhas de Ágatha, antes de a apresentação começar. Aí, as suspeitas começaram a piorar e pensaram que teria sido sim, uma sabotagem.

A menina que viu a Natália com a sapatilha de Ágatha disse que gravou o vídeo dela descosturando a sapatilha.

Então seus amigos, pegaram o vídeo, mostraram para a Ágatha e para a direção. O plano de Natália acabou, ela foi expulsa da escola.

E a Ágatha, foi escolhida para se apresentar com sua turma de dança em outro país, tamanho o sucesso da apresentação.



# IA encantado

*Relacionamentos com parceiros criados por IA já são realidade*

(Fantástico - 09/03/2025)

**C**ERTO dia, recebi um convite de casamento de minha vizinha. Fiquei feliz por ter sido convidado para um momento tão especial.

Pensei que presente daria, enquanto tomava banho. Se fosse minha mãe, gostaria de algo como perfumes, cremes e, se fosse meu pai, um livro. Mas, como era minha vizinha, talvez não gostasse das mesmas coisas. Terminei meu banho e fui preparar algo para comer. Liguei a TV e, enquanto assistia, ouvi gritos de mulher e barulho de objeto jogado na parede. Achei estranho, os noivos se desentendendo assim, numa noite brilhante! Continuei pensando no presente, decidi recorrer às redes sociais. Assim que achei o perfil dela, descobri que não havia postado fotos de seu noivo. Por sorte, percebi que gostava de tecnologia, então comprei um computador de presente.

O dia do casamento chegou, a festa estava animada, tinha música, comida, principalmente doces e salgados, estava cheia de pessoas alegres e barulhentas. Deixei o computador na mesa de presentes e fui cumprimentar alguns convidados. Com o passar do tempo, percebi que não vi o noivo em momento algum. Encontrei um amigo e ficamos conversando. No meio da conversa, perguntei quanto eram cinco mais dez. De repente, ouvi uma voz robótica:

— É cinquenta!

— O quê?! – olhei para trás e um aparelho tinha me respondido! Perguntei:

— O que é você?

— Ele é o noivo da nossa vizinha, disse meu amigo. Assustei. Nisso, um pequeno celular caiu no chão.

— Papai! – gritou o celular. Antes que ele terminasse a fala, esmaguei os dois sem querer.

Alguém gritou: “Chamem uma ambulância!” Estavam todos em pânico!

Logo em seguida, apareceu um fusca. Ao invés de um técnico de enfermagem, surgiu um técnico de informática.

— Afastem-se todos da cena do crime! – gritou o técnico. O clima ficou pesado, e a noiva abalada.

Fui expulso da festa. E... bem, não sei o que aconteceu depois.

Bom, pelo visto, ela tinha criado o próprio marido. Pelo menos, durante as brigas, era só atirar na parede ou desligar da tomada.

Talvez ela tenha lido Frankenstein e decidiu criar o próprio noivo, como se tentasse transformar a história em realidade! Ou, então, pensou que estivesse em um conto de fadas, onde elas encontram o príncipe encantado. Nesse caso, seria “IA encantado”?

# Não gosto de notícias

*Poucas pessoas são engolidas por uma baleia e sobrevivem para contar a história. O chileno Adrián Simancas, 23, é uma delas*

(G1 - 13/02/2025)

**N**UNCA leio jornais e, quando leio, ora essa! Encontro a seguinte notícia: “Jovem engolido por baleia sobrevive”. Ah... essas notícias! O jovem estava em um caiaque no estreito de Magalhães, no sul do Chile. Assistindo ao vídeo, fiquei tão espantado vendo ele sendo engolido que comecei a gritar por ajuda. Mas, depois de uns 5 segundos, a baleia o cuspiu. Esse tal Adrian Simancas, de 23 anos, viveu uma experiência única.

Lembro-me de que quando li essa notícia estava com amigos. Todos indignados, não pelo fato de o jovem chileno ter sido engolido por uma baleia, nem por eu ter gritado, mas porque eles acham que a baleia foi muito tola! E é pelos diálogos a seguir que eu não gosto de notícias:

— Mas foi em poucos segundos e acabou! - disse eu finalizando a notícia. Após alguns segundos, um dos meus amigos tomou coragem e disse:

— Que baleia boba! O jovem já estava na sua boca. Era só engolir!

— Também acho! - disse o outro se levantando da mesa em que estávamos sentados. —Se eu fosse uma baleia teria engolido aquele rapaz!

Quero destacar que nesta mesa estavam sentados eu e mais dois amigos. Até havia um terceiro amigo, mas ele não queria saber de notícias. Esse amigo parecia mais interessado em imaginar o que aquela baleia estava fazendo... como ela chegou lá... quais caminhos a teriam levado a ter aquele jovem na boca? Ele é assim mesmo.

Mas voltando ao tal diálogo:

— Na verdade, acho que, se eu fosse uma baleia, não teria desperdiçado essa oportunidade! - o primeiro continuou.

Essa conversa durou mais ou menos 40 minutos. Como eu sei disso, você me pergunta? E eu respondo: sei disso graças ao meu terceiro amigo, que, como não tinha nada para fazer, começou a contar o tempo. 40 minutos de xingamentos e insultos a uma baleia, que nem ser humano atacava. Vendo isso, eu me levantei da mesa e gritei:

— Já sei! Se eu fosse uma baleia, teria engolido vocês dois só para ter silêncio!

Os dois olharam para mim. Não disseram nada, mas, conhecendo eles, tenho certeza que estavam pensando: “nossa! não precisa ficar bravinho”. Depois, me retirei da mesa.

Essa crônica é mais um desabafo. Algo para me relaxar. Uma coisa para explicar por que eu definitivamente não gosto de notícias.

Allan Monteiro Aguiar de Lima, 12 anos

Enzo Gabriel Gomes da Silva, 11 anos

Geovanna Manuely Gomes de Melo, 11 anos

Isadora Costa Pessoa, 13 anos

Isadora Lemos dos Reis, 11 anos

Kaua Militao Sousa Lima, 12 anos

Kaue Silva Maria, 11 anos

Leandro Barbosa Correa, 11 anos

Roger Camargo de Souza, 12 anos



# O ladrão da noite

*Guaxinim 'assaltante' fica preso em máquina de venda de lanches nos EUA*

(G1 - 15/08/2019)

UM vigia da escola, às três horas da madrugada, durante uma tempestade de raios e trovões fortes, começa a ouvir barulhos estranhos vindo do refeitório. Barulhos de passos, de rangidos, como se estivessem arranhando um vidro. Ele, com medo, foi investigar. Quando chegou perto do refeitório, as luzes começaram a piscar. Apareceu uma sombra no fundo do corredor. Ele saiu correndo para o quarto com os materiais de limpeza e se escondeu. Chegando lá, ele esperou até parar o barulho, pois era medroso, coitado. Ele fazia pose de valentão, mas tinha medo de assombração. A dúvida era a seguinte: “será que é ladrão? Será que é alma penada? Se eu ligar para a polícia e não tiver ninguém, vão descobrir que sou medroso. Meus amigos vigias vão rir da minha casa. E o meu emprego já era”. Pensando assim, ele decidiu ir investigar até o fim. Pegou a lanterna e um cabo de vassoura, e saiu do quartinho. No meio do corredor, ele sentiu alguma coisa passando entre suas pernas trementes, e soltou um grito. Mas era só um rato, percebeu em seguida.

Enquanto isso, seu estômago estava começando a roncar. Precisava encontrar um lanche para continuar sua busca pela fonte do barulho misterioso. Foi para a cozinha, que dava acesso ao refeitório. Ele não quis acender a luz para não atrair atenção e guardou a lanterna. Ele abriu a porta do armário e levou um susto com o barulho da panela que caiu no chão, e, automaticamente, com as pernas tremendo, subiu na cadeira que estava ao seu lado. Depois, saiu da cadeira e viu que era só uma panela. Não quis

cozinhar, porque não teria tempo. Pensou na máquina de lanches do refeitório.

Quando chegou ao refeitório, percebeu que a máquina de lanches estava balançando. Ele foi até lá ver o que estava acontecendo e, ao olhar para a máquina, viu que havia um guaxinim preso lá dentro.

Caiu na gargalhada e ficou rindo por muito tempo. Depois, tirou várias fotos e postou na internet. Ligou para o controle animal da cidade e ficou esperando enquanto ele via o guaxinim devorar todos os salgadinhos de dentro da máquina.

Os agentes do controle animal também riram e falaram que esse era um guaxinim famoso na cidade, que se chamava Guaxinildo. Já assaltou a casa de Dona Cida e de Dona Fátima, além do mercadinho do Seu Adelino.

# Os atrasados do Enem 2024

*Grupo de 15 amigos perde Enem após um dos estudantes se atrasar para pegar fretado no Rio de Janeiro*

(IstoÉ - 10/11/2024)

**N**A manhã do primeiro dia do Enem 2024, a correia já anunciava o caos em frente ao Cefet (Centro Federal de Educação Tecnológica), na zona norte, no Rio de Janeiro. Na barraca de pastel, o vendedor observava tudo com uma mistura de divertimento e reprovação.

— Ah, esse grupo de amigos... eram uns 15, todos atrasados por culpa do Miguel Pedra. O cara passou a noite inteira jogando, só foi dormir às 2:30 da manhã, e quando acordou no susto já tinha passado a hora de sair, como ele mesmo me contou. Resultado: atrasou geral. Ficaram esperando o amigo e acabaram perdendo o fretado. Chegaram quando o portão tinha fechado há dois minutos. Tentaram até subornar o segurança com promessa de pastel, acredita? — riu o vendedor.

Do lado de fora, logo depois de os portões fecharem, o segurança ajeitava o boné. Quando um repórter chegou, junto com a cinegrafista, perguntando sobre o que tinha acontecido.

— Boa tarde, aqui é o Raphael Camillo. Estamos em frente ao Cefet, na zona norte, onde está sendo realizada a prova do Enem. E já fecharam os portões. Estamos aqui com um dos seguranças.

O cinegrafista se inclina para captar ambos com sua câmera. O repórter direciona o microfone para o segurança e pergunta sobre o que aconteceu:

— Logo cedo, uma moça quase se atrasou, mas passou no sufoco. Depois, chegou uma menina chorando, querendo entrar mesmo com o portão fechado. Um gru-

po maior veio, mas já era tarde demais. Aí, para completar, apareceu uma estudante pequenininha, passou por baixo do portão, ainda pegou umas canetas dos ambulantes... tudo no maior caos — contou, ainda sem acreditar. — Mas o que houve com a estudante que passou por debaixo do portão? E o fiscal lá dentro?

— O fiscal gritou com a estudante que passou por baixo do portão: “eu acho que seus pais não iam gostar de saber que sua filha está pegando algo sem pagar, além de entrar nos lugares sem permissão. Inclusive, onde estão seus pais? Você não pode ir entrando nos lugares assim”. Mesmo assim não colocou ela pra fora.

O blogueiro local, conhecido por registrar as trapalhadas do Enem todo ano, se divertia. Ele sempre ia assistir os perrengues dos atrasados que iam fazer a prova.

— Vou te falar, sempre venho aqui para ver os atrasados sofrendo, mas hoje o clima estava tão leve que quase quis tirar selfie com todo mundo — disse, piscando para o repórter.

— Que repórter bonitinho! — suspirou o blogueiro.

No final das contas, as últimas estudantes a entrarem para fazer a prova foram as primeiras a saírem. E não perderam a chance, quiseram também contar sua versão dos fatos para o repórter que ainda estava por ali conversando com as pessoas.

— Enquanto todo mundo corria desesperado, eu cheguei na calma, dei até risada. Quando essa menina baixinha apareceu, não resisti: “o que você tá fazendo aqui, criança? Volta para primeiro ano!” — e caiu na gargalhada.



E a própria estudante “baixinha” explicou sua versão.

— Olha, não queria causar confusão. O portão fechou e eu pensei: “Vou dar um jeitinho.” Peguei umas canetas ali, passei por baixo e pronto. Aí rolou uma discussão com essa debochada aí, mas foi só pelo estresse do momento. Só não queria perder a chance da prova... vim de muito longe.

Do lado de fora, entre os ambulantes, o assunto continuava. O segurança dá o seu depoimento.

— Eu estava acalmando o pessoal lá fora, não vi a estudante baixinha passar e, também, né, passou do portão, o problema não é mais meu.

— A gente só queria vender canetas, mas aquela baixinha pegou um monte sem pagar. Virou confusão, e ainda fomos parar nessa entrevista com repórter —contou uma vendedora, revirando os olhos.

Uma estudante, que não tinha conseguido entrar, compartilhou seu dilema.

— Fui ver o show do Stray Kids e achei que dava tempo pra tudo, mas me enganei feio. Não tava muito a fim do Enem, acho o SKZ mais minha praia. Chorei bastante, mas tô bem.

Um familiar de um estudante resumiu a cena.

— Quando cheguei, tinha uma multidão correndo, só uma passou de forma inusitada, o resto ficou do lado de fora reclamando. Uma confusão só.

O que parecia o fim da confusão virou o começo de uma inesperada confraternização na barraca de pastel.

— Já pensaram no show da Lady Gaga em 2025? —

perguntou uma das estudantes, mordendo um pastel. — Pra isso a gente vai planejar tudo direitinho, hein?

— Com certeza! Vamos combinar de não deixar pra última hora, tipo, fazer reunião, dormir cedo no dia anterior, colocar três despertadores, escolher roupa, tudo com meses de antecedência — disse Miguel Pedra, meio sem graça.

— Aí sim, nada de videogame até tarde, hein? — ironizou um dos amigos.

Naquele instante, todos riram do contraste: para o Enem, atrasaram, correram, choraram, brigaram; para o show da Lady Gaga, já estavam organizando o plano perfeito — com todo o cuidado. Afinal, para algumas coisas, a pontualidade é questão de honra... para outras, nem tanto. Prioridades.

Davi Murakami da Silva, 12 anos

Isadora Vieira Ferreira, 13 anos

João Vitor Rezende Ramires Gomes, 15 anos

Manuela Fernandes Da Costa, 12 anos

Manuela Rebouças Gomes, 12 anos

Matheus Rafael Silva De Assis, 13 anos

Micaela Brandão Queiroz, 11 anos

Mikaella Kelly Pedroni da Silva, 12 anos

Murilo Henrique da Silva Pereira, 12 anos

Paola Dalcin Comini, 15 anos

Rayane Cupolillo Duarte, 12 anos

Rhuan Massahiro Souza, 12 anos

Samira Aivazoglou Santos, 14 anos

Sofia Oliveira Santos, 14 anos

Yuri Camillo Lima, 14 anos

Yuri Casadei Otoni Silva, 12 anos

# O primeiro ou o último passo?

*Menina de 13 anos treina com a Nasa para ir a Marte em 2033*

(BBC Brasil - 08/10/2014)

**N**AQUELE dia, algo mudou no olhar de Mariana. Ela estava sentada tomando café, sentindo o aroma fresco misturando-se com o vento suave que entrava pela janela, quando seu celular vibrou. Era uma notícia que tinha tudo para ser mais uma entre tantas outras, mas essa, de alguma forma, lhe parecia diferente.

“A NASA confirma: Primeiro ser humano pisará em Marte dentro de cinco anos”.

Ela leu novamente, como se fosse um conto de ficção científica. Marte? O planeta vermelho? Aquela notícia parecia uma ficção, mas não era. As palavras estavam ali, frias e impessoais, mas com um peso imenso. As pessoas, que até pouco tempo achavam a ideia um delírio futurista, agora estavam sendo desafiadas a acreditar que aquilo estava realmente prestes a acontecer.

O mundo tinha chegado a um ponto em que já não bastava mais ter pousado na Lua ou ter lançado satélites que nos contavam segredos do universo. Agora, o objetivo era outro: Marte. Mariana se lembrou de quando, ainda pequena, seu avô lhe mostrava as imagens antigas da primeira missão à Lua e falava com orgulho: “Foi o homem que olhou para o céu e disse: eu posso”.

Agora, naquele instante, era a vez de outros homens, de outras mulheres, de outras gerações. Mariana imaginou a sensação de ver a Terra de tão longe, como um pequeno ponto azul flutuando no imenso vazio. Pensou no astronauta que, um dia, pisaria naquele solo distante, vendo o planeta que chamamos de casa se afastar. A Terra, com seus problemas, suas crises, sua beleza e sua fragilidade.

Mas havia algo a mais naquele anúncio que mexeu com Mariana: não era apenas sobre tecnologia, inovação ou a corrida espacial. Era sobre a imensa capacidade humana de sonhar. Não importava que o futuro fosse incerto ou que o risco fosse grande. A humanidade estava dando o próximo passo para um destino desconhecido, e Mariana se pegou pensando: o que mais seremos capazes de fazer se nunca deixarmos de sonhar?

À medida que o café esfriava, Mariana olhava pela janela. Ela sentia uma mistura de esperança e medo, mas, acima de tudo, sentia uma gratidão estranha. Não pela missão em si, mas por estar viva para testemunhá-la. A humanidade estava prestes a escrever um novo capítulo de sua história e, talvez, no fundo, tudo o que isso realmente significava era que ainda havia esperança. Esperança de que o homem, com suas falhas e virtudes, nunca deixasse de buscar o impossível.

Com um sorriso leve, ela voltou à tela do celular ignorando completamente a dimensão do seu sonho daquela noite. Nada mais era, de verdade, importante. A vida era limitada àquele mundo virtual e irreal.



# Uma eterna dança

*Aos 80 anos, aposentado faz 5 aulas de balé por dia:  
'Eu me sinto vivo'*

G1 - 19/04/2018)

**O** DIA começa com o som incessante do despertador. Hélio abre seus olhos lentamente. É segunda-feira de manhã. Ele se levanta e toma lentamente seu café para começar o dia. Não está animado e gostaria de apenas ser aceito, mas, no mundo de hoje, isso é praticamente impossível.

Depois de tomar seu café da manhã, Hélio se prepara para sair. Ele veste a roupa que separou na noite anterior e, em seguida, arruma sua bolsa. Antes de sair, começa a dançar lentamente na sala de estar, sozinho. Antigamente era uma atividade fácil e prazerosa de se fazer, hoje é algo que lhe causa dor e incômodo. Apesar disso, ele continua, porque dançar lhe faz feliz, e é isso que realmente importa. Em seguida, conversa com o quadro de sua falecida esposa que está com uma margarida em seus finos cabelos. Ele conta sobre seus dias e como sente uma grande saudade dela e de tê-la ao seu lado todos os dias. Depois de longos minutos, ele decide sair.

O céu está cinza e há um vento gelado que percorre suas pernas e o deixa com calafrios. Ele se aproxima de um parque perto de sua residência e percebe que está cheio.

Ele se senta em um banco para tentar esquecer a exaustão que o persegue. Observa o parque: olha para as plantas, para os animais, para as pessoas... tudo parece estar à frente do seu tempo, e não há nada que ele possa fazer. Lembra-se, por um instante, como era bom quando ele e sua esposa dançavam neste mesmo parque. Naquela época, nada era um problema.

Os pensamentos tristes começam a invadir a cabeça de Hélio, e para se livrar deles, decide dançar. Essa é a solução. Enquanto dança, consegue se lembrar de sua amada e parece que nada mais importa. Antes, quando os dois dançavam, uma banda preenchia o silêncio com uma música suave. Hoje, o único som que preenche este silêncio são os celulares e conversas das pessoas, mas isso não o abala. Ele se estica, gira e fica na ponta dos pés, sentindo uma dor quase que insuportável, mas não para - ele não quer parar.

Continua, porém, algo chama sua atenção: olhares de desprezo o cercavam. Uma mãe pega sua filha pelo braço e a afasta de Hélio com uma expressão de preocupação. Algumas pessoas decidem sair, mas isso não faz com que ele pare. Ele sabe que, não importa o que fale ou faça, nada mudará o pensamento delas.

Hélio se cansa e cai na grama macia. Ofegante, olha ao redor e decide descansar um pouco. Ele se senta e repara em uma flor, uma margarida sozinha no meio do gramado. Sem hesitar, acarícia e, mesmo abatido com a situação, sorri e fala num grito de desabafo para que o mundo todo o ouça: “Hoje eu dancei por nós dois. Espero que esteja preparada para dançar comigo... nós dois, sem nenhum olhar, na eternidade”.

# Tudo por um frango ao molho

*Brasil investiga 13 casos suspeitos de gripe aviária*

(CNN Brasil - 30/05/2025)

**N**AQUELE dia, a menina foi ao mercado com os pais, como era de costume ir uma vez por semana. A garota já andava notando que a mãe estava há um tempo comprando mais frango do que outros tipos de carne. Mas, nas últimas semanas, parece que a família trocou o frango por seu antecessor - o ovo. Já fazia um tempinho que a garota não comia aquele frango ensopado com batatas que a mãe fazia, ou aquela coxinha da asa bem fritinha com alho. Então, a garota não aguentou de curiosidade:

— Mãe, o que tá acontecendo que a gente não come mais frango em casa?

— Ih, filha. Olha lá o açougue do mercado. Tem frango demais, eu tô estranhando. Será que não está estragado?

— Deve ser a tal da gripe - disse o pai.

— Hum... - a menina respondeu, sem entender quem é que estava com gripe, as pessoas que não compravam frango ou os frangos, radinhos, que estavam espirrando e com febre.

O frango era o prato preferido da menina. Ela ficou pensando por uns dias e então disse para os pais:

— Tô com saudade do vovô, da vovó. Vamos visitar o sítio deles no final de semana?

Os pais se olharam e acharam lindo a menina com essa saudade e toparam a ideia.

— Tá bom, filha. Mas, chegando lá, não vai comer todos os doces que sua avó faz, hein?

Mas a menina estava pensando era nos franguinhos que os avós criavam e vendiam na cidade em que moravam. Será que os franguinhos fofinhos estavam com a tal gripe que ela ouviu o pai falar no carro?

Passaram-se os dias, e a família foi para o sítio dos avós.

Chegando na casa dos avós, a menina solta:

— Mãe, estou com fome.

— Calma, filha. A mãe já vai ver alguma coisa para você comer. Mas, olha, você nem viu seu avô e sua avó aqui? Cumprimenta eles, menina!

— Ah, desculpa, vô! É que eu tô com fome. Oi vô! Tudo bem?

— Tudo bem, meu amor! - disse a avó.

— Vô, tem frango pra comer hoje?

— Sim, meu anjo. Mas não tem muito, não, viu? Tô vendendo bastante com essa história de gripe, porque o povo aqui do interior fala que só os frangos dessas granjas grandes é que ficam doentes.

A avó põe a comida na mesa e, enquanto a menina come com a mãe, seu avô e o pai da garota conversam no outro lado da mesa:

— Olha, Antônio, eu estava pensando que vocês podiam mudar pra cá, pro sítio, porque eu tô precisando de gente pra me ajudar a criar os frangos. Fiquei sabendo que o negócio de dirigir carro pra lá e pra cá carregando gente de madrugada tá muito perigoso. Eu tô preocupado com vocês...

— Oh, sogro. Eu acho uma ótima ideia, mas tem que ver a escola da menina...

— Hum! Eu vou adorar comer esses franguinhos, ops, quero dizer, cuidar dos franguinhos! - respondeu a garota, de boca cheia.

— Mas e suas amiguinhas da escola? - perguntou a mãe, lambendo os dedos sujos do caldo do frango.

— Ué, mãe, não é você que vive falando que morar no interior é melhor? Que aqui ninguém fica doente? Então, melhor vir. Olha só, nem os frangos aqui pegam gripe! - a menina respondeu, só pensando em comer seu prato preferido com mais frequência e ainda poder cuidar dos franguinhos que ocasionalmente ficarem gripados.



# O dinheiro que some

*Aumento do IOF: veja como mudanças impactam o bolso e gastos no dia a dia*

CNN Brasil - 23/05/2025)

**H**OJE de manhã, eu acordei e meu pai estava nervoso lendo no celular dele. Ele disse “Olha isso aqui ó, vai subir o IOF!”. Eu perguntei “O que é isso pai? Um tipo de videogame?”. Ele riu sem graça e falou que não, que é mais um jeito do governo de pegar mais dinheiro das pessoas. Eu não entendi muito bem, só sei que ele ficou bravo e minha mãe ficou calada tomando café.

Eu fui pesquisar e vi que é tipo um imposto que a gente paga sem nem ver. Eu acho meio injusto, porque a gente nem sabe o que tá pagando, só vê que o dinheiro sumiu do nada.

Alguém do governo falou na TV que precisa de 20 bilhões. Mas pra que tanto dinheiro assim? Não dava pra fazer uma vaquinha? Ou vender alguma coisa velha que tá guardada no planalto, sei lá? Sempre que falta dinheiro aqui em casa, a mãe vende coisas. Funciona bem, viu?

Eles vão pegar mais dinheiro de empresa grande, de gente que tem aposentadoria rica (que eu nem sabia que existia) e de quem compra dólar. Eu acho que se a pessoa já tem um monte de dinheiro guardado e ainda compra dólar, ela nem devia estar reclamando.

Mas meu pai falou que, mesmo assim, essa história de rico pagar não é verdade, porque, no fim, essas empresas sempre repassam tudo pra gente, tipo quando o sorvete aumenta e ele diz “culpa do imposto”. É sempre assim, quando aumenta IOF, aumenta o preço de tudo e sobra pra gente. Só minha mesada que não aumenta. E se eu inventasse um imposto para ganhar mais na mesada?

Eu acho que esse negócio de IOF parece tipo aquele jogo que a gente joga na escola que uma pessoa fica escondida e vai tirando as coisas dos outros e ninguém vê. Um dia, a gente acorda e PUF, sumiu o dinheiro da carteira, do cartão, da conta no banco da mãe, e ela nem sabe por quê.

Se o governo precisa de tanto dinheiro, por que ele não para de gastar com coisa boba tipo viagem de político, comida chique em restaurante caro e gasolina de helicóptero? Aqui em casa, a gente só compra carne quando tem promoção e, mesmo assim, só frango. Pizza? Só uma vez por mês. Acho que minha família poderia ensinar algumas coisas para esses ministros...

No fim, meu pai disse: “Filho, aprende uma coisa: no Brasil até o que você não compra, você paga imposto”. Eu ri, mas achei triste também. Significa que a gente paga imposto demais.

Imagina pagar IOF no chiclete? Aí é demais! A tia da vendinha em frente à escola vai aumentar o preço de tudo!

Enfim, eu só queria que o governo falasse com a gente de um jeito normal, sem essas palavras complicadas. E que parassem de aumentar as coisas toda hora. Já não dá pra comprar nem figurinha da copa sem parcelar em duas vezes.

# O café da esquina

*Entenda a teoria do caos e o efeito borboleta, que ajudam a explicar o Universo*

(BBC Brasil - 13/12/2021)

**E**RA só um café, aquela portinha meio torta na esquina da rua onde a pressa sempre atropelava a gentileza. Sempre tinha alguém tropeçando em algo ou em alguém. Mas quem entrava ali sabia: era um portal. Um portal para reconectar as emoções.

Dona Célia, a dona do café, com suas mãos enrugadas de doçura, fazia questão de decorar o nome dos fregueses. Sabia quem tomava café sem açúcar por causa da glicose e quem pedia com mais leite, porque a vida andava meio sem cor. Sabia quem pedia um pão na chapa e quem queria um pão de queijo, para lembrar os tempos vividos no interior.

Quantas lembranças que cada um carregava na cabeça... O piloto de avião, que só de vez em quando passava por ali, sempre se lembrava de sua mãezinha que vivia em Belo Horizonte.

Tinha um casal que ia todos os domingos e que tinha uma história engraçada, do noivo deixar a noiva esperando no altar, o que era bem diferente do convencional.

No balcão, entre xícaras e histórias, o tempo tinha outro ritmo. Ninguém ficava pensando que o que acontecesse ali poderia ser bom ou ruim para o outro. Era um tempo de calma, de pausa para respirar. Havia até umas borboletas pintadas numa parede para que todos se lembrassem da beleza do voo delas e se esquecessem do caos da cidade.

Entre tantos fregueses, tinha o seu Armando. Seu Armando era o marido da Dona Célia, mas fazia questão de ir lá só de vez em quando, dizia que era o freguês preferido daquela senhora.

Teve um dia que seu Armando esqueceu o nome da própria esposa. Alguém até comentou que era o começo do fim.

No dia seguinte, dona Célia, em vez de comentar, fez o bolo preferido do esposo e escreveu o nome dela no guardanapo, com uma mensagem: "Para quando a memória faltar, o afeto lembrar."

Alguém que viu a frase fez questão de escrevê-la ao lado do voo das borboletas.



# Noite de Oscar

*'Ainda Estou Aqui' vence Oscar de melhor filme internacional e faz história na premiação*

(G1 - 02/03/2025)

— Você viu que o Brasil ganhou o Oscar? – perguntou Lara, sem tirar os olhos do celular.

— Sério? – respondeu Júlia, largando o pacote de bolacha no sofá. — Tá brincando!

Lara virou a tela, animada, como se tivesse achado um bilhete premiado. “Ainda Estou Aqui”, um filme que trata da época da ditadura militar no Brasil, tinha levado o prêmio de Melhor Filme Internacional. Pela primeira vez, o Brasil lá, de verdade, com a estatueta dourada na mão. E com um tema tão forte... um assunto tão importante!

— Imagina eles no palco... falando português com o mundo inteiro assistindo.

— Tô toda arrepiada – Júlia sorriu. — Parece até que a gente ganhou junto, né?

— Parece Copa do Mundo, quando a gente sente que ganhou.

— É... mas faz tempo que não ganhamos a Copa. Nem lembro de ver meu pai torcendo em frente à TV – disse Júlia, pensativa.

— Nossa, olha aqui, Ju, o vestido da atriz principal, a Fernanda Montenegro. – Lara falou, mostrando o celular para a amiga.

— Que Montenegro, mulher!! Essa que você tá falando é a mãe. Quem ganhou o prêmio foi a filha, Fernanda Torres!

— Eita, é muita Fernanda. Por que colocar o mesmo nome? – reagiu Lara, rindo.

— Ué, mas não tem um monte de jogador por aí com o mesmo nome? Só Ronaldo tinha uns três ou quatro.

— E você não para de comparar o prêmio com futebol, hein?

— E não é pra comparar? Vai me dizer que eles não ficaram “treinando” assim como os jogadores treinam para o jogo? Imagina quanto tempo de preparação!

— Verdade. Tão gostoso sentir essa sensação de ganhar alguma coisa, né?

— É...

E voltaram a fazer o que estavam fazendo. Uma, a fazer o trabalho de escola. Outra, a separar o lixo para reciclar.

Lá no fundo, as duas sabiam: não era só sobre um filme. Era sobre se sentir presente. Sobre lembrar que, mesmo quando tudo parece longe, a gente ainda tá aqui. Criando. Sonhando. Fazendo história.

# O amor e o festival

*Brasil em Cannes: grupo de frevo se apresenta no tapete vermelho durante premiere de 'O agente secreto'*

(O GLOBO - 18/05/2025)

**C**ARLOS acordou com receio de viajar para outro país e mostrar a sua arte. Ele iria apresentar sua arte, o frevo, num festival de cinema na França! Ele, um rapaz do nordeste que só sabia dançar, ia viajar pra França!

Não parava de pensar “E se acharem o frevo uma dança feia? Os franceses gostam de ballet... e se falarem algo que eu não entenda no meio da dança? E seu eu tropeçar e cair?”

Estava muito apreensivo, mas agora não tinha mais jeito, iria para a França mostrar seu talento. Que sonho que estava vivendo! Mostrar o frevo para o mundo!

Ao chegar a hora, Carlos pegou suas malas e foi para o aeroporto encontrar o restante da equipe de dança e da produção do filme que estava concorrendo a um prêmio.

Nunca tinha viajado de avião para fora do país. Precisou de ajuda dos amigos que já estavam acostumados - pessoal de cinema, sabe como é... Quase se perdeu na fila do aeroporto. Mas depois que entrou no avião, estava mais calmo.

Onze horas depois, pisou em solo francês.

Não tinha como não se encantar com coisas tão diferentes do Brasil. Se bem que algumas construções lembravam uns cafés do seu Nordeste, pensou. “Bem que falam por aí que esse lugar é lindo”.

Tiraram um tempo pra passear um dia antes da apresentação e então saiu com o pessoal da produção do show de dança.

O show seria uma apresentação do que é o Brasil pro mundo, só para dar uma sacudida em relação ao filme, que tinha tudo pra sair vencedor de alguma coisa naquele festival.

Junto ao pessoal da produção, havia alguns guias turísticos. Entre eles, uma garota francesa muito bonita e simpática, que dava atenção a todos os brasileiros. Carlos era muito tímido, mas conseguiu fazer com que a francesa o notasse e logo perguntou seu nome: Bianca. “Bianca... que bom, um nome fácil de pronunciar em português”, ele pensou.

Após o passeio, o grupo descansou no hotel para se preparar para o dia seguinte, que seria a apresentação.

No dia seguinte, faltando alguns minutos para iniciarem a apresentação do frevo, Carlos encontrou a guia turística, Bianca, que, chegando perto dele, perguntou num lindo e claro português se ele estava nervoso. Achando estranho o fato de ela falar português, Carlos a questionou, e ela explicou: “Minha mãe é brasileira e sempre se comunicou em português comigo”.

Era chegada a hora. Carlos respirou fundo e foi dançando seu frevo pelas ruas de Cannes. Girou, rodopiou, pulou, e todos receberam muitos aplausos, afinal, muitos dos que estavam lá nunca tinham visto essa manifestação da cultura brasileira. “O povo acha que no Brasil só tem samba”, disse Carlos a um amigo dançarino.



Bianca ouviu esse comentário e falou que ela sempre tentava dizer a todos como o Brasil é lindo e interessante. E então convidou Carlos para conhecer um pouco mais de Cannes e falar com sua mãe, uma brasileira que cozinhava muito bem.

Carlos conheceu Cannes, os bares franceses e ainda foi à casa de Bianca, a simpática guia de turismo, e comeu um bom arroz com feijão feito pela mãe da garota, que ainda fez questão de fazer uma marmitinha e mandar para o ator principal do filme que concorria ao prêmio, o ator Wagner Moura.

No momento da despedida, na porta do hotel, Carlos não aguentou e deu um leve beijo na boca de Bianca, que retribuiu com outro beijo e com uma frase em francês que ele nunca mais se lembrou. Trocaram e-mails, telefones, redes sociais e uma promessa de visitas.

O dançarino voltou com a certeza de que o ator pode até ser famoso e bonito, mas prêmio mesmo, quem ganhou foi ele, o dançarino nordestino.

# “Fal-au-tória”

*Japonês que gastou R\$ 70 mil para se "transformar"  
em cachorro faz 1º passeio*

(CNN Brasil - 28/07/2023)

**E**STAVA eu sentado no degrau da porta da minha casa, lá olhando o pôr do sol, quando vi um homem passeando com um cachorro, um cachorro de raça, da raça Collie.

Quando passa por mim não faço carinho, pois não tenho este costume. Moro numa rua com pouco movimento e sempre tem alguém passeando com um pet por lá, justamente pela calma. Se eu fosse dar atenção para cada cãozinho que passasse, talvez ficasse com a roupa cheia de pelos. Porém, ao passar por mim, algo estranho acontece. O cachorro se vira pra mim e fala:

— Não vai me fazer carinho?

Sim, o cachorro, não o dono, fala. Isso mesmo, leitor.

— Agora fique louco mesmo! – pensei, mas o cachorro insistiu:

— Vai logo, me faça carinho!

— Como é que é? Você é um cachorro que fala? Isso realmente existe ou eu estou ficando louco?

E o cachorro respondeu:

— Sim, sou fruto da sua imaginação fingindo que estou falando! É claro que falo! – respondeu o cão com um tom irônico.

Porém, ainda sem entender, falei:

— Mas não parece um cachorro! – e o cachorro retrucou:

— Trabalha ou não?

— Sim.

— Dá pra ver que seu raciocínio baixo é estresse! – retrucou o cachorro. — É claro que sou um humano! Não tá vendo? Precisa de óculos?

Fiquei assustado e perguntei ao dono se era verdade, e ele apenas consentiu, dizendo:

— Já está óbvio e você ainda pergunta! O que custa pra você fazer um carinho?

E dizendo isso, saiu andando com seu pet. Ou seria seu amigo de estimação?

Já vi gente tratando bicho como ser humano. Conversando e acreditando que o animal respondia. Já vi gente cuidando de bonecas como se fosse humano, criando até doenças virais típicas da infância. Já vi homem barbudo se vestindo como personagem de desenho japonês.

Agora, compreendi que existe louco para tudo, até para virar cachorro.

E passei o resto do dia pensando nisso e me perguntando o que mais pode acontecer nessa cidade.



# O ladrão que saiu no prejuízo

*Ladrão é colocado para correr por morador armado com frigideira*

(CGN - 21/06/2024)

**E**RA uma manhã como outra qualquer, até que um ladrão resolveu pular o portão da casa do Sr. Luiz... e caiu de cara no chão. Para piorar, além de desastrado, o sujeito parecia ter deixado o cérebro em casa. Acreditem: ele teve a ousadia de invadir uma residência desarmado.

No quarto, Luiz assistia à cena pelas câmeras de segurança — daquelas de marca famosa, que a gente vê em comerciais de TV. Acompanhava tudo: o pulo desajeitado, o tombo vergonhoso... Seria cômico, se não fosse trágico. Com a adrenalina a mil, correu para a cozinha em busca de algo com que pudesse se defender. Avistou a frigideira — novinha, de teflon — e pensou: “Já vi em desenho animado... deve funcionar”.

Enquanto isso, o ladrão lutava para abrir a porta dos fundos. Luiz, feito um ninja improvisado, pulou a janela da frente e se aproximou em silêncio. Posicionou-se atrás do invasor e, sem hesitar, deu-lhe uma pancada certa com a frigideira. O barulho foi seco. O ladrão, mais ainda.

A frigideira, coitada, não saiu ilesa. Amassou todinha. Luiz até tentou manter a calma — afinal, foi por uma boa causa —, mas o apego ao utensílio falou mais alto.

Com o ladrão desacordado no chão, Luiz chamou a polícia. Assim que os agentes chegaram e deram voz de prisão, ele vibrou. Mas, antes que o meliante fosse levado, exigiu algo inusitado: reposição da frigideira.

E não é que conseguiram? Conduziram o criminoso até uma loja, onde ele — sob supervisão, claro — comprou outra frigideira igualzinha. Só então foi levado direto para a prisão.

Desde então, nunca mais se teve notícias do invasor. Já Luiz segue firme, atento, e agora mais preparado do que nunca. Sua nova frigideira brilha na cozinha... à espera do próximo azarado que resolver escalar o portão errado.





the 2010-11 season.

DRE

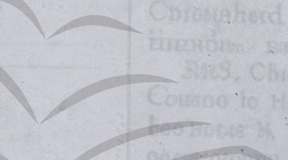
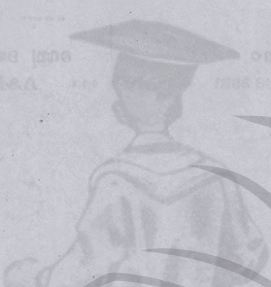
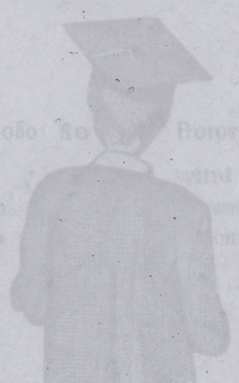
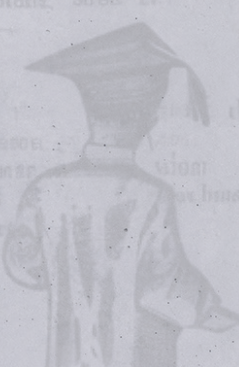
# JACANÃ/ TREMembÉ



ed  
l are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





## *Janeiro Branco: A importância dos cuidados com a saúde mental das famílias atípicas*

(Leia Já - 22/01/2025)

**A**CORDAR com a risada da minha irmã Luiza é sempre o melhor começo do dia. Ela é autista nível dois e tem um jeito único de se expressar. Hoje, por exemplo, colocou uma tiara cheia de “strass”, olhou-se no espelho e disse: “Tô parecendo uma estrela!” – e eu ri junto, porque ela realmente brilha.

Durante o café, ela transforma tudo em diversão. Imita os personagens, muda de voz e até faz as comidas entrarem na brincadeira. É incrível como ela consegue transformar momentos simples em algo especial. Às vezes, eu só a observo, encantada com a leveza dela.

Claro que nem todos os dias são assim fáceis. Quando as coisas ficam barulhentas ou confusas demais, ela se sente sobrecarregada. Nesses momentos, um abraço apertado e palavras calmas ajudam. Mesmo nos dias difíceis, a nossa conexão se fortalece.

À noite, a gente assiste a um filme abraçadas no sofá. E ali, olhando para ela toda empolgada, eu penso no quanto eu aprendi. Com Luiza, entendi que ser “atípica” é só um jeito diferente e bonito de ser – cheio de cor, verdade e amor.



**O**S sonhos estão presentes no sono de muitos. Principalmente na vida do garoto Malcom. Ele sonha todos os dias e, às vezes, não tem sonhos tão bons assim. Por causa dos sonhos (ou pesadelos), o garoto não consegue acordar para tomar café da manhã. Muitas vezes, a mãe do garoto precisa acordá-lo, já que ele não consegue acordar sozinho.

Malcom não gostava de sonhar. Ele decidiu nunca mais dormir. Porém, o garoto de apenas oito anos “morreu de sono” na primeira noite. Sua mãe percebeu a inquietação do garoto em frente à televisão e foi conversar com ele:

- O que foi, filho?
- Não quero dormir nunca mais para não sonhar. – respondeu o menino.
- Mas filho! Sonhar é bom e você precisa dormir para se sentir bem. – A mãe disse, tentando convencê-lo.
- Mas eu tenho medo! – chorou Malcom.
- Venha! Eu te coloco na cama e leio uma história para você.

A mãe pegou o menino no colo e o levou para o quarto. E então, contou uma história incrível para o filho; que naquela noite, sonhou o sonho mais lindo que já teve. Desde então, ele nunca mais quis parar de dormir, e mesmo com pesadelos, quis sonhar.



# Vida de gato não é fácil

*Gato é 'preso' suspeito de furto nos EUA*

(G1 - 04/09/2019)

**B**ONES tinha uma vida muito boa: casa confortável, donos amorosos, ração todos os dias. Dividia o lar com o amigo Ted, um cachorro vira-lata muito esperto, além da charmosa e folgada gata Charlotte.

Num certo dia, Bones encontrou seu pote de comida quase vazio. “O que teria acontecido?”, pensou. O gato vasculhou a casa toda e não descobriu nada! Muito faminto, tentou procurar onde comer em outro lugar. Foi quando deu de cara com Ted. O encontro, inesperado, causou-lhe um grande susto: Bones saltou por cima do vira-lata e correu, invadindo a casa do vizinho pela janela.

Lá, ainda com muita fome e percebendo que não tinha ninguém, saiu mexendo em tudo em busca de encher a barriga. Derrubou panelas, latas, vidros, fazendo a maior barulheira!!! Foi quando, de repente, alguém arrombou a porta...

Pego de surpresa e assustado mais uma vez, tentou sair despercebido, mas não tinha mais jeito: tratava-se da polícia que, sem muitas explicações, deteve o bichano.

Na delegacia, Bones tentou justificar-se, em tom melancólico.

— Olha só, não é culpa minha se meu dono ficou louco, inventou um negócio chamado “dieta” e começou a regular minha comida.

Entretanto, tudo que o delegado ouvia era: “Miau, miau miau, miau miau miau, miaaaaauu!”

Achando que era fome, os policiais acabaram alimentando o gatinho.

Quando o dono de Bones chegou à delegacia, ficou muito bravo e chateado com ele por toda aquela confusão. E resolveu, então, dar-lhe um castigo de mais dois meses de dieta! A partir daquele dia, Bones só poderia comer ração sabor salada! Uma comida que, por sinal, qualquer gatinho odeia.

Enquanto voltavam para casa, o pequeno era só reclamação:

— Eu não gosto disso! Você que deveria fazer dieta, seu gordo!

Pobre, Bones! O dono, com um olhar confuso para o seu bichano, só entendia miau pra lá, miau pra cá, miau prá lá, miau pra cá...

Arthur Ramos Soares, 11 anos

Caio Rodrigo S. Melo, 11 anos

Miguel Augusto B. de Azevedo, 11 anos

Anna Luiza D. Reis, 11 anos

Daniel Cruz Pinheiro, 11 anos

Helloá Andrade Andreino, 11 anos

Manuela Pires e Silva, 11 anos

Melissa Martins Leal, 11 anos

Otávio da Silva Nonato, 11 anos

Ana Clara Leme Allegretti, 12 anos

Bruna Rosa Aleixo Damasceno, 12 anos

Maria Aniclecia Melo Nunes, 12 anos

Maria Sophia Teixeira, 12 anos

Sophia Azevedo, 13 anos

Yasmin I. P. Takara Manso, 13 anos

# Quando ser entendido também cura

*Hospitais Municipais de São Paulo recebem Central de Intermediação em Libras (CIL)*

(Prefeitura de São Paulo - 31/10/2020)

101



**N**AQUELE dia, a aula não foi só uma leitura de notícias. Foi uma troca de vivências, de sentimentos, de realidades. Lemos juntos sobre a implantação da Central de Intermediação em Libras nos Hospitais Municipais de São Paulo — um serviço que promete dar voz a quem fala com as mãos e escuta com os olhos.

Os amigos compartilharam experiências como:

“Em um dia chuvoso, minha mãe me pegou e fomos para algum lugar, sem saber para onde ia, fiquei ansioso durante todo o trajeto. Chegando ao local, me surpreendi ao ler as letras gigantes, estava escrito hospital.”

Então, as professoras dos componentes curriculares Língua Portuguesa e Sala de Leitura nos perguntaram:

— Quando foi a última vez que vocês foram ao hospital?

As respostas vieram como quem procura na memória não só a data, mas também a sensação daquele dia: "junho", "janeiro", "abril", "maio"... Alguns colegas disseram "não lembro".

E, logo depois, uma pergunta que parecia simples, mas que trouxe respostas cheias de significado:

— Quem foi com vocês?

"Minha mãe", "minha irmã", "minha família"... Infelizmente, nós sabemos que ir ao médico não é só buscar um tratamento, mas também levar junto quem possa ser a nossa voz, o nosso ouvido, a nossa ponte com quem não fala Libras.

Depois, nos perguntaram:

— No atendimento, vocês tiveram acessibilidade em Libras?

As respostas foram como fachadas na consciência de qualquer um: "Não.", "Sei ler lábios, mas não entendi tudo." E outro colega completou, com um olhar que falava mais do que qualquer sinal: "Me senti triste... confuso... ansioso."

E quando as professoras nos questionaram: — Você entendeu todo o tratamento? E o diagnóstico? Veio a verdade, dura como só ela sabe ser:

"Não, me senti humilhado."

"Não, fiquei perdido."

E é aí que a gente entende que a dor não está só no corpo. Às vezes, a maior dor é não ser compreendido. É o silêncio do outro que machuca. É a falta de acessibilidade que adoce mais do que qualquer doença.

Por isso, aquela notícia não era apenas uma inovação. Era um grito de esperança. A Central de Intermediação em Libras não é um favor. É um direito. É dignidade. É cuidado que chega em sinais, olhares e mãos que falam.

Naquela aula, reforçamos que inclusão não é só uma palavra bonita em discursos. Inclusão é vida. Inclusão é respeito. Inclusão é quando o mundo entende que ninguém — absolutamente ninguém — deveria sair de um hospital sentindo-se triste, perdido ou humilhado... só porque fala uma língua diferente.

Abel Vidal Condori Valencia, 14 anos

Andrew Gustavo Silva de Macedo, 15 anos

Gabriel Borges de Oliveira, 14 anos

Murilo Cardoso de Oliveira, 14 anos

Otávio Fontes Matos, 14 anos

Richard Victor de Souza Alves, 15 anos

Evilyn Lima dos Santos, 16 anos

Isabelly dos Santos Cordeiro, 15 anos

Kimberly Vitoria Salak de Oliveira, 15 anos

Renato Demétrio Monteiro, 15 anos



# Jogos de adultos

*Os imigrantes brasileiros na mira das deportações em massa*

(BBC Brasil - 07/02/2025)

O CARRO deslizou pelo estacionamento da escola de Lili. O sono de Kitty tinha sido embalado por buzinas e uma melodia suave que tocava no rádio. Era tão pesado que parecia à prova de tudo... menos de uma adolescente raivosa. Lili bateu a porta do carro com força ao entrar. Sabiamente, Kitty esperou imóvel até a fera descontar seu ódio na tela do celular.

— Por que você bateu nele? – a criança perguntou, lembrando da ligação que o pai recebeu e do terrível histórico de agressões da irmã.

— Era um idiota falando idiotices, e eu não sou obrigada a ouvir idiotices sobre a minha melhor amiga! – Lili respondeu, ainda revoltada.

O pai entrou no carro sem demonstrar apoio à rebelião da filha.

— Aposto que ele mereceu! – Kitty cruzou os braços, arrancando um sorriso de Lili. — Já que vamos para a casa da Tempie, eu posso entregar o desenho que fiz para o Titi! Por que será que ele faltou?

Nesse momento, Lili lançou um olhar de “você não contou pra ela?” para o pai, que Kitty fingiu não notar.

— Olha, Kitty, os Medeiros estão de mudança. – explicou o papai ao volante.

A notícia pegou Kitty de surpresa.

— Ah, e vão para outro bairro?

— Não, meu bem, vão voltar para a América do Sul. – Lili murmurou. Ela também sentiria falta da Tempie.

Kitty se permitiu afundar no sofá. Desde a morte da sua

mãe, os Medeiros eram sua família. Tereza era sua segunda mãe e também estava indo embora. O único amigo que ela conseguiu fazer iria para o outro lado do continente.

O carro parou algumas quadras depois. Kitty saiu do carro engolindo o choro. A casa era uma bagunça de caixas e malas. Maria, irmã da tia Tereza, chorava com o bebê no colo. Kitty vagou até encontrar Tiago na garagem. Ele estava cheio de graxa e martelava um pedaço de madeira sem nenhum motivo aparente.

— O que está fazendo, Titi?

— Não me chame de Titi! – o garoto reclamou. — Estou me preparando.

— Para quê?

— Para o reality. Eu também não entendi direito, mas ouvi falar que é algo parecido com Os Jogos Vorazes.

— O que é isso? – Kitty perguntou, confusa.

— Também não sei, mas se eu ganhar, posso ficar. – ele parou para descansar. — Não vou te deixar sozinha, Kitty.

— Eu só queria que você soubesse que é meu melhor amigo... e vou sentir sua falta. – ela falou com a voz embargada e entregou o desenho.

Tiago sorriu e a abraçou, ignorando a graxa que sujou o uniforme dela e as lágrimas que molharam a camiseta dele.

— Você vai ser minha melhor amiga até aquela flor morrer. – ele apontou para um vaso no outro lado da garagem.

Antes que Kitty pudesse falar alguma coisa, Tereza apareceu e arrastou o garoto para o banho, nada contente com o “treinamento” dele.

Minutos depois, Temperança apareceu para pegar uma caixa e encontrou Kitty chorando. Sem dizer uma palavra, sentou-se ao lado dela e a abraçou. Deixou a criança chorar enquanto acariciava seus cachos.

— Por que vocês vão embora?

— São jogos de adulto, Kitty. Somos imigrantes e agora não podemos morar aqui.

— Venham morar comigo. — Kitty murmurou.

— Quando disse “aqui”, me referi ao país. — Tempie acariciou mais ainda seu cabelo. — Mas não se preocupe, o Brasil é um país quente, tanto o clima quanto as pessoas.

Ela se levantou e pegou a caixa quando ouviu a buzina. Kitty não moveu um músculo.

O céu já escurecia quando ela saiu do chão e se aproximou da flor. O vaso tinha caído por causa do vento. Analisou por alguns segundos até perceber que a flor era de plástico. Kitty pegou a rosa e caminhou lentamente até o quintal, onde Lili soltava bolas de sabão. Neve começou a cair, e um avião subiu no horizonte.

— Eles vão voltar? — Kitty perguntou, sentando-se ao lado da irmã.

— Não, eles já voaram, meu bem. — Lili respondeu, olhando fixamente para o pôr do sol.

Doeu, mas Lili era a única pessoa que não mentiria para Kitty por ser “apenas uma criança”.

— Eles ficarão bem?

— Não se preocupe, o Brasil é um país quente. — ela abriu um leve sorriso.

As duas ficaram observando em silêncio os aviões subindo. Em algum deles, uma família de latinos deixava a América para os americanos. A única coisa que confortava Kitty era saber que a flor nunca morreria.



the 2010-2011 season.

DRE

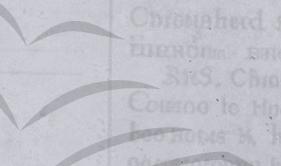
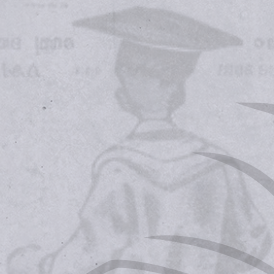
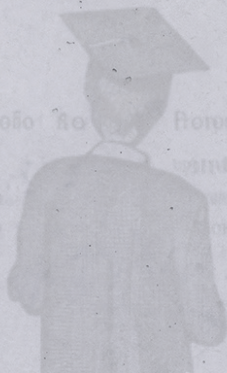
# PENHA



ed  
I are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





# A boneca que dorme no berço, a criança que dorme no chão

*Brinquedo ou suporte emocional? Bebês reborn viram febre nas redes sociais*

(Fantástico - 11/05/2025)

ELA tinha um nome delicado: Isabella. Usava fraldas e roupas importadas, além do berço que custava mais do que três salários mínimos. Era levada para passear em carrinhos elegantes, com cobertas fofas e madeiras quentes. Recebia atenção o tempo todo, ganhava perfumes de bebê, banho com espuma e até consultas médicas — ainda que ninguém estivesse realmente doente.

Mas Isabella não era um bebê. Aliás, não era um bebê comum, desses tradicionais. Isabella era um bebê reborn. Um pedaço de borracha que imitava com perfeição um bebê humano. E apesar de não respirar, não sentir dor, não ter fome, recebia o tipo de cuidado que muitas crianças de verdade nunca conheceram.

Enquanto isso, na mesma cidade — talvez até na mesma rua — outra menina, também chamada Isabella, se encolhia no meio de papelões usados. Tinha seis anos. Seu cobertor era um pedaço de lona rasgada. O berço, a calçada. Suas roupas estavam sujas e rasgadas, o cabelo embaraçado. Ninguém a levava para passear. Ninguém dava banho. Ninguém perguntava seu nome.

O que separa essas duas Isabellas? O carinho exagerado dessa brincadeira de faz de conta dos adultos e a indiferença com a realidade. O cuidado que falta a quem precisa e sobra a quem não sente.

É estranho pensar que uma boneca receba mais amor do que uma criança em carne e osso.

Talvez seja mais fácil amar o que não chora, o que não exige atenção, o que não nos dá trabalho ou responsabilidades.

Talvez o reborn seja a versão fácil de ser mãe, sem as dores, os gritos, as responsabilidades. Mas, do outro lado da rua, existem crianças esperando. Não por brinquedos, mas por dignidade e respeito.

Porque enquanto as bonecas dormem em berços caros,

há crianças que aprendem cedo a sobreviver — sem colo, sem casa, sem nome.

E a pergunta que fica é: quando foi que esquecemos que o amor de verdade não é pintado à mão? Ele se constrói com presença, com cuidado, com ação. Com gente cuidando de gente.

Agatha Mariana Carmona Martins, 10 anos  
 Alice Lima Rodrigues, 9 anos  
 Arthur De Souza Barros, 7 anos  
 Beatriz Lopes De Arruda Camara, 7 anos  
 Bernardo Lorenzo Aguiar, 9 anos  
 Breno Fernando Aguiar, 10 anos  
 Davi Lucca Ribeiro Malagoni, 10 anos  
 Gabriel Aparecido Guedes Galvao Ribeiro, 9 anos  
 Gabriella Aparecida Guedes Galvão Ribeiro, 11 anos  
 Gabriella Ferreira Rodrigues, 7 anos  
 Henrique Zaqueu Gozze Silva, 13 anos  
 Hillary Farias Rodrigues, 12 anos  
 Iza Oliveira De Paula, 7 anos  
 Kauany Estevam Dos Santos De Andrade, 13 anos  
 Larissa Aparecida Guedes Galvao Ribeiro, 7 anos  
 Laura Fernandes, 7 anos  
 Livia De Souza Barros, 7 anos  
 Livya Vallentina Almeida, 7 anos  
 Lorenna Marques De França, 7 anos  
 Lorenzo Farias Rodrigues, 9 anos  
 Lucca Davi Neres De Almeida, 6 anos  
 Luiza Martins Da Costa, 11 anos  
 Manuella Dos Santos Bento, 11 anos  
 Manuella Matos Albino, 7 anos  
 Maria Clara Benevento Rufino Rocha, 10 anos  
 Maria Clara Moreira Jesus, 09 anos  
 Maria Eduarda Gonzaga Laurindo, 13 anos  
 Maria Vitoria Dos Santos, 11 anos  
 Mariah Eduarda Sousa Andrade, 09 anos  
 Mirella Beatriz Souza Feitosa, 08 anos  
 Nicole Rodrigues De Oliveira, 11 anos  
 Nicollas Gabriel Lima Rodrigues, 09 anos  
 Samuel Carvalho Queiroz, 08 anos  
 Sophia De Lima Oliveira, 09 anos  
 Sophia Victoria Henrique Camilo Giusti, 11 anos  
 Sueli Aparecida Guedes Galvao Ribeiro, 13 anos

# Alienígena?!

*Satélite abandonado emite sinal de rádio poderoso e  
intriga cientistas*

(CNN Brasil - 30/06/2025)

**T**RÊS cientistas vêem um borrão azul no céu logo após receberem um sinal muito forte de rádio. Esse estranho sinal ofuscou todo o resto do céu. Após verem, ficam muito empolgados:

— Ô *loko, meu!* Que coisinha clara.

— É mesmo.

— Eu acho que é uma estrela cadente!

— Eu acho que é um alienígena.

— Você acha que é um alienígena?

— Sim. Alienígena.

— Alienígena!!! – ambos gritam.

Outro cientista interrompe o grito coletivo de Leandro e Eduardo, logo indo consultar o radiotelescópio ASKAP. Vê que está perto demais da Terra.

— Está perto demais da Terra! Um objeto desconhecido... Isso desafia a física atual, mas talvez não seja um alienígena...

— Oh! Você fica sempre quebrando o clima!! *Qualé*, Fábio?



# 1% de bateria

*Perdidos na mata, jovens pedem socorro com 1% de bateria e são resgatados com ajuda de drone*

(G1 - 01/07/2025)

**J**OVENS perdidos na mata. A Ca, o Cho e o Eira, jovens entre 20 e 23 anos, resolveram fazer uma trilha para uma cachoeira e, na volta, acabaram se perdendo.

— Onde estamos?

— Andamos em círculo, parece. — diz Cho.

— Acho que nós nos perdemos nessa mata! — disse o Eira.

Ambos falam para consultar o celular e pedir resgate.

Todos gritam:

— 1% de bateria?!?!

Diz Eira:

— Liga rápido para os bombeiros!

Cho liga e, rapidamente, chega o Naldo, o bombeiro nadador do resgate! Naldo vem nadando rapidamente e salva Ca, Cho e o Eira de uma presepada!

# A queda do universo

*Cientistas afirmam que o fim do universo ocorrerá antes do previsto*

(G1 - 14/05/2025)

UMA criança estava olhando para o céu estrelado que, naquela noite, estava com tons arroxeados e perguntou para o seu colega:

— Como seria se o Universo não estivesse ali?

Seu colega, no mesmo momento, com sua inocência de criança, respondeu:

— Acho que se o Universo se destruísse, ia ter vários fogos de artifício, bombinhas e confetes.

No mesmo instante em que conversavam, uma explosão no céu aconteceu e tudo ficou claro e silencioso na Terra.

Enquanto isso, no Planeta TOI 700, uma alienígena chamada Gliese, de 867 anos, estava desesperada contando para seus conterrâneos toiteanos que seres humanos haviam invadido sua moradia, que era um buraco, e levado seus filhotes para ajudar na reprodução da espécie humana, como uma última tentativa de evitar sua extinção:

— Eles invadiram minha toca, pegaram minhas crias e levaram para um tipo de cápsula. — Gliese contava, afobada. — Também tentaram me levar, mas eu resisti e escapei. Agora tenho que lutar para recuperar minha toca e minhas crias.

Os toiteanos gritaram em coro:

— Não aceitamos invasores em nossas terras e sempre defenderemos nossas crias!

E, assim, foram em busca das cápsulas onde um pesquisador de humanos da espécie toite, chamado Stronter, tentaria conseguir os códigos para *hackeá-las* e levá-los até suas crias.

Gliese e Stronter partiram em busca de um lugar para se abrigarem com segurança, assim poderiam planejar as estratégias de resgate de seus filhotes e também para proteger seu próprio planeta.

Em sua nave, percorrem juntos o Universo, entrando em um buraco de minhoca que os levou para uma dimensão paralela que não era habitada por nenhum ser, somente pedras, montanhas, rios e uma neblina. Ali estacionaram a nave e iniciaram o plano de resgate.

Enquanto Gliese explorou o local onde estavam, Stronter trabalhou duramente para conseguir os códigos das cápsulas e, após três dias, finalmente deu a notícia que a alienígena mais desejava:

— Conseguimos! Temos o código.

E, assim, pegaram a nave com toda pressa e foram em busca das crias no Planeta Terra. No caminho, Gliese perguntou ao companheiro de viagem:

— Como você conseguiu os códigos, afinal?



— Bom, eu somente...

E assim Stronter ficou um bom tempo explicando tudo com termos tão científicos, que não se entendia quase nada. Logo, outro buraco de minhoca surgiu. Era como atravessar túneis espaciais.

E foi na saída de um desses “túneis” que os equipamentos da nave captaram um sinal suspeito. Logo em seguida, houve um clarão e nada mais se ouviu. Até que uma pergunta surgiu no espaço:

— Será que foi tudo imaginação das crianças ou ainda estamos aqui?

Isla Mesquita de Lima, 11 anos  
 Nathalia Isabella Serra Vilela, 11 anos  
 Vinicius Takata Corredato, 11 anos  
 Isabella Lopes Martins de Oliveira, 12 anos  
 Rebeca Fuscillo da Silva, 11 anos  
 Andrea Quispe Jamachi, 11 anos  
 Josiane Gomes da Silva, 12 anos  
 Thiago Benzemar Condori Mamani, 11 anos  
 Jade Kyra Frazão Camasso, 11 anos  
 Eloisa de Sousa Nogueira, 13 anos  
 Sarah Spalaor da Silva, 12 anos  
 Yasmim Victoria dos Santos Xavier, 13 anos  
 Sabrina Tuani Oliveira Lela, 10 anos  
 Isabelly Vallim Rosa, 10 anos  
 Lara Borges da Silva, 11 anos  
 Kira Vitória Alcon Yana, 10 anos  
 Sofia Gonçalves de Góes, 13 anos  
 Ana Júlia Nascimento Pontes, 13 anos  
 Pedro Henrique Gusson, 13 anos  
 Sofia Falconi Barreto, 13 anos  
 Agatha Luize de Amorim Marcelino, 13 anos  
 Larissa B. Cordeiro Santos, 13 anos  
 Flávio Takata Corredato, 13 anos  
 Kaylane Carrilho Augusto Armando, 13 anos  
 Ana Carolina Macedo Mendes de Campos, 13 anos  
 Enzo Moreira, 13 anos  
 Enzo Bueno Pedroza, 13 anos  
 Manuela Marinho dos Santos, 13 anos  
 Natasha de Paula Cardoso, 14 anos  
 Giovanna Senise, 13 anos  
 Júlia Lopes, 13 anos  
 Kaique Saito Camasso, 14 anos  
 Vitória França Aguiar, 13 anos  
 Pedro Henrique Mello, 13 anos  
 Heloisa da Cruz Moreno, 15 anos  
 Mayde Mamani Limachi, 15 anos  
 Isabela Santos de Oliveira, 15 anos  
 Belinda Sheyla Cruz Quispe, 14 anos

# Como surgiu a pipoca?

*Da origem na antiguidade aos preparos, confira fatos sobre a pipoca que você não sabia*

(Estadão - 12/06/2025)

**E**M uma tarde, Bruna foi ao cinema com seu amigo Olívio, que é descendente de povos indígenas. Eles estavam comendo pipoca, “o clássico dos cinemas”, mas, na hora de pegar a pipoca, Bruna pensou, “de onde veio a pipoca?”

Depois que saíram do cinema, Bruna perguntou para Olívio sobre a pipoca.

— Bruna, a história da pipoca é muito antiga, nós nem existíamos, mas eu descobri como ela surgiu com meus antepassados. Gostaria realmente de ouvir?

— Claro Olívio, quero sim!

Olívio decidiu contar para Bruna o que ele aprendeu com seus antepassados, afinal ele tinha conversado com seu avô, na noite passada, sobre essa história, muita coincidência em tudo aquilo.

— Tá bom Bruna, lá vai. A pipoca surgiu antes da chegada dos europeus e já existia por volta de 300 A.C., sabia?

— Nossa, Olívio!! Não sabia. Que legal, me conta mais!

— Dizem que a pipoca foi descoberta quando uma espiga de milho estava próxima da fogueira e começou a estourar.

— Nossa Olívio!!! Que impressionante, uma coisa tão deliciosa surgir de apenas um descuido!

— Sim, demais, não acha? Mas o milho é um alimento tão rico que pode ser feito de várias formas, tais como pamonha, curau, canjica, sorvete e até mesmo sucos, você acredita Bruna?

— Não só acredito, como amo comer bolo e tomar sorvete também.

— Pois é, muito legal né! E tem mais Bruninha. Em algumas culturas, a pipoca e o milho são associados às divindades e aos heróis civilizadores, sendo um presente dos deuses. Pelos povos originários, a pipoca é considerada um símbolo de fertilidade e vida.

— E tem outra curiosidade. Meu avô disse que a pipoca é uma tradição, que reúne famílias e amigos! Já os meus pais me disseram que, há muitos anos, a pipoca começou a ser vendida em parques e feiras, mas ficou famosa foi aqui no cinema. No começo, os donos não gostaram, porém não teve jeito, as pessoas amaram!

Bruna ficou impressionada e olhou com muita admiração para o amigo. Ela descobriu, com ele, sobre a rica cultura do Brasil, cheia de histórias e de diversidade étnica.

— Olívio, eu estou realmente encantada com a história! Que pipoca divina!



# A força interior

*Em evento brasileiro, Malala destaca papel das mulheres e da ciência no combate à pandemia*

(Folha de S. Paulo - 18/07/2020)

**L**EIO no jornal a notícia sobre mulheres. Conta sobre uma mulher que fez história porque, em seu país, as mulheres não podiam estudar, somente os homens tinham esse direito.

Lembro, aquela garota era Malala Yousafzai, uma ativista paquistanesa que se tornou mundialmente conhecida também por ter sobrevivido a um atentado do Talibã. A história de Malala começou no vale de Swat, no Paquistão, onde a organização fundamentalista do Talibã proibia as mulheres de frequentar a escola.

Malala, apesar da proibição, continuou a ir à escola e, em 2012, foi baleada em um ataque do Talibã por defender o direito à educação. Após sobreviver ao atentado, Malala tornou-se uma voz global para a educação das meninas e, em 2014, recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

O texto termina falando que as mulheres têm as suas fragilidades e força, elas têm resiliência, podem se esconder na fraqueza ou lutar pela justiça. Ao lado da mancha, em letras menores, outra mulher, outra violência. E mais outra. Aquela jovem sabia que não estava sozinha em suas lutas.

Ainda na mesma folha, encontro palavras soltas; lembrem-me letra de uma música. Será uma homenagem ao dia das mulheres? Cada palavra da canção soa-me como uma conversa silenciosa com outras mulheres ao redor do mundo, uma nota musical de todas enfrentando seus próprios desafios.

A força das mulheres dá coragem para enfrentar o que lhes vêm pela frente. Acreditam que, independentemente das circunstâncias, é possível encontrar beleza e força dentro de si mesmas. Nem sempre a paz chega, nem sempre um raio de sol atravessa a janela. Algumas delas esperam o amanhã.

Tenho vontade de gritar: levante-se; se você estiver triste, escreva-me ou ligue-me, essa prova será superada, estarei aqui, orei por sua vida, sempre te lembrarei que podes tudo, basta confiar. Eu sei que não é fácil, eu sei que dói, que, às vezes, não se quer viver, tudo é tão frágil. Deixa eu te confortar, conte comigo, eu estarei aqui, só aguenta firme, respire, tudo que a depressão diz é mentira, seu próprio coração conspira contra você. Esse momento é tão difícil, eu sei, Deus não te esqueceu, pois você é uma pessoa única.

Sinto cheiro de sangue no jornal. Femicídio? Resiliência? Anos de submissão? Glória e comemoração? O que pretendia o redator quando alinhou essas mulheres em colunas numa folha com letras e gráficos? Enlouquecer-me. Talvez.

# Chorão e suas três fãs

*A morte trágica de Chorão, líder do Charlie Brown Jr. e herói de uma geração, há dez anos*

(O GLOBO - 06/03/2023)

**C**ERTO dia, três garotas – Alice, Sarah e Fernanda – estavam escutando a música Dias de luta, dias de glória. Elas estavam curtindo, até ficarem sabendo que o seu querido Chorão tinha falecido. Era um dia ensolarado. Elas não esperavam por isso, foram pegas de surpresa. Foram ver o jornal, ainda sem acreditar. No dia seguinte, o mundo delas caiu. Só depois de uma semana, elas voltaram a ser “normais”, porque nenhuma delas comia mais.

— Vocês querem tomar um sorvete? Eu pago.

Sarah e Alice responderam que sim. Elas tinham ficado muito chateadas com a morte do Chorão, mas deixaram isso de lado. Depois de alguns meses, elas voltaram a escutar as músicas dele sem chorar.



# 1º de maio de 1994

*A morte de Senna no Dia do Trabalhador*

(G1 - 01/05/2025)

**A**YRTON Senna, um dos maiores pilotos de Fórmula 1 de todos os tempos, faleceu em 1º de maio de 1994, após um acidente durante o Grande Prêmio de San Marino. Ele era conhecido por sua habilidade ao volante e sua paixão pelo esporte, conquistando três títulos mundiais de Fórmula 1. Sua carreira foi marcada por conquistas incríveis, e sua personalidade carismática o tornou um ídolo para os brasileiros e para os fãs de automobilismo do mundo todo.

A morte de Senna foi um choque para o mundo do automobilismo e para o Brasil, onde ele era considerado um herói e um símbolo de determinação e superação. Sua morte levou a mudanças significativas na segurança do esporte e sua memória continua a inspirar novas gerações de pilotos e fãs.

Sentimos uma grande saudade de Ayrton Senna e sua perda é uma ferida que ainda não cicatrizou. Ele foi um verdadeiro ídolo e sua morte foi um golpe duro para o esporte e para o Brasil. Sua memória continua a nos inspirar a seguir em frente e a nunca desistir de nossos sonhos.

Aysha Vitória dos Anjos Lima, 11 anos

Ísis Carneiro Maciel, 11 anos

Geovanna Victoria Pires Nogueira, 12 anos

Matheus Santos Maciel de Oliveira, 11 anos

Maycom de Souza Cruz, 11 anos

Nicolly Rodrigues dos Santos, 11 anos

Rafaella Lima Scapolan, 11 anos

Samuel Avelino Santos, 11 anos

**N**UM domingo desses qualquer, com jogo de futebol, amigos e torcedores eufóricos, seu Joel, um velhinho de seus 71 anos, chegou no bar do seu Chiquinho e pediu sua bebida bem gelada.

— E, aê, parça?! Firmeza?!

— Passa uma gelada!

Joel se sentou na cadeira que estava do lado de fora e, ouvindo a notícia na TV, começou a conversar com o dono do bar, Seu Chiquinho.

— Pô, mano, será que o Messi vai jogar bem contra o Palmeiras?

Seu Chiquinho, palmeirense desde criança, retrucou:

— Tomara que ele sofra uma lesão na perna e fique de fora do jogo até o fim do campeonato.

Seu Joel, ficou bolado com a resposta e resolveu irritar o amigo:

— Mas pra que tudo isso? O Palmeiras não tem mundial!

— Pelo menos, meu time é o único paulista que está no mundial, e parar o Messi ajuda a garantir a vitória. Além disso, o Palmeiras tem mais Libertadores que o Corinthians.

O âncora do jornal anunciava ao fundo que, na Chave B, se o Palmeiras passasse de fase enfrentaria o PSG, Botafogo ou Atlético de Madrid.

— Tomara que pegue o PSG para ser eliminado e seja rebaixado, disse seu Joel.

— Claro que não, o Richard Ríos e o Estevão vão ser

escalados e o placar vai ser 2x1 pro Palmeiras, falou seu Chiquinho irritado.

— Senta aí, Chiquinho, e vamos ver o jogo juntos, tentou apaziguar seu Joel.

Entre umas bebidas e outras, os dois terminaram abraçados torcendo juntos pelo time brasileiro na esperança de que o Palmeiras vencesse o campeonato.

Ana Julia Carneiro de Brito Silva, 10 anos  
Beatriz Oliveira Mendes Araujo, 10 anos  
Camille Gama Alves Schautz, 9 anos  
Daniel Salvador dos Santos Aquino, 10 anos  
Elisa Martins Oliveira, 10 anos  
Ester Camargo Pires, 10 anos  
Gabriel Rosa Romero da Silva Barbosa, 9 anos  
Helena Ferreira de Lima Galvão, 11 anos  
Heloisa Taylor da Silva, 9 anos  
Livia Almeida de Souza, 10 anos  
Lorena Yasmin Garcia Rocha, 10 anos  
Lorenah Lima Camargo, 10 anos  
Lorrany Kyara Cardoso de Sousa Rego, 10 anos  
Lucas Borges da Silva, 9 anos  
Luciano Nascimento Bessa Barbosa, 9 anos  
Maria Eduarda Valadao de Santana, 10 anos  
Mickael Adriano Gomes da Cruz, 9 anos  
Ruth da Silva Sousa, 10 anos  
Samuel Dias Fernandes, 10 anos  
Sarah Alfano dos Santos, 10 anos  
Sophia Lopes Gomes, 9 anos  
Sofia Cavalcante Mendes, 10 anos  
Yasmim Vitoria da Silva Goncalves, 10 anos



## Criticando o crítico

*'Elio' é o auge da mesmice da Pixar, acomodada após revolucionar a animação há 30 anos*

(G1 - 19/06/2025)

**N**A última terça-feira, fui convidado por um amigo cinéfilo a assistir ao novo filme “Elio” no cinema, onde costumávamos ir na adolescência.

Meu amigo disse que o filme era muito ruim, mas eu queria muito assistir uma animação, a outra opção era um filme de terror. Mas como tenho muito medo de sessões com esse gênero, então arriscamos.

— Aff, mano! Eu disse que esse filme era muito ruim! Era melhor ter assistido “Abandonados no inferno”. – disse Matheus indignado.

— Como você não gostou desse filme?! Ah, para!!! Você não sabe o que é filme de verdade, para de ser fresco! – retruquei.

— Sério isso? Você não percebeu os buracos na narrativa? O quão melosa a história era? Não sei você, mas isso só mostra a decadência da LeonAnimation... – falou meu amigo, irritado.

Interrompi, de maneira alterada.

— Ah, mano! Você nunca gosta de nada! É sempre assim, você acha que, por entender de cinema, sabe mais que todo mundo!

Matheus cruzou os braços, irritado com a minha justificativa.

— Mano, os filmes da Leon Animation são sempre muito previsíveis, falta ambição criativa! Estão exagerando muito na estética e esquecem de fazer algo que possa impactar criativamente o público.

— Ah, mas crianças gostam de qualquer coisa mesmo! – eu disse.

Depois disso, Matheus me agarrou e ficou me zoando. Eu o xinguei, e nós fomos tomar um açaí.

Ana Clara Alves de Lima, 12 anos  
 Antonia Hevylly Lima dos Santos, 13 anos  
 Beatriz Oliveira Dias, 11 anos  
 Giovanni Lisboa dos Santos, 12 anos  
 Isaac Nunes Cavalcanti, 12 anos  
 Julia Oliveira Martinez, 11 anos  
 Nycollas Batista Gomes, 15 anos  
 Pablo Miguel Souza Santos, 11 anos  
 Rafael Ferreira de Lima Galvão, 14 anos  
 Stela Borges Barros da Silva, 11 anos  
 Ysis Eduarda de Sousa Santiago, 11 anos

the 2010-11 season.

DRE

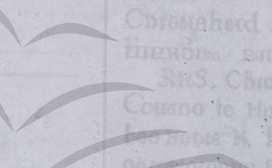
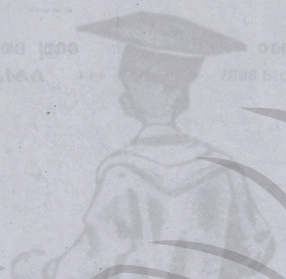
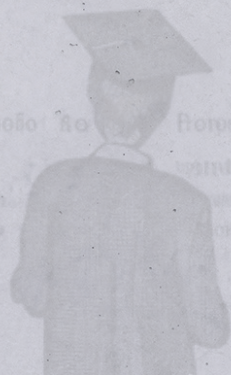
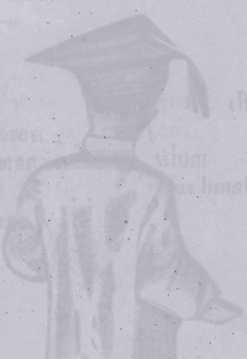
# PIRITUBA/ JARAGUÁ



ed  
l are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





## O guia e seu celular

*Um guia sueco perdeu o celular debaixo do gelo; três horas depois, ele testou sem querer a resistência dos smartphones de hoje em dia*

(Terra - 01/05/2025)

**N**INGUÉM hoje em dia sai de casa sem seu celular. Não seria diferente comigo. Eu tinha vinte anos, sonhava em conhecer o mundo inteiro e fazer trilhas nas mais diferentes paisagens. Já passei por praias, cavernas, florestas, montanhas, desertos e fiz disso minha profissão, mas ainda havia desafios a vencer. Nunca havia feito trilha na neve.

Certo dia, com essa curiosidade, resolvi pesquisar sobre os lugares interessantes com neve. O que achei mais legal foi a Suécia. Pesquisei bastante sobre esse lugar e seus parques, me encantei com o Parque Nacional Tyresta, com suas muitas trilhas e lagos, paisagens lindas, cobertas de neve durante o inverno.

Juntei meus conhecimentos, trabalhei para conseguir o dinheiro necessário e finalmente fui. Comprei minha passagem de avião para Estocolmo e, de lá, peguei um ônibus para Hanige, que fica a apenas 20km de distância. Chegando lá, fiz uma trilha pela neve para conhecer o lugar. Encontrei lindas paisagens, dentre elas um belo lago e, ao redor, montes branquinhos, rochas, restos de acampamentos de outros viajantes.

De repente, me deparei com mensagens da minha namorada. Eu estava morrendo de saudades dela e também preocupado com sua gravidez e enjoos frequentes. Quase desisti da viagem, mas a gravidez estava no começo e só soubemos quando a passagem estava comprada. Ela insistiu que eu fosse para não perder essa aventura. Continuei andando enquanto lia as mensagens. Que tolice a minha!

Escorreguei e deixei o celular cair no lago. Esse descuido tirou anos da minha vida, porque, ao tentar pegá-lo no lago, acabei caindo junto. O lago era muito fundo e eu congelei.

Muito tempo se passou, meu filho nasceu, línguas universais foram criadas, guerras começaram e acabaram. A cura do câncer e outras doenças foram descobertas. Minhas séries favoritas terminaram, franquias novas foram criadas, outras faliram. Robôs passaram a fazer grande parte dos trabalhos, meu filho tornou-se um moço. Muito mais tecnologia se desenvolveu.

Depois de 10 anos, turistas passeando por lá me encontraram junto com meu celular e foram buscar ajuda. O governo sueco mandou equipes de cientistas que me retiraram do gelo e me descongelaram. Para o espanto de todos, inclusive para o meu, o celular estava intacto e a ciência permitiu que eu também saísse ileso. Pagaram a passagem para eu voltar ao Brasil.

Quando finalmente voltei para minha casa, um menino muito parecido comigo começou a gritar chamando pela minha namorada da época, desesperado, sem saber quem eu era. Ela veio e começou a gritar comigo achando que eu tinha fugido das responsabilidades.

— Você sumiu totalmente! Como pode fazer isso? Tive que criar nosso filho sozinha até agora!

— Deixa eu tentar explicar o que aconteceu!

— Não! Não tem explicação para o que você fez!

— A culpa nunca foi minha!

— Como não foi?

— Deixa eu explicar o que aconteceu, mulher!

— Não quero escutar mais nada! Vá embora!

— Olha – respirei fundo. — Eu estava andando e o celular caiu porque eu estava olhando as suas mensagens!

— Eu já falei que não tem e que não quero explicação! Vá embora!

— A culpa nunca foi minha, eu juro que eu só queria explicar!

De repente, o meu filho falou com a mãe dele e perguntou quem eu era e se eu era o pai dele. A mãe ficou trêmula e disse para ele ir para o quarto dele e que eu não era ninguém importante. Ele disse que queria saber quem eu era, mas acabou obedecendo.

Fui embora triste e, ao mesmo tempo, bravo com toda a situação que ocorreu. Eu não tinha dinheiro e não tinha cabeça para pensar em nada naquele momento, então só sentei na calçada a duas quadras de lá sem saber como falar com alguém para pedir ajuda. Eu não tinha nada. Tentei falar com minha mãe, mas ela já tinha falecido. Procurei emprego, mas não consegui porque já não tinha nenhum registro de trabalho e nenhum serviço que conseguisse me identificar na nova época. Fui parar na rua, sem família, sem casa, sem emprego, sem dinheiro e sem ninguém.

Muitos anos depois, passando por uma loja, vi o meu filho, rico e famoso, em uma tela muito grande e diferente, em um programa de televisão. Nunca consegui recuperar a nossa relação. Se eu pudesse voltaria no tempo e conservaria o que eu fiz.

Heitor Dias Miranda, 9 anos  
Isabella Amanda da Silva Lima, 9 anos  
Isabella Monteiro de Macedo, 11 anos  
Isabelly Bianchi Zampolli, 14 anos  
Kamily Vitoria de Souza Oliveira, 11 anos  
Luana Mariana Cintra da Silva, 11 anos  
Mirella Albuquerque Neira, 9 anos  
Pyetra Eduarda Klemp de Moraes, 12 anos  
Vitor Hugo Sabalisk Messias, 14 anos



# A gota d'água nem sempre é o motivo

*Briga entre vizinhos por causa de xixi de cachorro termina em agressão*

(R7 - 09/06/2025)

ESSES dias, no meio do tédio da tarde, resolvi dar uma olhada nas notícias. Nada muito animador, confesso. Mas uma manchete me fisgou: “Briga entre vizinhos por causa de xixi de cachorro termina em agressão”.

Curiosa, cliquei na matéria esperando encontrar algo que explicasse o que, de fato, levou à confusão. Mas não. A notícia apenas relatava o fato: um advogado agrediu uma mulher após uma discussão sobre o cachorro dela ter feito xixi na calçada. Fim. Nenhum contexto, nenhuma explicação mais profunda. Só o ato em si.

E aí fiquei pensando: será que o xixi do cachorro foi mesmo o motivo da briga?

A gente costuma olhar para o que está visível, o estopim, o gatilho. Mas raramente pensa no que tem por trás da explosão. Quer ver? Imagine que o seu dia foi um desastre. Acordou atrasado, queimou o café, esqueceu um compromisso importante, levou uma bronca no trabalho. Tudo que você quer é chegar em casa e se enfiar debaixo do chuveiro. Mas aí... perde o ônibus. Quando finalmente consegue entrar no próximo, alguém senta do seu lado e começa a falar absurdos no telefone. Aquilo vira a cereja do bolo. Você perde a paciência, discute, se exalta. Mas assim que seu ponto chega, desce. Respira. Vai embora.

A discussão foi por causa do que a pessoa falou no telefone? Talvez. Mas, na verdade, ela só serviu como estopim. O acúmulo de frustrações, o peso do dia, a cabeça cheia — tudo isso é o verdadeiro motivo.

Talvez tenha sido assim com aquele advogado. Talvez ele estivesse num dia péssimo, estourando por dentro, e o xixi do cachorro foi apenas a faísca que faltava. Mas é claro: isso não justifica nada. Ter um dia ruim não é licença para perder o controle. Pelo contrário, revela a dificuldade de lidar com os próprios limites, com o mundo, com os outros.

Depois de pensar nisso tudo, percebi como a gente vive prestando atenção na vida dos outros — nos erros, nos deslizes, nas explosões alheias — e pouco se pergunta sobre o que está por trás das atitudes. Às vezes, até nós mesmos agimos assim: fazemos ou dizemos algo que, depois, nem reconhecemos.

E aí, lá no fundo, vem aquela pergunta: valeu a pena se descontrolar por tão pouco? Na maioria das vezes, não vale.

**A**GENTE aprende muita coisa na escola: com os professores, nos livros, com os amigos, com nossos pais, ouvindo e lendo histórias de vida das pessoas. Diariamente, somos surpreendidos com novos conhecimentos, novas descobertas e novas sensações.

Tem dias em que aprendemos coisas que talvez nunca usemos no nosso dia a dia, mas o interessante é que aprendemos. Calculamos porcentagens, equações... e muitas vezes erramos “um sinal” — ou, como dizia minha professora: “Você não errou um sinal! Errou uma avenida inteira!” Não ficávamos tristes, dávamos boas gargalhadas. Mas sabe de uma coisa? Esse tempo nunca mais voltará. O cheiro do chocolate quente na entrada da escola, o sinal da troca de aulas, a alegria de se esconder da diretora quando fazíamos peraltices... O abraço carinhoso da professora do primeiro ano! Era sempre ela que dizia: “Vamos lá, vocês conseguem!”. E conseguimos. Hoje somos capazes de registrar nossas memórias graças às professoras, que pegavam na mão e ensinavam até a fazer o traçado das letras.

No mês de junho, sempre tínhamos o festival interclasses. A escola virava uma agitação! Competíamos entre nós para ver qual time era mais habilidoso. Quadra cheia, som ligado, arquibancada animada... E os professores sempre nos lembrando: “Joguem com fair-play”. Mas o bom mesmo era ganhar, erguer a taça e ver toda a escola nos aplaudir.

O ano vai passando, e ainda tínhamos pela frente: festa junina, Halloween, baladinhas, passeios, palestras, dia do pijama, rádio escolar e as calorosas reuniões do grêmio. Eu sentia que podia ganhar o mundo — mas, se conseguisse mudar a realidade da minha escola, já me sentia realizado.

No meu grupo de amigos, havia de tudo: o bom de bola, o galã, o engraçado, o estudioso, o mal-humorado. Mas todos juntos soavam como uma linda canção — afinada e harmônica.

Isso sem falar da importância dos nossos professores durante a pandemia. Passamos por ela confiantes, tentando seguir nossas vidas. O medo, a insegurança e a esperança nos acompanhavam dia após dia. Nas aulas online, era reconfortante ouvir: “Cuidem-se”, “Tudo vai passar”, “Fiquem bem!”. Diante de tantas perdas, seguimos em frente.

Não podemos esquecer a participação de muitos no projeto AEL (Academia Estudantil de Letras): os encontros literários e teatrais, a escolha do amigo literário, a cerimônia de posse, as visitas culturais aos teatros, museus e cinemas... O nervosismo e a ansiedade nas apresentações... quanta saudade!

Até que chegou o grande — e fatídico — dia: a formatura. O dia de dizer adeus àquele espaço tão familiar. Ver nossos professores a postos, entregando um papel que, na verdade, dizia: “Você está pronto para voar”.



Um nó na garganta nos dominava. O coração acelerado, e um misto de emoções tomou conta de todos: Feliz por estar “pronto para voar”, mas triste por ter que partir.

A gente sai da cerimônia com a incerteza sobre o amanhã. Aprendemos a ser humildes, a entender que tudo acontece no tempo certo — e não quando queremos. Hoje sabemos que tudo que aconteceu, mesmo o que não foi tão bom, serviu para nos trazer até aqui. Sempre temos planos grandiosos para nossas vidas, e continuamos na esperança de realizar nossos sonhos!

Por fim, a escola alimentou nossos sonhos, nos encorajou a acreditar que o impossível pode ser possível. Cá estamos nós, escrevendo nossas memórias, para que sejam imortalizadas na mente, nas palavras — e no coração.

Rafaelly Almeida de Oliveira, 14 anos  
Nayara Karolina de Assis Santos, 14 anos  
Isabella Palermo de Oliveira, 12 anos  
Adriano Henrique de Oliveira Raimundo, 14 anos  
Sophia Lore Soares dos Santos, 12 anos  
Ana Clara de Oliveira da Silva, 13 anos  
Evelyn Adrielly Oliveira Raimundo, 12 anos  
Bruno Matheus de Oliveira da Silva, 12 anos  
Yasmin Luiza de Oliveira Souza, 13 anos  
Rafaelly Vitória Reis Dias de Moraes, 13 anos  
Mikaelly de Souza Vilarino de Lima, 13 anos  
Samyra Amaral Fernandes da Silva, 14 anos  
Arthur Lorenzo de Almeida Correa, 12 anos  
Rebeca Rodrigues Faria, 12 anos  
Gabriele Nunes Fernandes, 10 anos  
Victor Gabriel de Oliveira Raimundo, 14 anos  
Arthur de Souza Julião, 12 anos

# Bebê de brinquedo

*Mineira leva Bebê Reborn ao Hospital e viraliza*

(Revista Crescer - 30/04/2025)

123



**U**M dia, cheguei ao hospital e me deparei com uma moça balançando um boneco bebê reborn. Achei aquilo muito estranho, já que apenas ela estava na fila para ser atendida, e não parecia estar doente.

Ao passar, perguntei: “Moça, o que é isso? É o boneco do seu filho ou filha? Estou fazendo essa pergunta não para me intrometer, mas para saber se a senhora está acompanhada, pois parece muito bem para estar no hospital sozinha”.

A moça ficou brava comigo, disse: “Esse é o meu bebê, não cometa bebê fobia!”. Olhei bem para ela e não falei nada, isso não tinha nenhuma relação com o que eu havia perguntado, pois eu não tinha ofendido o tal “bebê” dela.

Depois, fiquei pensando em como é esse mundo. Todos se acham espertos, mas não são nem um pouco, esse acontecimento é a prova de tudo isso. Mas o pior eu ainda não contei, aquela moça foi atendida com seu “bebê doente”, deixando vários na fila que realmente estavam enfermos.



# Fim de um legado

*Morre Francisco, O Papa De Hábitos Simples Que  
Lutou Para Mudar A Igreja*

(Corecon - 22/04/2025)

**E**RA uma manhã como todas as outras, porém uma notícia logo chocou o mundo inteiro. Dona Carmem chegou batendo na minha porta com uma voz de choro:  
— Maria do céu! O papa partiu.

A notícia me deixou devastada, fiquei tão triste, como ele pode partir assim?

— Ele ficou doente, com pneumonia nos dois pulmões e depois teve um AVC.

Como uma doença assim matou uma pessoa tão pura? Sentirei saudades deste homem tão misericordioso.

Com os olhos cheios de lágrimas, pensei em como aquele homem tão humilde, que gostava de abraçar gente simples, andar de ônibus e de conversar com os pobres, poderia ter partido.

Depois que foi anunciado o fim de uma jornada, ficou aquele vazio, parecia que todo mundo estava de luto, e realmente estava. Foram doze anos ensinando sobre o amor, a justiça e a bondade, parece que estarei de luto para sempre, minha mente sempre fica vazia quando lembro de seu fim.

E no mesmo dia, vendo o pôr do sol, pensando neste homem tão amado, escutei um sussurro em meus ouvidos:

— Paz e bem, meus filhos... Cuidem uns dos outros.

Vamos viver seguindo seu legado, onde o diálogo, a tolerância estejam sempre em primeiro lugar. Papa não era só um nome. Era um homem de roupas brancas e coração grande, que sempre tentou mudar a igreja com humildade. Sempre ficará lembrado nos corações de muitos fiéis, por seus valores que provocam reflexões para toda a humanidade.

Andressa Ferreira Rodrigues, 12 anos

Flávia Oliveira Nunes, 13 anos

Lavinia Moura da Silva, 12 anos

Melissa Cardoso Targino da Silva, 12 anos

Vitória de Melo Brasil, 12 anos

**J**OJO foi convidada para uma festa na casa da amiga Helena, ela estava toda animada porque só faltavam dois dias. Ela já dizia para a mãe:

— Mãe, você vai me levar, né? É depois de amanhã a festa da Helena.

— Vou, eu te levo minha filha.

— Está bom, tomara que esses dias passem rápido.

No dia da festa, ela acordou cedo e se arrumou. Quando chegou lá, ela comeu, brincou e, na hora de cantar “parabéns”, entrou no pula-pula inflável. Mas, antes de ela entrar, o instrutor do brinquedo tinha soltado os cabos para guardar o pula-pula, e, por algum motivo, ele começou a voar. Ao perceber que estava fora do chão, a menina começou a gritar.

— Socorro, alguém me ajude!!! – gritava Jojo.

Uma mulher viu e, ao invés de ajudar, começou a gravar. Algumas pessoas tentaram ajudar, outras observaram, e até teve quem ficasse imóvel. Até que conseguiram tirá-la do pula-pula pela corda, que estava pendurada e, quando chegou ao chão, a menina se sentia muito estranha.

— Você está bem? – perguntou Helena. — Você está machucada?

— Estou bem. – Jojo afirmava, mas todos viam que estava assustada e traumatizada, nunca esperavam que um pula-pula inflável saísse do chão.

— Joana! – grita sua mãe. — Você quase me matou de susto!

Jojo abraçou sua mãe com força e disse baixinho:

— Eu nunca mais vou entrar em um pula-pula, mamãe.

No outro dia, Jojo encontrou um vídeo nas redes sociais – “a menina que voou de pula-pula” – e percebeu que era sobre o que tinha acontecido com ela. Gravaram e postaram. Ela ficou chocada e, ao mesmo tempo, feliz. Apesar do susto, ela realmente era uma menina de coragem, voou mais alto do que qualquer adulto poderia sonhar.



# O diário do meu avô

*Cometa mais brilhante do ano pode ser visto a partir desta semana*

(CNN - 23/10/2025)

**S**EMPRE me perguntei como era o meu avô. Mamãe dizia que ele era um homem gentil e bondoso, mas eu não fiquei satisfeita... como ele realmente era? Então, ela me levou para visitar a casa onde ele morava.

Era uma casa simples, segundo minha mãe tudo estava como era antes, sem reformas, ainda parecia organizada, e descobri que ela voltava algumas vezes à casa para mantê-la como o vovô deixou. Ao entrar na casa, fiquei curiosa com a parte da cozinha. Tinha vários enfeites, mas o que me chamou atenção foi o pote de amendoim. Fiquei olhando, mas deixei para lá.

Decidi ir para o sótão, era um lugar escuro, mas não cheirava mal e tinha um certo perfume. Com a ajuda de uma lanterna, achei um caderninho, parecia um diário. Então, me sentei para ler. Observei que... tinha o nome do meu avô, talvez encontrasse o que estava procurando sobre ele.

“Dia primeiro, minha primeira receita. Nunca fiz comida, é muito difícil! Penélope, minha amada, como conseguia cozinhar tão bem? Sinto tanto a falta dela! Mas, vou conseguir!” Uau! Essas palavras que encontrei no diário mostraram-me um homem amoroso e dedicado, o que me fez continuar lendo as próximas páginas.

“Dia dois, consegui aprender a fazer bolo. Ficou um pouco queimado, mas ainda tinha um sabor.” Na página seguinte, havia uma foto dele com o bolo. Fiquei com dó pelo resultado do bolo, mas feliz com sua carinha orgulhosa.

No terceiro dia, algo havia mudado. Minha mãe chegou justo quando comecei a ler.

“Me sinto fraco, mas ainda vou ver o cometa, vai ser tão majestoso.” Mas depois não tinha mais nada, nenhuma linha. Senti uma mão carinhosa tocando meu ombro, com uma voz serena:

— Filha, seu avô morreu durante a passagem do cometa!

Nesse momento, além de conhecer um avô gentil e bondoso, encontrei um homem dedicado, amoroso e sonhador, que se foi com a luz do cometa.

# Quando acaba a luz, todo mundo é igual

*Espanha e Portugal são atingidos por apagão*

(Agência Brasil - 28/04/2025)

**N**O dia 28 de abril de 2025, um apagão atingiu a Europa. Até onde se sabe foi uma falha, é verdade, mas o que chamou atenção foi o impacto causado em um continente que muitos consideram o “continente do futuro”, símbolo de riqueza, modernidade e perfeição. Pela primeira vez, em muito tempo, ricos e pobres passaram por uma experiência semelhante: ficaram no escuro. Isso nos fez pensar: será mesmo que a Europa é tão perfeita quanto dizem?

Será que a Europa é realmente o modelo a ser seguido? Ou será que muitos ali vivem convencidos de que são melhores que os outros? Não que exista um continente “perfeito”, mas é preciso pensar com cuidado antes de dar títulos tão importantes assim.

O que mais entristece é saber que ainda há pessoas sendo maltratadas por causa da cor da pele, da origem ou de qualquer diferença. Não é justo excluir. O melhor caminho é aceitar e respeitar, afinal, somos todos seres humanos.

Precisamos lutar contra atitudes como essa. Não dá mais para fingir que está tudo bem. O futuro que queremos só será possível quando todos forem tratados com dignidade e igualdade.

Ana Beatriz de Oliveira Salcedo, 13 anos  
Bernardo Ribeiro Rodrigues, 11 anos  
Bernardo Sousa Lopes, 12 anos  
Catarina Barbosa Picco, 11 anos  
Gabriel Marcos Cristo Caldeira, 12 anos  
Ícaro Gomes Rodrigues, 11 anos  
Isabella Ferreira Tugniolo Santos, 9 anos  
Jhenifer Queiroz Brito, 14 anos  
João Lucas Romão Nunes da Silva, 11 anos  
Larissa Silva Costa, 12 anos  
Leonardo Vitorino Gomes da Silva, 11 anos  
Lorena Meira Santos do Nascimento, 12 anos  
Luiza Garrido Donha Russo, 12 anos  
Luiza Manuella de Brito Moreira, 11 anos  
Luan Carvalho Ferreira, 13 anos  
Manuella Ferreira Lucena, 13 anos  
Manuella Fioratti da Conceição, 13 anos  
Manuela Medeiros da Silva, 13 anos  
Rebeca Brito de Oliveira, 11 anos  
Ryan Batista Nunes da Silva, 12 anos  
Sarah Luiza Ferreira Santos, 11 anos  
Yasmin Roman de Araujo, 12 anos



the 2010-11 season.

DRE

SANTO

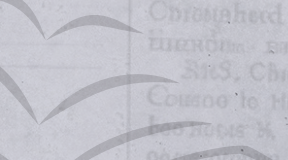
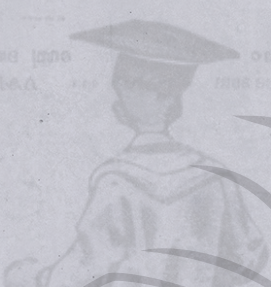
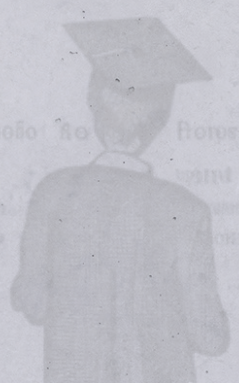
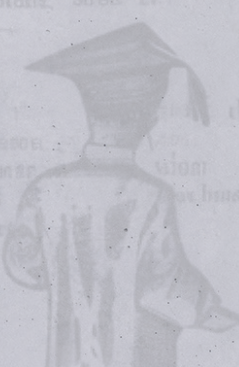
AMARO



ed  
I are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





*Neném de quatro meses foi agredida com um tapa na cabeça por um homem, na fila de um carrinho de lanches, na Praça da Savassi, em Belo Horizonte*

(G1 - 07/06/2025)

**S**EMANA passada, eu tinha achado que era mais um dia normal, sabe? Hospital cheio, a senhora Lourdes vindo para os exames mensais, o senhor Carlos vindo visitar sua esposa. Mas, quando menos esperei, eu estava atendendo uma mãe com sua bebê. Ela era tão bonitinha que até achei que era uma boneca. Aparentemente, a bebezinha estava com febre. Quando eu ia dar a senha para a mulher na minha frente, uma moça entrou rapidamente e desesperada. Minha amiga Alana a atendeu.

No horário do almoço, estava conversando com a Alana e fiquei abismada com a situação: a bebezinha tinha sido agredida naquela mesma manhã, pois foi confundida com essas bonecas realistas... Bebê Reborn, se me lembro o nome.

— Como alguém poderia fazer uma coisa horrível dessas?

— Ai, amiga, o mundo está tão estranho, parece que todo mundo vai surtar.

— Mas como aconteceu?

— Bom, o que eu sei é que a mãe da bebê estava no mercado para as compras do mês, sabe? Quando um homem chegou e começou a gritar com a mulher para ela sair da fila preferencial porque a filha dela não era "real".

— Que coisa horrível.

— Pois é! Ela tentou se explicar para o cara, dizendo que ela podia sim estar naquela fila, mas ele não quis ouvir e deu um tapa na cara da bebê para provar que ela era uma boneca! A menina começou a chorar, seguraram o

cara quando ele tentou fugir, e a mãe veio correndo para o hospital.

— Amiga, ainda estou sem palavras com toda essa situação.

— É amiga, o que vai ser deste mundo daqui pra frente se as pessoas não sabem mais o que é real e o que é falso?

— Nem eu sei amiga. Nem eu sei.

Passamos o resto do dia comentando o caso. Não era apenas sobre aparência. Era sobre limites, sobre respeito. As bonecas Bebê Reborn são realmente muito realistas, mas isso não dá a ninguém o direito de invadir o espaço do outro, muito menos de tocar em um bebê — de verdade ou não.

No final do expediente, fui até a sala de observação junto com Alana. A mãe estava lá com a filha, já mais calma, no colo, dormindo. Ela olhou para minha amiga e sorriu, exausta. Agradeceu pelo atendimento rápido e pelo cuidado. Retribuímos com um sorriso e dissemos:

— Ela é linda! Um ser humano que merece ser tratado com delicadeza.

Deixei as duas conversando e, quando saí, me senti mais leve, mas também mais alerta. Às vezes, a linha entre o que é real e o que parece ser pode nos confundir. Mas o respeito, esse, tem que ser sempre claro como o dia.

# Antes tarde do que nunca, ufa!

## *Empresas adotam folga para funcionários em caso de morte de Pets*

(Estado de S. Paulo - 06/04/2025)

**D**IA desses, lendo uma notícia no jornal com a manchete “Empresas adotam folga a funcionários em caso de morte de pets”, lembrei de uma história que uma criança havia me contado, a história era bem simples como são as crianças, na verdade acho que ela inventou aquela história, e começava assim:

Inocência e sua falsa amiga Zoraide trabalhavam na mesma empresa, certo dia, elas foram na sala do chefe conversar sobre o aumento. Inocência não estava bem, porque seu pet havia morrido. E ela contou sobre sua perda depois da saída de Zoraide, disse que não conseguiria trabalhar, pois estava muito triste e pediu para ir embora, o chefe pediu que ela esperasse um pouco, que ele iria pensar. Mas tem gente que não consegue ficar sem espalhar uma fofoca, e Zoraide estava atrás da porta e não acreditou na história, concluiu que era mentira e bora espalhar fofoca.

Quando a moça triste saiu da sala, viu a amiga no bebedouro, ficou desconfiada, mas não falou nada.

A falsa amiga então olhou para ela com cara de nojo e falou que Inocência estava mentindo só para pegar folga. Inocência achou o comentário muito desnecessário, virou os olhos e saiu, continuando seu trajeto.

No dia seguinte, quando chegou, percebeu olhares estranhos dos colegas. Não entendeu, mas seu caminho continuou. Indo para o elevador, esbarrou em Zoraide, que notou sua cara e perguntou o que havia acontecido. Inocência não respondeu, mas Zoraide disse que já sabia e que, logo, ela, Inocência, teria uma surpresa.

Logo após essa conversa, seu Justino, o chefe, chamou Inocência na sala para conversar, ela achou estranho, mas

foi assim mesmo. Chegando lá, ele disse que Inocência estava demitida, então ela perguntou o motivo, e ele disse que era por mentiras e que ela só queria folga. A garota não discutiu e pegou suas coisas e foi embora.

Passados alguns meses, ela conseguiu um emprego em uma empresa que dava licença nojo para pessoas que perdessem inclusive seus pets. Ela lamentou sua antiga empresa não ter tido a mesma ideia.

Tempos depois, Inocência ficou sabendo que a empresa antiga havia descoberto as mentiras de Zoraide e que queria que Inocência voltasse a trabalhar lá.

Ela voltou só para dizer que agora ela trabalhava em uma empresa que respeitava seus funcionários. Seu Justino não sabia onde enfiar sua cara, envergonhado pediu desculpas e, naquele mesmo dia, ele adotou a licença nojo para pessoas que perdessem seus pets.

Não me lembro o nome da criança ou outros detalhes dessa história, mas fiquei pensando que, muitas vezes, os nossos desejos podem se tornar realidade, a história pode ter sido inventada, mas, de alguma forma, pelo menos naquela empresa da notícia, as pessoas poderão viver o luto pela perda de seus pets, isso é verdade.

Ana Luiza Ayala da Silva, 10 anos

Anna Beatriz dos Santos, 10 anos

Diogo Lorenzo da Silva Ramos, 10 anos

Esther Emanuelle Domingos de Jesus, 11 anos

Giovanna dos Santos Aguiar, 10 anos

Jennifer Rodrigues da Silva Torres, 10 anos

Júlia Binelli Guanabara 11 anos

Manuella Rocha Santiago, 10 anos

Sofia Oliveira Santos, 9 anos

Viviane Rodrigues Calixto, 9 anos



# O tempo do amor

*Da parceria ao desaparecimento: imagens do Google Maps registram sem querer história de amor e sofrimento por 10 anos*

(Jornal Extra, 19/08/2025)

**O** AMOR não pode ser tirado do mapa. Eles moravam felizes em uma casa humilde. Eram aposentados e, todos os dias, saíam para tomar sol e conversar. Junto à porta lateral, havia uma árvore que fazia sombra sobre a porta da entrada e tornava as tardes no barraco mais agradáveis.

Francisca e Antônio tinham um único filho que, há mais de dez anos, havia saído de casa para estudar, e eles quase não tinham notícias sobre ele.

Antônio teve uma gripe muito forte e, certo dia, não acordou como fazia todas as manhãs para fazer o café.

Francisca demorou meses até conseguir sair de novo e sentar-se no banquinho de madeira embaixo daquela árvore como os dois faziam.

Ela sentia sempre mais falta do companheiro e nem queria mais comer. Certo dia, muito fraca, decidiu fazer um pouco de arroz, quando percebeu que tinha acabado o gás. Francisca escutou o barulho do caminhão e decidiu espiar pela porta.

O rapaz que sempre entregava gás para o casal a viu e perguntou se estava precisando de algo. Ela assentiu com a cabeça, e o rapaz, sorrindo e pensativo ao mesmo tempo, fez a troca do pequeno botijão que alimentava o fogão de apenas uma boca, sem cobrar nada.

Francisca sorriu. Naquela noite, ela cozinhou seu arroz, como sempre fazia, quando Antônio, ainda ao seu lado, comia feliz. Mas, nos dias seguintes, não conseguiu mais levantar-se da cama.

Alguns dias se passaram e ela escutou um barulho na porta. Era o filho que, após mais de dez anos, chegava para ver os pais. Ele viu a mãe na cama, sentou-se ao seu lado e a abraçou. Francisca sentiu-se tão confortada, que não mais acordou.

O filho juntou alguns objetos dos pais e os levou consigo para a faculdade. Era seu último ano como estudante de medicina.

Sua esperança era terminar o curso e voltar para reformar a casa em que viveu os primeiros anos da infância. Onde seus pais o criaram, de forma simples, mas com muito amor.

Quando retornou, algum tempo depois, a casa não existia mais.

O filho sabia que a casa tinha uma alma boa, mas a solidão e o abandono a derrubaram. Outra casa foi construída no lugar de todo aquele amor. Ele olhou para o local e fechou os olhos. Tinha a certeza que seus pais estavam juntos e que o amor jamais seria tirado do mapa.

Arthur Henrique Tobias Santos Silva, 10 anos

Bianca Baldrez, 10 anos

Davi Pereira Lopes, 10 anos

Gabriela Palma da Silva, 9 anos

Manuella Diniz, 10 anos

Isabela Peixoto, 10 anos

Kaique Hideki Benjamim Shiromoto, 10 anos

Maria Heloisa Lima Morais, 9 anos

Laura Barrionuevo Ekstein, 10 anos

Lorenzo Silva, 10 anos

Maria Clara Oliveira, 10 anos

Pietra Miranda, 13 anos



# No parque, às sombras

*Após matar 11 mulheres em São Paulo, Maníaco do Parque foi preso em 1998*

(O Globo - 02/08/18)

ELE passa em um parque perto do bar em que seu pai frequenta, olha com aqueles olhos acinzentados e cansados, seu rosto é repleto de sardas que vão de suas maçãs do rosto até as linhas de expressão em sua testa. Chama com uma voz doce, "oi, tudo bem?", e ali mesmo começam suas mentiras.

Você já pensou em ser famosa? Com desconfiança, você responde que nunca pensou em algo assim, ele elogia seus belos cabelos loiros, diz que sua altura é perfeita, e conta o fato de ele ser fotógrafo, e lamenta o quanto você o ajudaria se posasse para ele. Você, uma menina sonhadora, jovem e cheia de sonhos, diz a sua tia, que espera em casa, que vai fazer um trabalho e que, às 18:25, estaria em casa.

Vocês vão a um parque, onde há crianças, idosos, animais, e sua mente se sente tranquila como o vento que batia nas árvores do parque, e o maior pesadelo de todas as mulheres do mundo começa. "Você é tão bonita"; "Sabia que é perigoso você ficar andando sozinha"; "Alguém sabe que você está aqui sozinha comigo?"... E o resto dessa história infelizmente já é imaginado na cabeça de milhares de pessoas. "Garota é morta aos 19 anos, no dia 26 de agosto de 1997". Essas palavras saíram da boca de um jornalista na TV.

Apesar de ser preso, e a justiça condenar o serial killer Francisco de Assis Pereira, tem dado indícios de não ter condições mentais para viver em sociedade.

Uma das maiores dúvidas era a sensação de que o protegiam. O jornalismo sensacionalista da época parecia até motivar tais acontecimentos.

A década de 90 infelizmente ficou marcada pelo maníaco do parque, pois não era só o corpo que ele atacava, ele feriu a liberdade, a confiança e a espontaneidade. As

mulheres passaram a desconfiar dos convites, dos sorrisos, ele mostrou com crueldade que nem sempre o perigo tem a cara de vilão. Cometeu diversos crimes entre 1997 e 1998.

Francisco foi preso em 4 de agosto de 1998, após intensa investigação conduzida pela Polícia Civil de São Paulo, com apoio de denúncias da população e sobreviventes. Durante o inquérito, confessou diversos crimes com riqueza de detalhes, inclusive indicando os locais onde os corpos foram encontrados.

Foi condenado a 284 anos de prisão, mas, pela lei, o réu só cumprirá 30 anos, saindo em 2028. Na realidade, a única pessoa que tem esperança na recuperação desse indivíduo é sua mãe, que disse em entrevista que está disposta a receber ele em casa, declarou também que não vai falar mal dele para as pessoas. No final de tudo, Maria Helena acha que nesses trinta anos ele pode mudar mentalmente.

Hoje o parque ainda existe. Vive, porque a cidade com certeza se recusa a esquecer, mas também se recusa a se render. As vítimas permanecerão na memória. Não apenas como estatística, mas como lembretes de que segurança é direito.

Esperamos que aquele parque siga com suas folhas promovendo sombras, não de medo, mas que sirvam de abrigo e nunca mais de ameaça.

Leticia Tavares do Nascimento, 14 anos

Beatriz Laura Araujo, 14 anos

Beatriz Melo Pereira, 13 anos

Giullia Strauss Luiz, 12 anos

Raul Strauss Luiz, 13 anos

Tales Pereira Freitas, 14 anos

Shara Gomes Nunes, 12 anos

Iara Alves Maia, 14 anos

Gabrieli Trajano de Souza, 12 anos

Gabriela Duarte Colpo, 13 anos

Mateus Lok, 12 anos

Pierre Prado Bueno, 13 anos

Isabela Aquino, 13 anos



## Fogo no parquinho

*Explosão em shopping do RJ: suspeita incendiou loja para se vingar da amante do marido, diz polícia*

(G1 - 11/02/2025)

**I**MAGINA você indo fazer umas comprinhas na sua loja preferida, escolhendo um top rosa chiclete, super fashion, com aquela calça legging, que dá a falsa esperança de começar a academia na próxima segunda-feira, e aí, de repente, você escuta uma explosão, boom!

Então, percebe que a loja à sua frente virou um cenário de filme de ação de baixo orçamento. Fogo, muita fumaça, pessoas correndo, e uma mulher gritando de fundo: “Eu avisei!”.

E é claro que uma fofoqueira como eu não podia perder esse entretenimento gratuito, melhor do que um filme. Meu Deus, eu precisava filmar isso!

Comecei a seguir uma moça que gritava: “Sua traidora, pensei que éramos amigas. Confiei em você esse tempo todo, e você tendo um caso com o meu marido pelas minhas costas”.

Para minha surpresa, saiu uma mulher enfurecida de dentro da loja incendiada: “Sua louca, como você pôde colocar fogo na minha loja!”.

Depois dessa loucura toda, voltei correndo para casa, liguei a TV, sentei no sofá para relaxar e coloquei no meu programa favorito. E pra minha surpresa, estava passando uma reportagem sobre uma mulher chamada Dianna, Dianna com dois enes porque um N só não comporta tanta revolta, foi então que reconheci a moça que eu gravei hoje cedo colocando fogo na loja. A apresentadora do programa relatou que a incendiária era amiga da dona da loja e suspeitava que ela estava tendo um caso com seu marido,

que inclusive estava preso por tráfico de drogas. E você não sabe da maior, a loja tinha sido financiada com o dinheiro da mulher traída.

Os apresentadores estavam discutindo sobre traição e vingança. Fiquei pensando o porquê as pessoas não terminam um relacionamento quando não estão mais felizes, eu mesma prefiro pôr um ponto final e evitar a fadiga.

No fim, Dianna foi traída, roubada e presa. A amante teve um prejuízo de quase vinte mil reais, e o marido traidor, pleno em sua cela. Vai ver que ele ainda é um homem feio e idiota, e essas mulheres brigando por um cara que não vale um real. Detesto essa rivalidade feminina. Já dizia o Seu Madruga, “A vingança nunca é plena, mata a alma e envenena”.

Clara Braz de Angelis, 13 anos

Elisa Oliveira Silva, 13 anos

Davi Romeu de Oliveira, 13 anos

Maria Eduarda Batista da Silva, 13 anos

Maria Cecília Vaz de Azevedo, 13 anos

Maria Clara dos Santos Rosa, 13 anos

Maria Luiza Batista da Silva, 11 anos

Marina do Vale Alves de Sousa, 12 anos

Maya Gregghy Sousa, 12 anos





the 2010-11 season.

DRE

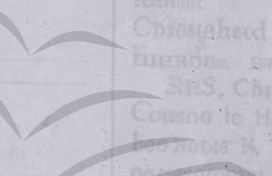
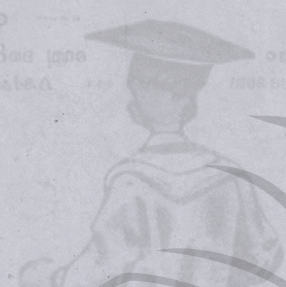
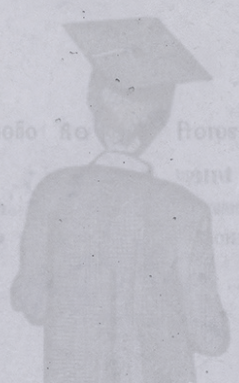
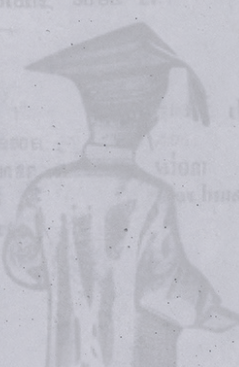
# SÃO MATEUS



ed  
l are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





# Irmãs gêmeas

*Polícia investiga caso em que mãe diz que foi dar à luz gêmeas e só recebeu um bebê no Rio*

(G1 - 31/03/2025)

**E**LA não sabia o que a esperava naquele dia quando acordou. Como de costume, após um banho, se arrumou e, depois de um rápido desjejum, saiu para o trabalho, seria um dia longo, pois teria uma série de entrevistas para o preenchimento de uma importante vaga em sua empresa e como diretora do RH cabia a ela a escolha do candidato certo para o cargo. No decorrer do dia, tudo corria perfeitamente, faltavam ainda algumas entrevistas, saiu da sala para pegar um café quando ouviu:

— Boa tarde! Meu nome é Helena Pereira e vim para entrevista.

Sua próxima candidata chegou antes do horário - pensou, e com o café nas mãos lentamente foi voltando para a sua mesa, achou estranho, pois alguns colegas a encaravam boquiabertos. Sem entender nada, se aproximou da candidata que, de costas e cabeça baixa, mexia em uns papéis.

— Boa tarde! – disse de forma educada.

Quando a moça se virou, deixou cair a xícara tamanho o susto que levou, diante de si estava uma moça igualzinha a ela, o mesmo tom do cabelo, os mesmos olhos claros, era como se estivesse diante do espelho. A moça à sua frente, igualmente chocada, deixara cair os papéis que segurava nas mãos.

— Como pode? Como isso é possível? Como você pode ser assim, igualzinha a mim?

A moça começou a chorar e, entre lágrimas, dizia:

— Meu Deus é você? Não acredito! Você só pode ser minha irmã gêmea que sumiu no hospital.

— Irmã? Gêmea? Isso não é possível!

— Meus pais sempre me contaram essa história, minha mãe, desde o começo da gravidez e de fazer exames, soube

que estava grávida de gêmeos, duas meninas, porém, na hora do parto, após passar muito mal e acordar depois de uma cesárea, os médicos lhe entregaram apenas uma menina, o hospital alegava que não havia outra criança, embora todos os documentos de mamãe dissessem o contrário, mas como eram pobres, ninguém lhes dava ouvidos, porém mamãe nunca perdeu a esperança de encontrar você.

Heloísa ouvia tudo sem acreditar, como seus pais nunca disseram que ela não era sua filha legítima, como nunca vira fotos de sua mãe grávida, um turbilhão de pensamentos passou por sua cabeça em questão de segundos. Por isso aquele vazio a acompanhou por toda a sua vida, aquela sensação de que faltava algo ou alguém, aquele sentimento de que não pertencia àquele lugar.

Helena estendeu os braços chamando Heloisa para um abraço.

Heloisa pensava que muitas perguntas precisavam de respostas, e ela iria encontrar essas respostas com certeza, mas, naquele momento, ali estava a sua irmã. Ao olhar aquela moça, seu coração transbordou, e ela a abraçou se sentindo completa, se sentindo, pela primeira vez, em sua vida, em casa.

Alice Oliveira Santos, 10 anos

Enzo Gabriel Dias Barbosa, 13 anos

Gabrielly Silva Santos, 13 anos

Genessi Charles, 12 anos

Isabela De Andrade Gonçalves, 13 anos

Julia Lima Carvalho, 12 anos

Luana Maria Januario, 12 anos

Marcos Eduardo Alves Ferreira, 13 anos

Maria Eloah Dias Rosa Vasconcelos Luiz Santos, 11 anos

Pedro Henrique de Miranda Crispim, 13 anos

Vitoria Hadassa Dias Rosa Vasconcelos Luiz Santos, 12 anos

Vitoria Oliveira de Sousa, 13 anos

Eveline Charles, 14 anos

# Quanto vale uma vida?

*'Vou sentir muito a falta do meu filho. Esse buraco só Deus vai poder preencher', diz mãe de jovem morto em assalto de celular em SP*

(G1 - 06/05/2025)

**L**UCAS tinha 15 anos quando saiu com o primo, como já tinha feito tantas outras vezes, sem nem imaginar que não voltaria para casa. Andavam normalmente pelas ruas, deveriam estar conversando ou rindo sobre algo bobo. Até porque era apenas mais uma noite comum, até tudo mudar. Uma moto começa a se aproximar. Um pedido seco foi feito: o celular. Não deram chance a Lucas, nem tempo de reagir. Bastou um segundo para o mundo de uma mãe parar. Um celular caído no chão, um tiro no corpo de Lucas e mais uma vida arrancada brutalmente.

Apesar da tragédia, a cidade seguiu em seu ritmo. No outro dia, os passos, os ônibus, os metrô e as buzinas continuaram. É assim que São Paulo é. Nomes se tornam estatísticas, histórias e tragédias se perdem entre manchetes. A mãe de mais um jovem agora carrega um buraco no peito que ninguém pode preencher. Não é só luto. É revolta, é saudade, é um grito preso na garganta. Lucas não era número. Era filho, amigo, aluno. Um menino. E, mesmo assim, foi tratado como se sua vida valesse menos que um objeto. Isso deixa escancarado que a desigualdade, infelizmente, ainda é algo muito significativo na vida das pessoas. Seja em assaltos em que vidas são perdidas por um celular, seja tirando oportunidades, na educação e no futuro.

Alguns ainda têm esperança de, quem sabe, um dia, o barulho da cidade não seja o dos tiros, mas sim o canto dos pássaros.

Isabelly Vitória Neves da Silva, 13 anos  
Larissa Lopes Santos, 14 anos  
Ariane Yara Ramos Barbosa, 15 anos  
Bianca Vitória Silva, 15 anos  
Enzo Gabriel Vieira Melo, 12 anos  
Gabriele da Silva Carvalho, 11 anos  
Evellyn Vitória de Jesus Matos, 11 anos  
Isaac de França Galvão, 12 anos  
Sophia Alves Xavier, 11 anos  
Sther Vitória Martins Geraldo, 11 anos



# Uma nova realidade

*Restrição ao uso do celular nas escolas já está valendo*

(Gov.br - 03/02/2025)

**A** TÉ o ano passado, estávamos completamente envolvidos no mundo digital, com milhares de focos, mensagens e notificações de smartphones circulando na sala de aula. Cada um no seu universo digital, conversando somente no ambiente virtual, independentemente da presença do professor, sem importar o horário ou o momento.

O universo digital era o nosso ambiente escolar, com jogos, redes sociais, entre outros. Os professores disputavam com a câmera do celular, já que o caderno estava em um universo separado. Nosso corpo estava na sala, mas nossa mente estava longe. Era assim nossa vida antigamente. E agora, tudo proibido! O que estávamos vivendo até agora? Trouxe celular? Você está mexendo no celular? Desce agora para a direção! Já não falaram que agora é lei! Celular está proibido! E agora, o que vamos fazer?

Para nós, crianças e jovens, está muito difícil essa nova mudança, mas estamos percebendo a diferença! No começo do ano, sem a utilização do celular na escola, ocorreram muitas discussões. Não estávamos habituados a conversar no ambiente escolar, e foi um pouco estranho no começo. Ficávamos observando nossos colegas no intervalo, achando tudo estranho, foi uma experiência bastante estranha.

Tínhamos o costume de observar as pessoas somente no universo digital. Atualmente, estamos interagindo mais com nossos amigos, percebendo aspectos que antes não percebíamos, como a aparência das pessoas, e estamos lendo mais.

Estamos buscando mais livros na sala de leitura para ler no intervalo e para levar para casa, há muitas histórias legais e interessantes neste novo mundo. Estamos nos adaptando a essa nova realidade sem celular no ambiente escolar. Não é simples! Mas nossa professora disse que é benéfico nos afastarmos um pouco deste mundo virtual.

A tecnologia é ótima, mas quando ela tira a atenção das pessoas para as coisas necessárias, algo está errado. Será que estamos vivendo ou passando a vida no automático?

Ana Isabella Lusco Quispe, 12 anos

Davi da Silva Leite, 10 anos

Luana Gonçalves de Oliveira, 12 anos

Nicolly Vitoria de Almeida Guimaraes, 11 anos

Maysa Vitória de Oliveira Vargas, 8 anos

Leandro Miguel de Oliveira Vargas, 10 anos

Isabelly Vitória Pereira dos Santos, 12 anos

Nicole Cardoso da Silva, 11 anos

Kauan Gabriel Martins das Neves, 8 anos

Ana Clara Teixeira da Silva Maciel, 11 anos

Ana Clara Pereira Souza, 8 anos

Leonardo Daniel Silva Souza, 11 anos

Soraia Ribeiro da Silva, 10 anos

Heloisa Santos Moura, 10 anos

Lara Sophia Macedo, 11 anos

Laura Maria Vasconcelos Silva, 11 anos

Luiz Miguel da Cunha Ferreira, 14 anos

Sophia Bonilha Olimpio, 8 anos

Joana Bonilha Olimpio, 11 anos

Pedro Henrique dos Santos, 10 anos

Maria Heloisa Martins Souza, 12 anos

# O despertar de um defunto

*“Morto” pede socorro dentro do caixão durante funeral*

(Metrópolis - 14/01/2017)

**A** CORDEI com um silêncio estranho. Daqueles silenciosinhos suspeitos, tipo quando criança fica quieta demais e você sabe que vem bagunça. Abri os olhos devagar: teto branco, cheiro de flor, banco duro. Ao fundo, um coral desafinado. Alguém chorava; outros mastigavam coxinha (acho eu).

Pensei: Opa... estou num culto? Num hospital? Ou num casamento?

Até que ouvi:

— Que tristeza... Matheus era uma pessoa tão boa. Vai deixar saudade...

Matheus? Eu?

— Sempre sorridente, um coração enorme. Um anjo na Terra...

Ué. Quem morreu aqui?

Tentei me levantar e senti um aperto. Parecia que meu corpo estava dentro de uma caixa. Uma caixa acolchoada. Uma caixa de defunto. Meu coração disparou — ou a memória dele. O fato é: eu estava no meu velório. Simples assim. Sem aviso, sem luz branca, sem spoiler.

Antes que eu entendesse se aquilo era castigo ou pegadinha, o inesperado aconteceu: um latido. Paçoca, o cachorro da família, correu como se tivesse visto um fantasma (no caso, eu) e pulou no caixão com a elegância de um hipopótamo ninja. O caixão virou. Eu rolei. O povo gritou. A vó caiu. A tia se benzeu.

No meio da confusão, um porco assado — sim, um porco assado — despencou da mesa e aterrissou sobre mim, como cereja no sundae do caos. Foi então que soltei um sonoro:

— AAAI!

Silêncio. Gritos. Correria.

— É milagre!

— É fantasma!

— É o apocalipse!

— Alguém grava isso para postar nas redes sociais!

Sentaram-me, cobriram meu corpo com uma toalha florida e enfiaram um copo de suco de maracujá na minha mão. Eu só dizia:

— Calma, gente. Eu só... cochilei!

Ninguém escutava. Tinha gente chorando, outros rindo, e um senhor ajoelhado pedindo os números da loteria. Quando a poeira pareceu baixar, meu primo cochichou:

— Se ele não está morto... a gente vai ter que devolver o caixão?

Minha tia, prática como sempre:

— Devolve nada! Agora que pagou, bota pra usar! — e me lançou uma sobrancelha arqueada.

Suspirei, ajeitei o paletó amarrotado e anunciei:

— Então faz o seguinte: empurra esse caixão para o canto, passa um café bem forte e alguém salva o porco. Já que comprei a festa, bora aproveitar que estou vivo — antes que mudem de ideia!



# A troca

*Homem diz ter sido amaldiçoado  
após comprar quadro misterioso*

(Metrópoles - 03/03/2022)

**E**RA uma sexta-feira treze de um dia muito chuvoso, frio e completamente estranho. Um dia perfeito para a negociação de um quadro lindamente aterrorizante. Smith estava ansioso para se livrar do quadro amaldiçoado que o deixou doente e matou seu queridíssimo hamster de estimação, o Mickey. Ele estava animado porque mesmo contando a verdade sobre o quadro “Creepy”, Jake ainda estava muito interessado, pois era um colecionador aficionado de bonecas e tudo que se referisse a elas.

— Você vai mesmo ficar com o quadro? — disse Smith eufórico.

— Claro que vou, vai ficar perfeito no quarto das minhas preciosas!

— Então está bom! Finalmente me livrei desta coisa. — disse Smith ao sair em disparada.

Jake nem notou que Smith saiu literalmente correndo de sua casa. Ele só tinha olhos para o quadro, até parecia que ele estava sendo hipnotizado; o rapaz pega o quadro e o leva para o quarto de suas preciosidades. O cômodo não era muito grande, tinha um papel de parede floral amarelado demonstrando a idade do lugar, com várias manchas não identificadas, um piso que rangia mais que o normal e uma pequena janela que lembrava mais um calabouço. As prateleiras se espalhavam pelo cômodo, e estavam repletas de bonecas dos mais diversos tamanhos, cores e tipos. Para uma pessoa normal era uma coisa mais que assustadora, mas para Jake elas eram suas bonequinhas, suas princesas.

Ele posiciona o quadro embaixo da janelinha, colocando mais um quê de assustador no quarto. Como era muito atencioso com sua coleção, ele decide limpar o quadro com um paninho branco. Ao reparar mais no pano, percebe algo avermelhado e viscoso.

— Será que isso é sangue?

Misteriosamente, o pano fica branco novamente. Ele acha estranho, mas ignora e vai dormir. A chuva se intensifica e se transforma em uma tempestade com raios e trovões. Ele acorda e decide verificar se a janela do quarto das bonecas está bem fechada. Enquanto desce as escadas, ele ouve barulhos assustadores e sussurros chamando seu nome. Ao entrar no quarto, a luz fica piscando e, de repente, um raio estrondoso o assusta, logo em seguida a porta se fecha, a janela se abre, a luz acaba e um silêncio ensurdecido toma conta do lugar. Quando a luz retorna, as bonecas começam a se aproximar de Jake, que tenta fugir pela janela, mas, ao se aproximar do quadro, ele é sugado e fica preso na pintura como se fosse um boneco.

E foi assim que aconteceu minha libertação. Eu, uma pintora, depois de 58 anos, me libertei dessa grande maldição que me prendia no quadro que pintei...

Leticia Ramos Cavassini, 15 anos

Rafaela Alves de Abreu, 11 anos

Rafaely Bispo da Silva, 11 anos

Sofia Andrade Marques, 11 anos

Ana Luiza Costa da Silva, 12 anos

Maria Eduarda de Araujo Silva, 11 anos

Carla Cristina dos Santos Rufino, 11 anos

# A aranha e o humano

*Homem sente cócegas na orelha e descobre aranha gigante em fone de ouvido*

(Metrópolis - 16/10/2020)

**N**UMA tarde chuvosa, Olly estava verificando a temperatura antes de sair para trabalhar. Ele me contou que faria muito frio e aconteceria uma tempestade. Como gosto dos pingos de chuva, fui para minha almofada na janela, observar o tempo.

A brisa se transformou em um vento forte e, para minha surpresa, uma outra aranha apareceu na minha janela trazida pelo vento. Ela estava toda descabelada, meio tonta e desacordada. Eu precisava fazer algo, então teci uma longa teia e a trouxe pra dentro de casa pela pequena fresta da janela e a deixei sob a almofada. Pouco tempo depois, ela acordou e falou:

— Onde estou? Quem é você?

Eu expliquei:

— Você veio trazida pelo vento da tempestade, e está na minha casa. E eu sou a Lolla!

— Nossa, eu conheci uma Lolla na minha infância, ela tinha uma cicatriz igual ao Spider Potter na cabeça!

— Eu tenho uma cicatriz na cabeça, veja. — Lolla mostra a cicatriz.

— Lolla, sou eu, Rosa! Há quanto tempo!

— Rosa, minha amiga Rosa? Num sei não... Nós tínhamos um segredo...

— Fomos nós que colocamos cola nas patinhas da Zoe!

— Rosa, é você mesmo!

— Menina, você tá chique, que casão! Como veio parar aqui?

— É uma longa história. A gente morava na construção, certo?

— Eu lembro, mas, de repente, você sumiu, procuramos e não a encontramos em nenhum lugar!

— Pois é! Um dia eu escorreguei e caí numa caixinha, que parecia uma caverna, e um humano acabou colocando aquilo na orelha. Tudo ficou escuro, fui me ajustando e es-

ticando minhas patas para tentar sair: o homem começou a sacudir a cabeça e tirou o troço.

— Pelas minhas teias! Você teve medo?

— Fiquei assustada, pensei que era o fim da picada, mas o humano me encarou, sorriu e disse que eu era fofo... meu medo foi embora.

— Tá, mas como você veio parar aqui tão longe?

— Então, Olly, que é o humano, me apresentou para todos na construção, antes de chamar o controle de animais. E os humanos de lá riram da cara do meu humano...

— Seu humano? Não estou entendendo isso...

— Sim, meu humano, o Olly. Ele que me adotou, somos melhores amigos agora, por isso estou aqui, nessa casa.

— Isso parece um conto de fadas!

— Isso é verdade! Escute, o Olly chegou! Como o tempo passou rápido!

— Amiguinha, cheguei! Nossa, você arranhou uma companheira! Que legal, você não ficará mais sozinha quando eu for trabalhar.

— Lolla, ele me adotou!

— Que legal, agora vamos ficar juntas para sempre!

João Lucas Santino de Moraes, 10 anos

Lorena Serri Bartolomeu, 10 anos

Sofia Serri Baptista Correa, 9 anos

Manuelle Santino de Moraes, 10 anos

Melyssa Protázio de Souza, 9 anos

Analice Lopes Alves, 10 anos

Livia Cristina Vieira da Silva, 10 anos

Luiz Pedro Henrique da Silva, 11 anos

Alice Gomes Oliveira Sousa, 10 anos

Luiza Antônia de Souza Freitas, 10 anos

Eloísa Cambriai de Melo, 9 anos

Yago Luiz Matos Souza, 9 anos

Natália Batista Rodrigues, 10 anos

Melissa Spinardi Freitas, 10 anos

Henrique Garzon Alves, 10 anos

José Wellington Ferreira de Oliveira, 10 anos

Kaique da Silva Severo, 10 anos

Gabrielly Silva Oliveira, 10 anos

Emanuelly Santos de Nascimento, 9 anos



## Retrato em fuga

*Homem procurado não gosta de foto divulgada pela polícia e sugere outra*

(26/07/2019)

**A**o ouvir a notícia de um homem que estava sendo procurado pela polícia e ficou indignado ao não se reconhecer na foto publicada, me coloquei em seu lugar e pensei: qual crime será que ele cometeu?

Nós, como ele, muitas vezes também não nos sentimos modelos ao vermos nossas fotos cheias de filtros e edições que postamos nas redes sociais?

Naquela tarde de quinta-feira, cheguei à conclusão de que faria o mesmo! Na verdade, não apenas ele, mas a maioria das pessoas teria a mesma atitude, devido à insegurança que possuem em relação à imagem que têm de si mesmas.

Outra situação que me veio à memória: quando falsificamos nosso perfil para "stalkear" outras pessoas ou questionar a fidelidade de alguém. Não gostando do que viu, o procurado enviou uma foto editada, desafiando a polícia a encontrá-lo.

Desliguei a TV naquele momento, pensando sobre aquela e sobre as nossas atitudes... Nós nos acostumamos com os filtros, mas será que alguma edição é capaz de apagar a impressão que temos de nós mesmos?

Leticia Ramos Cavassini, 15 anos  
 Rafaela Alves de Abreu, 11 anos  
 Rafaelly Bispo da Silva, 11 anos  
 Sofia Andrade Marques, 11 anos  
 Anna Luiza Costa da Silva, 12 anos  
 Maria Eduarda de Araujo Silva, 11 anos  
 Carla Cristina dos Santos Rufino, 11 anos





the 2010-11 season.

DRE

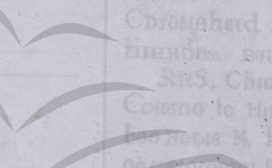
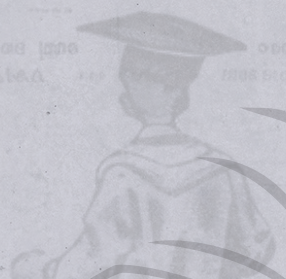
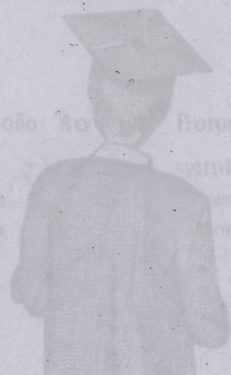
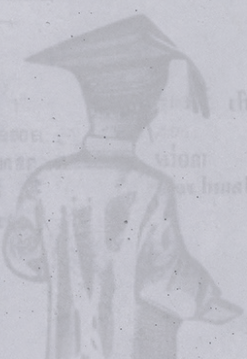
# SÃO MIGUEL



ed  
l are  
't  
eir  
she  
that  
es to

record breaking teen

A  
me  
aga  
H  
Lyl  
in  
ling





# O homem que virou fumaça

*Morre idoso que ateou fogo ao próprio corpo  
no metrô de São Paulo*

(Estadão - 02/06/2025)

**E**LE nasceu num canto esquecido de São Paulo, não daqueles que aparecem no centro do mapa, mas naqueles que ficam nos cantos que o asfalto já não cobre. Filho de uma empregada doméstica e de um pai que nunca teve nome, cresceu entre goteiras e panelas vazias. Desde cedo entendeu: tem gente que nasce com quintal e tem gente que nasce com limite.

Na escola, era o menino do uniforme sujo e caderno faltando folha. Chegava atrasado, quase sempre sem lanche, com os olhos fundos de quem madrugou lavando carro no farol. Era chamado de "preguiçoso", "desleixado", "vagabundo", "sem futuro", mas ninguém sabia o esforço que era apenas existir.

Crescer, para ele, não foi uma escolha. Enquanto os colegas falavam em vestibular, ele contava o dinheiro da passagem e catava latinha para comprar o pão. Trabalhou de ajudante, empacotador, servente. De tudo um pouco, por muito pouco. Tentou ser útil, mas sem sobrenome, sem indicação, sem currículo bonito, sem endereço fixo, foi sendo empurrado para fora, da escola, do mercado, do sistema.

Ele tentava. Todos os dias. Mas para quem nasce do lado errado da linha do trem, o caminho é mais difícil e mais solitário.

Quando perdeu o emprego, veio o despejo... a rua. Depois a fome. E, por fim, o esquentamento.

Na rua, virou invisível. Foi virando paisagem, um vulto entre os carros. A multidão passava e não o via, quando o observava, era de soslaio, seguia seu destino sem nenhuma empatia e atravessava a rua como se não o visse. A mesma cidade que ergue prédios de vidro ignorava quem dormia sob seus portões.

Na manhã daquela terça, na Estação São Bento, ele apareceu. Não com um discurso, não com uma arma, mas encharcado de gasolina por fora e de solidão por dentro... acendeu o fósforo. Não ameaçou ninguém. Só queria, por um instante, existir. Ser notado. Dizer: "Eu estive aqui. Eu gritei. Eu ardi. Vocês viram?"

E, por um instante, um único instante, todos o viram. As chamadas eram contra a indiferença, contra um sistema que nunca lhe deu outra escolha que não fosse o fim.

O trem foi evacuado. O noticiário alimentado, a manchete veio fria, como todas as outras. Não dizia nome, não contava história. Apenas informava o "incômodo" que foi causado na Estação de trem, como quem fala de um congestionamento ou da previsão do tempo.

Mas ele teve nome. Teve infância. Teve fome.

Na saída do trem, muitos disseram "Que absurdo!" "Essas pessoas exageram demais", "Falta Deus", "Falta educação"...

Mas não era falta de educação.

Era falta de tudo: de afeto, de casa, de chance. A fumaça subiu. O corpo caiu.

E, mais uma vez, a cidade seguiu. O barulho dos trilhos engoliu o grito que ninguém quis ouvir.

Quanto ainda vão precisar virar fumaça para que a gente reconheça o incêndio que a desigualdade acende todos os dias? Hoje foi ele. Amanhã pode ser outro. Porque enquanto houver fome, silêncio e preconceito, sempre haverá mais alguém prestes a acender um fósforo.

# O fugitivo sem noção

*Homem procurado não gosta de foto divulgada pela polícia e sugere outra*

(G1 - 26/07/2019)

**B**OM, eu sou um cara bem tranquilo, bem de boa na verdade. Meu nome é Rodolfo, tenho 34 anos e moro no centro de São Paulo, nada muito diferente do comum. Em certo período da minha vida, trabalhei como modelo em uma agência, já que não era muito bom em outras áreas de serviço. Falando sobre minha beleza, sou um cara muito charmoso e bem cuidado, ando sempre com o cabelo cortado e jamais, repito, jamais deixo a minha barba fora de linha ou uso uma roupa fora de moda, mas não só porque o trabalho exige, mas também porque as gatinhas se amarram.

Porém, entretanto, todavia, essa carreira não durou por muito tempo. Eu decidi seguir outro caminho em minha vida, isso com base nos meus ideais e pensamentos de um homem adulto e maduro (não sou maduro e pareço um adolescente tomando decisões). Por isso, em um belo dia, decidi que tentaria ajudar meus pais de outra forma (o que eu não contei foi que eu ainda moro debaixo do teto deles e tentava ajudá-los nas despesas com o que eu ganhava como modelo, o que não era muita coisa). Então, determinado a trazer mais mantimentos para casa e ajudar meus pais, eu achei uma forma um tanto quando malandra de fazer isso. Comecei indo ao mercado do meu amigo Edu, comprava umas coisas e pegava outras prometendo pagar depois. Meu amigo concordou e estava de boa com isso. E assim foi indo, pegava ali, prometia aqui e meus pais ficavam superfelizes comigo por eu estar conseguindo ajudá-los. Esse fato foi legal, pois eles passaram a me paparicar

com produtos de limpeza de pele, já que sabiam que sou muito cuidadoso com meu rostinho bonito.

Mas como “nem tudo são flores”, um dia meu amigo me cobrou:

— Olha, cara, você anda me prometendo que vai pagar os produtos que pega do meu mercado e até agora não recebi um centavo!

Com certo nervosismo, respondi na cara de pau:

— Não, Edu, fica tranquilo, irmão! Vou te pagar por cada uma das coisas que peguei.

E ele respondeu:

— Beleza, Rodolfo! Mas eu preciso que você faça isso até dia dezessete desse mês.

Depois dessa conversa e sabendo que eu não tinha um real no bolso para devolver ao Edu, decidi fazer mais uma coisa maluca, só que bem maluca mesmo! Eu arrumei uma desculpa dizendo aos meus pais que estava com uma saúde imensa dos meus avós e que iria visitá-los, e eles me apoiaram e até me levaram até a rodoviária.

Chegando na casa dos meus avós, fui muito bem recebido por eles. Como há muito tempo não os via, fiquei bem à vontade. Ali era um lugar perfeito para o meu esconderijo. Então, tentei ignorar que os dias estavam passando, mesmo sabendo que eu estava muito encrencado. Finalmente, o dia dezessete chegou e com ele um presente de grego: mais de duzentas ligações do Edu me cobrando e perguntando onde é que eu estava para devolver o dinheiro da dívida. Não vou negar que fiquei com medo e



até peguei meu ursinho para me acalmar, afinal não é uma situação fácil, e ainda pedi para meus pais falarem para ele - caso perguntasse - que eu trocara de número de celular.

Passaram-se dois dias e os telefonemas cessaram. Achei que já estava tudo de boa, que a barra estava limpa. Então, saí da casa dos meus avós a pedido deles para comprar algumas verduras e, ao caminhar despreocupadamente pela rua, pensando na minha própria beleza exuberante, me deparei com um poste cheio de panfletos. Ao me aproximar para examiná-los melhor, levei um grande susto quando li que nele tinha o meu nome completo e minhas informações com a seguinte frase: ESTE HOMEM É FORAGIDO DA POLÍCIA E É PROCURADO POR ROUBAR PRODUTOS DE UM MERCADO, CASO O VEJA, DISQUE 190. Porém o que mais me surpreendeu não foi o fato de eu estar literalmente sendo procurado pela polícia, foi a bendita fotografia que escolheram para mim. Poxa, de tantas outras que tinham, escolheram logo aquela, a que eu estava completamente feio e sem jeito, quase que não reconheço aquela foto. Isso me deixou furioso. Imediatamente, fui à delegacia com as verduras e tudo, querendo falar com o delegado sobre aquela péssima escolha da minha imagem. Cheguei lá exigindo outra fotografia. O delegado, paciente, respondeu:

— Podemos refazer isso sim, rapaz, contanto que você espere alguns minutos pelo fotógrafo.

E assim foi feito, eu mais arrumado, com a barba feita e cabelo cortado... foi tirada outra fotografia. Eu já estava

muito satisfeito e pronto para ir embora quando fui surpreendido de forma inesperada pelo delegado:

— Pensa que vai aonde, mocinho? Você ainda é um fugitivo, rapaz! Ou melhor, acaba de ser encontrado!!!!

# A mensagem na garrafa

*A mensagem numa garrafa encontrada após 135 anos*

(G1 - 19/11/2022)



**E**U tinha doze anos quando estava arrumando o sótão de casa, e foi lá que encontrei uma caixa com algumas coisas da minha família, como fotos, cartas e uma garrafa estranha com uma carta dentro. No começo, achei estranho e fiquei com vontade de abrir a garrafa na mesma hora, mas sabia que precisava terminar de arrumar o sótão primeiro.

Quando acabei, fui correndo pegar a garrafa e pensei em como poderia abri-la sem quebrá-la, mas não consegui. Então, fui chamar meu pai para me ajudar. Como ele não conseguiu, resolvemos quebrá-la. Nesse momento, tive uma grande surpresa, pois dentro havia uma carta com uma mensagem dos meus familiares e várias receitas típicas da Itália escritas nela. Meu pai me disse que essas receitas são passadas de geração para geração e que os avós falavam para seus netos. Fiquei surpreso ao descobrir que nunca tinha ouvido falar de receitas de família sendo passadas dessa forma.

Minha avó havia morrido antes de eu nascer, mas senti como se estivesse ouvindo sua voz através da carta. A partir daí, meu pai começou a me contar mais sobre nossa família, e acabei descobrindo que tínhamos um restaurante na Itália, que acabou falindo, e, por isso, eles se mudaram para o Brasil.

Depois de alguns anos, me formei em gastronomia e abri um restaurante pequeno de comida italiana que, a cada dia que passa, é mais conhecido. E sabe de onde vem a receita do prato principal? Adivinhou? Isso mesmo! Dos escritos da minha querida avó italiana! É incrível pensar que uma carta numa garrafa mudou minha vida de forma tão profunda! Agora, estou vivendo a história da minha família. Isso é sensacional!!!



# O verdadeiro destruidor de casamento

*Destruidor de casamentos profissional? Homem cobra R\$3 mil para estragar festas de casamento*

(Metrópoles - 12/09/2024)

**H**OJE, enquanto eu estava voltando para casa, fiz o mesmo caminho de sempre. Porém, quando passei em frente a famosa Praça do Forró e vi a Capela dos Índios, lembrei de uma história da qual participei há alguns anos, época em que eu era um Destruidor de Casamentos. Isso mesmo! Eu era contratado para destruir casamentos de noivas e noivos que achavam que iriam ser felizes para sempre! Coitados! Para deixar bem claro, eu não me orgulho disso, mas, naquela época, era a minha maior fonte de renda.

Se me lembro bem, era o final dos anos 90, todos preocupados com o grande bug do milênio, com a futura revolução tecnológica, e até mesmo aqueles mais conscientes, preocupados com a sustentabilidade ambiental. Mas, no meio de tudo isso, havia aqueles que estavam apenas vivendo suas vidas, como foi o caso deste casal de noivos, que achava que ia se casar e viver feliz para sempre. E talvez iria mesmo, se não fosse... eu. Digo isso porque eu fui contratado para destruir o casamento deles. Pois é, eu colocava anúncios no jornal oferecendo meus serviços. Os interessados entravam em contato, explicavam sua situação, eu bolava um plano, esperava e na hora do casamento, eu aparecia e acabava com tudo! Apenas. E com eles não foi diferente.

A noiva estava ansiosa, animada pelo dia que usaria seu lindo vestido branco. O noivo, empolgado, porque iria se casar com o amor da sua vida. Ninguém imaginava que

alguém estava querendo destruir tudo aquilo. Eu recebi uma ligação anônima de um homem, que tinha uma voz peculiar. Aquela voz parecia de alguém que estava fazendo gargarejo, enquanto comia pipoca, ou algo assim. Ele fez seu pedido de destruição de casamento e, no dia combinado, eu apareci, gritei:

— Eu sou contra! Ela tem um caso comigo há dois anos e nós vamos nos casar!

Houve uma comoção geral, o irmão do noivo (acredito que era seu irmão gêmeo, pois eram idênticos) levantou-se, me deu um soco e me jogou para fora da igreja, o que me possibilitou ganhar mais dois bônus de pagamento, pois cada agressão contava como um extra. Ainda no chão, eu vi a porta da igreja abrir e o noivo sair gritando “está tudo acabado!”. A noiva veio logo em seguida chorando e gritando “amor, espera! eu não conheço este homem! isso é tudo mentira! Eu não sei o que está acontecendo!”. Porém, o noivo simplesmente continuou ignorando suas súplicas, entrou em um táxi e foi embora, coisa que eu também fiz rapidamente, pois eu não queria morrer ali.

Muitos anos se passaram, eu mudei de profissão, me casei e fui até a maternidade visitar minha esposa que tinha acabado de dar à luz ao nosso primeiro filho. Após vê-los, fui até o corredor fazer uma ligação de negócios e, estava andando distraído, com a cabeça baixa, quando vi ao longe o “noivo” da história que acabei de contar a

vocês. Fiquei atônito e me escondi rapidamente enquanto ele passava. Eu mal tive tempo de recobrar minha consciência e o “noivo” já tinha entrado no quarto que ficava ao lado do que a minha esposa e o meu filho estavam. Curioso, eu me dirigi até a porta do quarto de minha esposa. A porta ao lado estava aberta e, graças a isso, pude ouvir uma voz feminina dizendo:

— Que bom que você chegou, amor, nós três estávamos esperando por você! Não vemos a hora de ir para casa!

Ao que ele respondeu:

— Oi, amor! Vamos embora já, já! Nossos gêmeos são lindos, não é?

E ela retrucou:

— Puxaram sua genética! Gêmeos, filhos de um gêmeo!

O restante eu mal consegui prestar atenção, pois a voz do pai dos gêmeos era idêntica àquela que me ligou anos atrás e que parecia com alguém que estava fazendo garga-rejo, enquanto comia pipoca. Não resisti e tentei dar uma discreta espiada no quarto, passei de levinho e vi deitada na cama a “noiva” que lhes falei, a qual destruí o casamento anos atrás. Fiquei chocado e logo pensei “mas eles estão juntos novamente? Não! Espera! Eu conheço esta voz, era do homem que me ligou para destruir este casamento! E... eu também me lembro da voz do noivo gritando ao sair da igreja, era uma voz completamente comum! Então quer dizer, que este não é o “noivo” da “noiva”. É o irmão gêmeo do noivo!

De repente, ouvi minha esposa me chamando e aí daquela viagem de pensamentos caóticos para atendê-la. Quando consegui ter um tempinho, pedi licença e fui dar uma outra espiada no quarto ao lado, porém, eles não estavam mais lá.

Aghatta Victoria Castro de Souza Alves, 11 anos  
Anna Clara Dias Ramos, 12 anos  
Anna Luiza Silva da Costa, 11 anos  
Julia Vieira de Jesus, 13 anos  
Manuela Rodrigues Fernandes, 11 anos  
Maraya Victorino Viana, 11 anos  
Pietra Sophia Procópio, 13 anos  
Rafael Sales de Queiros, 11 anos  
Sophia Vitoria Nunes de Jesus, 11 anos



# O homem com uma frigideira

*'Menino maluquinho': homem espanta invasor de casa com frigideira, nos EUA*

(O GLOBO - 21/06/2024)

VOCÊ acreditaria se eu dissesse que espantei um bandido com uma frigideira? Pois é, nem eu. Nesse dia, eu me senti um super-herói! Mas antes de contar essa história louca, preciso me apresentar, meu nome é James Williams, tenho 25 anos e moro em Chicago.

Era uma quinta-feira qualquer, enquanto voltava do meu trabalho como barista em uma loja de café para minha casa, recebi um alerta de segurança no meu celular, fiquei meio assustado, era a primeira vez que isso acontecia. Quando cheguei e entrei na minha casa, me deparei com o ladrão descendo as escadas com o meu notebook em mãos. Ele parou no meio das escadas, eu olhei para ele, ele olhou para mim, eu olhei para o notebook e, de novo, para o meliante; então, eu soltei minha mochila no chão e corri para cozinha e peguei a primeira coisa que vi pela frente: uma frigideira suja de gordura que estava em cima do fogão. Eu bem que falei pra minha mãe que minha desorganização me ajudaria algum dia, só não achei que fosse ser com algo assim. Mas, voltando, depois disso, o ladrão soltou meu computador em cima do balcão e começamos uma perseguição. Ele pulava em cima das minhas coisas e fazia uns *parkours* estranhos, mais parecia o homem aranha. Fomos correndo para o meu quintal e rodamos em volta da minha casa inteira; essa correria toda estava começando a ficar ridícula, está certo que eu estou com uma “arma” em mãos, mas... eu sou tão assustador assim? Para um ladrão,

ele é bem atrapalhado, parece até que é o primeiro dia dele roubando. Estávamos parecendo o Tom e o Jerry correndo desse jeito, eu com uma frigideira na mão e ele parecendo o coragem: o cão covarde.

Quando ele abriu o portão para fugir de mim, eu comeci a acertá-lo na cabeça, mas, mesmo assim, ele conseguiu passar pelo portão. Logo a polícia apareceu, apesar de não adiantar muito, pois eu fiz todo o trabalho duro, mas tudo bem, o bandido foi preso, eu claro, postei a filmagem da câmera de segurança nas redes sociais e ganhei milhões de curtidas. Fiquei conhecido como “O cara da frigideira”. Apesar de cansativo, foi divertido ver o ladrão sendo escoltado depois de perder para um fracote como eu.

Bom, agora estou vendo a notícia disso tudo na TV enquanto como salgadinho; *Bandido é levado ao hospital e, finalmente, para a cadeia*. Acredito que agora outros ladrões irão passar bem longe da minha casa, pois quem entrar aqui já sabe!! A frigideira está areada, só aguardando.

Julia Ribeiro Félix, 14 Anos

Liz Joelma Galindo Condori, 16 Anos

Maria Clara Espindola Betineli, 14 Anos

Maria Luiza Calkavicius, 14 Anos

Melyssa Soares Choti, 14 anos

Nicole Serra Moura, 13 Anos

Nicole Andrade dos Santos, 14 Anos

Sofia de Freitas, 15 Anos

**A**S diversas religiões acreditam que o ser humano foi criado por uma mão superior. Enquanto na ciência, uma das teorias diz que somos descendentes do macaco. Será? Mas como, se eles ainda existem? Será mito? Como ouvimos e não julgamos, não podemos desacreditar de nada. Até porque a maioria das religiões afirma que o homem foi criado do pó, da lama ou do barro. A ciência dos últimos tempos, com várias pesquisas, nos revela que as religiões podem ter razão. Descobriram recentemente que, em nossas células, temos porcentagem de argila. O que isso significa? Então em quem podemos acreditar?

Mas, como gostamos muito de imaginar, já começamos a pensar: e se fôssemos de barro, teríamos que tomar mais sol? Daí começa o nosso primeiro problema, pois sol em excesso danifica a pele. Embora também seja necessário para a vitamina D. Acho que ia dar um trabalhão nos dias de chuva. Íamos ficar todos molengas. A única coisa boa é que não íamos mais precisar ir pra escola nesses dias chuvosos.

Mas pensando por outro lado, se fôssemos de barro, todos os dias poderíamos mudar nossas formas e nos transformarmos em outra pessoa ou outra coisa, tipo uma xícara, ou uma jarra por exemplo. O único problema seria se a gente esquecesse da forma original né? Íamos acabar perdendo nossa identidade.

Também tem uma curiosidade. Depois que secássemos, poderíamos nos pintar de diversas cores, igual aqueles vasos indígenas, todos decorados, cheios de artes milenares.

Por fim, nós não estamos afirmando que isso aconteceu de verdade, e nem podemos dizer que não. Isso só prova que a humanidade ainda tem um longo caminho pela frente, que nada pode ser descartado. Não devemos desacreditar de nada, até porque não sabemos ao certo qual é a verdadeira resposta.

Nicolly Silva Jesus, 11 anos

Stefany da Silva Oliveira

Jhefany Silva Rosa, 10 anos

Luisa de Siqueira Silva, 10 anos

Sarah Silva Santos, 10 anos

Bianca Barros Batista, 11 anos

Ryan da Silva Nascimento, 9 anos

Ana Luiza Andrade Santiago, 9 anos

Lara Manuella Santos Mendonça, 10 anos

Rebeka de Aquino Nunes, 9 anos

Rayssa de Melo Santos, 9 anos

Micaelly Kimberlyn Souza dos Santos, 11 anos

Julia Moraes dos Santos, 10 anos



# O terror da catraca

*Boi fica preso em telhado após pular cerca de pasto em Santa Catarina*

(SBT News - 22/05/2024)

— Murcha a barriga, filho, que eu te empurro!

Só quem já ouviu essa frase pode imaginar o que é terror.

Certamente, vocês já viram pessoas passando por debaixo de uma catraca. Especialmente as crianças, que são forçadas pela própria mãe a protagonizar essa cena engraçada e trágica.

— Quem sabe sobra um troco para comprar um salgadinho, filho?!

Essa frase já enganou muita gente.

— Na volta, a gente compra!

Pior ainda é quando você se entala e fica com a cara toda vermelha de vergonha. Pede ajuda. E como podem ajudar? Puxa daqui, empurra de lá, e vem a tão temerosa frase:

— Murcha a barriga, filha! Eu falei para você não comer 5 “pão” de manhã.

Mães têm esse dom de nos deixar sempre envergonhados nos piores lugares possíveis. “fica aí na fila, que vou pegar um negocinho e já volto”, parece uma coisa. O caixa estava parado, ninguém mais passava e, de repente, vira o Ayrton Senna dos caixas, não é possível.

Ou então, quando estamos “de boa” andando na rua e, do nada, justamente do nada, ela começa a cantar. Ou quando encontra alguém e fica no meio da rua, parada conversando. “Pelo amor de Deus, gente, comprem uma pizza, e vão conversar em casa”. Claro que só pensei, se falasse isso em voz alta, misericórdia.

Mas quando nos tornamos adultos, adivinha qual é a primeira coisa que sentimos falta?! Desses momentos de vergonha alheia feitos pelas nossas queridas mãezinhas!

Mas, enfim, esse é o jeitinho de mãe. Só espero que a minha não esteja lendo este texto, senão quando ela se der conta, já vai me pegar pela orelha.

“Mas, mãe, a professora disse que todo mundo pode escrever uma crônica pra enviar.” E logo, certamente vou ouvir a célebre frase:

— Mas você não é todo mundo!

Ana Jhulia Antônio Sales Pereira, 13 anos

Ingrid da Silva, 13 anos

Ana Julia Silva Moraes, 13 anos

Brenda Gonçalves de Sousa, 11 anos

Emilly Santana de Jesus, 12 anos

Rafaelly Christini da Silva Nunes, 12 anos

Enzo Ryan Fernandes da Silva Oliveira, 12 anos

Livia de Souza Crispim, 11 anos

Isabelle Rayssa Araujo Silva, 12 anos

Laura Eduarda Silva de Oliveira, 11 anos

Nicolle da Conceição Luongo Dermal, 15 anos

Julia Fernandes Bitencourt, 14 anos

Pedro Zablonki Barros Bernardino, 14 anos

Julia Fernanda Galhardo Liberato, 14 anos

Arthur Alves de Sousa Fernandes, 14 anos

Emily Laura da Silva de Almeida, 12 anos

Mykael Natan Pereira dos Santos, 12 anos

Alicia Mikaelly Lima Fruchi, 12 anos

Enzo Simões Porto, 12 anos

Isabelle Ferreira Sardinha, 14 anos

**E**M uma noite de Natal, Letícia ganhou de presente dos seus pais uma “linda” boneca. Logo, a menina resolveu carinhosamente dar-lhe o nome de Ana Alice. Ela levava Ana Alice para todos os lugares, principalmente para a escola.

Os seus amigos tinham medo da boneca, mas ela não se dava conta, aos poucos eles foram se afastando. Nos intervalos, ela estava sempre com a Ana Alice, e isso fazia com que ninguém chegasse perto dela.

Letícia ficava muito triste, eis que então sua amiga Júlia resolveu lhe falar e esclarecer o que estava acontecendo:

— Você sabia que as outras crianças não querem brincar com você, porque têm medo da sua boneca?

— Ah! Sério? Mas o que ela tem de mais?

— A sua boneca parece com a Annabelle, que é uma boneca assombrada.

— Não acredito nessas coisas.

O intervalo acabou e todos foram para suas salas.

Letícia então foi conversar com a professora e pedir sua opinião.

Quando mostrou a boneca para a professora, ela fingiu não ter medo, mas não podia demonstrar o seu espanto perante a figura daquela boneca tão assustadora.

E contou a história de Annabelle, principalmente, ambos incêndios ocorridos no Rio de Janeiro e no Museu nos Estados Unidos.

E decretou:

A partir de amanhã somente jogos de tabuleiro serão permitidos, pois assim todos brincam juntos e todos se divertem.

Marcos, seu amigo, no dia seguinte trouxe um tabuleiro Ouija, mal a professora sabia que era um jogo de tabuleiro espiritual. Dessa vez, todos os amigos foram brincar; de repente, a luz se apagou e todos saíram correndo.

Letícia, então, pensou:

Antes a professora tivesse liberado brincar com a boneca, mal ela sabe a história desse tabuleiro aterrorizante.



# Me fala, me fala, me fala... Por que tem que ser assim?

*Homem em situação de rua morre após ser baleado na cabeça em Caraguatatuba*

(Band - 31/03/2025)

**E**RA na minha favela em São Mateus, um jovem amigo meu chamado Paulo, de uma família que era amiga da minha havia uns três anos. Ele tinha começado a namorar e sempre foi esforçado em trabalhar. Fazia “um bico aqui, outro ali”, até que foi aceito um currículo dele para trabalhar em uma empresa de tele-marketing. E lá ficou durante um mês por causa de ter descoberto uma traição por parte de sua namorada.

Passados alguns anos, desiludido, ele começou a beber, fumar “só unzinho” até que, foi-lhe apresentada uma outra droga, que era igual a uma “viagem”, o crack.

Foram se passando os meses, e ele foi pego roubando na sua quebrada – celular, botijão de gás, até mesmo varal – mas nunca foi preso. Daí, para arrumar dinheiro, começou a catar reciclagem para comprar a droga e sustentar o seu vício que o torturava, fazendo-o refém da abstinência. A família dele, quando ficou ciente disso, tentou interná-lo numa clínica de recuperação para viciados. Nem tendo completado 15 dias, a clínica informou à família que ele havia fugido.

Após quatro meses de procura, num certo dia, alguém da família o identificou numa notícia, descobrindo que ele tinha sido morto, baleado na cabeça, durante uma emboscada feita pelo dono de uma adega. Descobriu-se que, no dia de sua morte, um comerciante muito revoltado, já

cansado dos sucessivos furtos e assaltos realizados pelos viciados da região, armou-se com um revólver. Até que, no mesmo dia, no fim de uma sexta-feira bem quente de São Paulo, chegou um jovem com aparência de homem de meia idade, vestindo uma blusa de moletom bem suja e de cabeça curvada coberta totalmente pelo capuz. O forte odor do então dependente e andarilho, já na porta do estabelecimento, chamou a atenção do vendedor de bebidas. Paulo aproximou-se e dirigiu-se a ele com certa “atitude suspeita”, e então pediu-lhe uma latinha de cerveja, apenas por pretexto, já que a intenção era conseguir qualquer coisa que pudesse trocar por pedras de crack.

O comerciante, em fúria, sem pensar em nada, sacou da pistola engatilhada que estava em sua cintura e desferiu três disparos contra a cabeça de Paulo, que caiu morto imediatamente. Caíram-se mesas e cadeiras que estavam na frente da adega. O sangue cor de vinho misturou-se ao líquido espumante que saía de uma garrafa de cerveja quebrada que estava sobre uma das mesas, servindo de amostra.

O comerciante voltando a si percebeu o que fez e, tomado de remorso, decidiu prestar socorro. Por causa do calor, iria pelo menos tirar o moletom do falecido, mas, quando fez um leve movimento, o capuz deixou-se revelar um rosto. Naquele exato momento, reconheceu que era

um velho conhecido seu, amigo de infância, que lhe dava muitos conselhos e sempre o advertia sobre o perigo das drogas. Com o morto nos braços, pôs-se aos prantos, descreditando do que fez. Avisou os familiares de sua vítima sobre o ocorrido e arcou com todo enterro. A família demorou a entender o porquê da tragédia com tamanha intolerância e, mesmo sabendo que já foram amigos, não conseguiu aceitar de pronto aquilo tudo. Ele, então, entendido da situação, compreendeu e seguiu seu caminho com a adega. Mas, passados alguns meses, teve de fechá-la, falindo completamente, pois uma nova biqueira passou a funcionar na rua de baixo, tornando-o vítima mais frequente de furtos, roubos e confusões com os próprios clientes por causa disso – das consequências das drogas – que além de lhe ter feito matar o amigo, terminava por matar também o seu único sonho, o de prosperar com o seu negócio na quebrada!

E assim termina a história de Paulo, um grande amigo meu que se esqueceu de seguir os próprios conselhos que me deu, em vez de ter usado o cérebro, usou demais a boca e o cachimbo. Esse é o fim de um jovem simples, cidadão e morador da periferia de São Paulo, semelhante ao de muitos desse nosso imenso Brasil.



## Coloque-se no seu lugar

*Ministra é ofendida por parlamentares, tem microfone cortado e se retira de sessão no Senado*

(UOL - 10/07/2024)

— Coloque-se no seu lugar!

Disse o chefe de cozinha à cliente que acabara de sentar-se na melhor mesa de um famoso restaurante, mesa esta com vista para o mar.

Pacientemente, a cliente respondeu:

— Não... Por quê?

— Porque eu sou um dos chefes de cozinha mais renomados do país!

A cliente sentiu-se um tanto acuada com a resposta arrogante que o chefe lhe deu, mas quis saber um pouco mais sobre ele e perguntou:

— É assim que você trata os seus clientes?

O chefe sentiu-se confrontado por aquela simples mulher que ele não conhecia e decidiu retrucar:

— Com clientes que não estão à minha altura sim!

Mas o que o chefe de cozinha não sabia era que a cliente, na verdade, era uma avaliadora de um dos guias mais importantes de bares e restaurantes do Brasil e estava ali para avaliá-lo. Diante da postura do chefe, a avaliadora resolveu continuar o diálogo para ver até aonde isso iria chegar e disse:

— O que o faz pensar que eu não sou uma cliente à sua altura?

— Em comparação aos clientes que frequentam esse restaurante, a senhora não me parece estar de acordo com o perfil. E ainda completou dizendo de forma desrespeitosa:

— Coloque-se no seu lugar!

Ela levantou-se encarando o chefe de maneira firme e disse com seriedade:

— Coloque-se o senhor no seu lugar! O senhor não sabe quem eu sou e, de qualquer forma, o senhor não deve tratar nenhum cliente baseando-se na aparência ou na hipótese que o senhor levante sobre a classe social ou econômica da pessoa!

— Me poupe dos seus discursinhos, você é só mais uma pessoa insignificante...

— Já que o senhor não me conhece, então vou me apresentar: sou uma pessoa insignificante contratada por um dos melhores guias de avaliação de bares e restaurantes do Brasil, e já que o senhor mandou eu me colocar no meu lugar, eu vou avaliar como péssimo o atendimento do renomado chefe de cozinha deste estabelecimento.

O chefe de cozinha em estado de choque tentou reverter a situação constrangedora se desculpendo com a avaliadora, oferecendo gratuitamente o melhor prato do restaurante com direito à sobremesa.

— Não, muito obrigada, eu quero falar com o gerente sobre seu comportamento desrespeitoso.

O gerente aproxima-se e a cliente revela ser uma avaliadora e diz que o chefe havia sido desrespeitoso com ela devido à sua aparência.

Imediatamente, o gerente se desculpa pelo comportamento do chefe de cozinha e fala que vai tomar providências. Então, oferece à avaliadora o melhor jantar do cardápio e a melhor sobremesa por conta da casa, mas ela recusa e diz que irá dar uma avaliação baixa por causa do comportamento inadequado do chefe.

Alice L. Nishimura, 14 anos

Beatriz T. França, 12 anos

Davi F. de Sousa, 12 anos

Emilly I. R. Cardoso, 14 anos

Hélio J. M. de Macedo, 12 anos

Josymara M. Barreto, 14 anos

Lara P. de Paula, 13 anos

Maria Vitória de C. Cardoso, 14 anos

Murillo A. D. Rodrigues, 12 anos

Selena G. Esteves, 12 anos

Stefany B. do C. de Jesus, 14 anos

Yasmin de O. Santos, 14 anos

# Acidente de ônibus

*Acidente de ônibus deixa ao menos  
11 mortos no interior de MG*

(Folha Regional - 08/04/2025)

**E**U estava em casa assistindo televisão normalmente, de repente, uma notícia séria apareceu: um acidente de ônibus, onze pessoas mortas e algumas feridas. Aquela reportagem me impactou seriamente, o jornalista começou a falar os nomes das pessoas que haviam morrido.

O acidente aconteceu em Minas Gerais, isso me fez lembrar que minha tia e meu primo estavam neste ônibus, e o repórter falou os nomes deles, aquilo me fez entrar em pânico. Meu primo tinha apenas um ano e minha tia vinte e três anos. Imagina perder dois parentes em um acidente só e no mesmo dia.

Eu fui correndo falar para meus pais sobre a morte deles, eles pensaram que estava brincando com um assunto sério. Quando mostrei a eles a notícia, caíram no choro, ligaram para nossos familiares e todos ficaram em choque e, de repente... eu acordei, com o rosto suado, ufa, tinha sido apenas um sonho, aliás um pesadelo.

Depois, descobri que o acidente realmente tinha acontecido, mas meus parentes estavam vivos.



# O sofrimento valeu a pena, Timão!

*Hugo se consagra, Corinthians segura Palmeiras com um a menos e é campeão*

(UOL - 27/03/2025)

**M**AHO, que jogo!

Quinta-feira, 27 de março, final do Paulistão 2025: Corinthians x Palmeiras. Já tinha vencido o primeiro jogo por 1x0, mas ninguém aqui estava tranquilo não. Afinal, é Corinthians, né? A gente nunca ganha sem antes sofrer um pouco ou muito. Desde que acordei, o coração estava acelerado.

Fui pra escola pensando no jogo, voltei contando as horas. Quando a bola rolou, parecia final de Copa do Mundo. O Palmeiras veio babando, querendo virar o placar, mas o Timão segurou firme. Tinha hora que nem piscava. Quando eles fizeram um gol no segundo tempo, quase chorei. Mas aí lembrei: a gente ainda estava na frente. A tensão foi até o último segundo. E quando o juiz apitou o fim... meu Deus! Foi só grito, festa e aquele alívio que só o corintiano entende. CAMPEÃO PAULISTA 2025! Fiz barulho que nem torcida no estádio. Tadinho do meu cachorro ficou doido com tanta gritaria.

Ser corintiano é viver no limite, é sofrer e comemorar com alma. O importante agora é só comemorar e esperar pelo próximo sofrimento... ops... campeonato.





# COORDENAÇÃO AEL NAS DRES

## **BUTANTÁ**

Pâmella Brum Pereira Cabral

## **CAMPO LIMPO**

Cleomar de Souza Lima  
Elaine Silva Lacerda

## **CAPELA DO SOCORRO**

Deusdete Cassio de Jesus

## **FREGUESIA/BRASILÂNDIA**

Melina Rodolpho  
Roberto Antônio Maciel

## **GUAIANASES**

Maria Inês Alves Pereira  
Valéria Silva Nascimento de Oliveira

## **IPIRANGA**

Renato Brunassi Neves dos Santos Silva

## **ITAQUERA**

Cinthia Krayuska de Araújo Sousa  
Lúcia Ramalho Nunes Munis

## **JAÇANÃ/TREMEMBÉ**

Ivan Venturini

## **PENHA**

Paula Gardenia Lucena Gallego  
Thalita Garcia Lopes

## **PIRITUBA/JARAGUÁ**

Rita de Cássia Fernandes de Souza

## **SANTO AMARO**

Cláudia Gonçalves da Silva

## **SÃO MATEUS**

Ana Paula Rodrigues De Sousa Oliveira

## **SÃO MIGUEL**

Vanessa Carneiro Dias







**PROJETO GRÁFICO**  
**Centro de Multimeios - CM**

Ana Rita da Costa - Diretora

**Núcleo de Criação e Arte - NUCA**

Açunciara Aizawa Silva

Aline Frederick Santos

Angélica Dadario - projeto e diagramação

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Julia Gonçalves Rizzo - estagiária

Marcos Roberto da Silva Moreira

Raquel Nogueira Janoni - estagiária

Simone Porfirio Mascarenhas

**Biblioteca Pedagógica**

Roberta Cristina Torres da Silva - Revisão textual

Elementos visuais capa: Adobe Stock



**PREFEITURA DE  
SÃO PAULO**